



Universidade do Porto

Faculdade de Letras

Departamento de História

Curso de Doutoramento em História

A Batalha de Toro

Volume II – Sumário das Principais Ocorrências Militares

Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Orientação: Prof. Doutor Luís Miguel Duarte
Co-orientação: Prof. Doutora Maria Isabel del Val Valdivieso (U. Valladolid)

Marcelo Augusto Flores Reis da Encarnação

Porto

Novembro / 2011

PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS MILITARES ENTRE 1475-1480

Obs.: o partido atacante aparece em primeiro lugar; os números/nomes presentes ou omissos representam o que o cronista incluiu na redacção da obra; as datas apontadas junto ao nome do episódio militar correspondem ao levantamento feito por outros autores, nomeadamente, pelo Prof. Luis Suarez, dizendo respeito ao início do episódio em questão. Nem sempre as mesmas coincidem com as datas que são dadas pelos cronistas. Isto é facilmente compreensível se pensarmos que a maioria das operações militares são cercos e os mesmos têm uma duração prolongada no tempo, pelo que nem sempre os cronistas se reportam aos mesmos momentos. Quando não foi possível aferir uma data, a mesma não foi indicada.

Alcaraz (castelo)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, conde de Paredes, Mestre de Santiago, vice-rei e governador da província de Toledo <u>Partido do marquês de Villena:</u>	---	Rodrigo Manrique combateu e tomou o castelo de Alcaraz sem que Diego Téllez Pacheco lhe pudesse valer, não obstante ter mandado gente sua e também do Mestre de Alcântara e isto porque os vizinhos da vila estavam por D. Isabel, ao passo que a guarnição do castelo se apresentava pelo marquês de Villena. O castelo teve de se dar por partido porque não foi socorrido. Foi possível aos soldados sair com os seus bens.	XLVI
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, conde de Paredes e Mestre de Santiago; Alfonso Fonseca, bispo de Ávila e senhor de Coca <u>Partido do marquês de Villena:</u> Martín de Guzmán, alcaide,	<u>Partido de D. Fernando:</u> 500 cavaleiros 2000 peões + gente de cavalo liderados pelo bispo de Ávila, que o cronista não especifica <u>Partido do marquês de</u>	Os de Alcaraz pedem ajuda a Rodrigo Manrique. Chegam os homens do marquês de Villena e devido a esse facto, D. Fernando envia o bispo de Ávila com reforços. Por haver tanta gente a cercar a fortaleza, Diego Pacheco não ousa descercar a mesma. Martín de Guzmán teve de entregá-la. Alcaraz passa para a Coroa. Devido à sublevação popular e receando outros episódios semelhantes no marquesado, o marquês empenhou-se em atrair D. Afonso V a entrar em Castela.	I, XXXVI

		marquês de Villena	<u>Villena:</u> 2000 lanças 4000 peões		
Afonso de PALENCIA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, Pedro Fajardo, adiantado de Múrcia, Pedro Manrique, <u>Partido do marquês de Villena:</u> marquês de Villena; conde de Plasencia, mestre de Calatrava e o conde de Ureña (primos do marquês);	<u>Partido de D. Fernando:</u> 300 cavaleiros 300 peões+ 400 lanças e escolhida infantaria. Palencia totaliza em 1300 lanças e peões veteranos de guerra <u>Partido do marquês de Villena:</u> 2000 lanças + muitos peões	Os de Alcaraz pedem ajuda aos Reis Católicos, os quais responderam que um mês depois enviariam 300 cavaleiros. Os moradores tomam a cidade e sitiaram a fortaleza. Pedem também ajuda a Rodrigo Manrique. Palencia nota a localização estratégica da cidade, que apenas era fácil atacar se fosse a partir da alcáçova do castelo. Com ambas as forças já armadas, o marquês de Villena não dá combate e desiste de Alcaraz, a qual teve de se render. Foi posteriormente derrubada pelos vizinhos.	II, Livro II, cap. VI
Diego de VALERA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alonso de Fonseca, bispo de Ávila; Rodrigo Manrique; Pedro Manrique; Pedro Fajardo <u>Partido do marquês de Villena:</u> o cronista não especifica	<u>Partido de D. Fernando:</u> 300 lanças (Fonseca) + 300 lanças e 300 peões (R. Manrique) + 200 lanças (P. Manrique) + 400 lanças e 1 000 peões (Fajardo) Total: 1 300 lanças e 2 000 peões (cidade e rei) <u>Partido do marquês de Villena:</u> 2 000 lanças e muitos peões	Moradores de Alcaraz pedem ajuda a D. Fernando e por si só atacam a fortaleza e cercam-na. Com o apoio dos reforços, os aldeões juntaram todos os víveres que conseguiram das aldeias vizinhas, para que os inimigos não lhes conseguissem chegar. Os apoiantes do mestre não deram batalha, a fortaleza teve de capitular e foi depois derrubada.	V
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alonso Fonseca, Bispo de Ávila; Rodrigo Manrique, Conde de Paredes e Mestre de Santiago; Pedro Fajardo,	<u>Partido de D. Fernando:</u> 300 cavaleiros + 300 cavaleiros 300 peões +	Os populares de Alcaraz querem passar a ser controlados pela Coroa, e não pelo marquês de Villena. D. Fernando envia homens para cercar o dito castelo. Devido à presença de Rodrigo Manrique na linha da frente, não ousou o partido do marquês de Villena dar batalha e o castelo de Alcaraz foi	Livro XIX, cap. XXVIII

		adiantado de Múrcia; Pedro Manrique <u>Partido do marquês de Villena:</u> Martín de Guzmán, alcaide do castelo	400 cavaleiros muitos peões <u>Partido do marquês de Villena:</u> Grande número de gente, mais do que o partido oposto, mas o cronista não quantifica.	tomado para D. Fernando. Em seguida, o castelo foi derrubado.	
<i>Crónica Incompleta...</i>	Cerco. 1475/Maio	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alonso Fonseca, Bispo de Ávila; Rodrigo Manrique, Conde de Paredes e Mestre de Santiago; <u>Partido do marquês de Villena:</u> marquês de Villena, mestre de Calatrava	<u>Partido de D. Fernando:</u> Muita gente, não especificando o cronista <u>Partido do marquês de Villena:</u> 2 000 cavaleiros 7 000 peões	Os populares levantaram-se contra a fortaleza, alçando pendões por Fernando e Isabel. As cavas e paliçadas necessárias ao cerco goraram os planos de Diego López Pacheco para descercar Alcaraz, a qual teve de se render pela fome. A fortaleza foi destruída.	XVI
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Ciudad Rodrigo					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo Obs.
	Rui de PINA	---	---	---	---
	Damião de GÓIS	---	---	---	---
	Garcia de RESENDE	---	---	---	---
	Fernando del PULGAR	---	---	---	---
	Afonso de PALENCIA	---	---	---	---
	Diego de VALERA	---	---	---	---
	Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---
	Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---
	Jerónimo ZURITA	---	---	---	---
	Cercos 1475	<p>1º momento:</p> <p><u>Partido de D. Fernando:</u> Diego del Aguila; Sancho de Ávila; Rodrigo Maldonado</p> <p><u>Partido do marquês de Villena:</u> Omisso</p> <p>2º momento:</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Luís de Meneses, bispo de Évora; Fernando da Silva;</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> 100 lanças</p> <p><u>Partido do marquês de Villena:</u> Omisso</p> <p>2º momento:</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> 300 cavaleiros 7 000 peões</p> <p><u>Partido de D. Fernando:</u> 100 lanças</p>	<p>Julgando a entrada de D. Afonso V em Castela iminente, Isabel e Fernando mandaram negociar com Diego del Aguila, que tinha a alcáçova do castelo de Ciudad Rodrigo e se declarava por D. Juana. Negociações levadas a bom porto, os reis mandaram chamar um seu capitão – Sancho de Ávila, para reforçar a guarnição com 100 lanças. Além disto, D. Isabel mandou Rodrigo Maldonado expulsar da cidade os cavaleiros inimigos que lá estivessem. Maldonado prometeu juntar homens para levar a cabo a empresa que tinha pela frente. Maldonado e os seus homens saíram de Monteleón mas por causa da chuva que havia caído intensamente, tiveram de ir à procura de uma ponte, pois não quiseram passar o rio a vau. Estando ocupado com a travessia, chegaram notícias de Ciudad Rodrigo que os cavaleiros da cidade lutavam com os da fortaleza e havia ainda a suspeita que dois dias depois seriam socorridos pelos portugueses. Desesperado, Maldonado passou o rio Yeltes a vau debaixo de uma ponte em ruínas. Souberam os partidários de D. Juana por espias que os homens do rei</p>	<p>XIX, XXVIII</p> <p>Como se pode constatar pelo resto da tabela, nenhum outro cronista relata este episódio militar, que é narrado minuciosamente na fonte.</p>
	<i>Crónica Incompleta...</i>				

		<p>Alvar Perez, ambos cavaleiros de Ciudad Rodrigo</p> <p><u>Partido de D. Fernando:</u> Sancho de Ávila; Alfonso Maldonado</p>		<p>vinham a caminho e não ousaram continuar a dar batalha e fugiram. Pelo esforço e diligência, Rodrigo Maldonado ajudou a recuperar uma cidade fundamental no xadrez político ibérico.</p> <p>Num segundo momento, o bispo de Évora cercou Ciudad Rodrigo. O bispo ordenou que se montassem três arraiais para que cidade e fortaleza estivessem completamente cercadas.</p> <p>Ao fim de sete dias de cerco, os homens de D. Fernando decidiram atacar um dos arraiais, embora não com todos os efectivos militares. Deixaram no interior da cidade sessenta lanças e 200 peões. Este ataque provocado o terror nos portugueses e tê-los-ia levado a retirar para Portugal.</p>	
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Ouguela (vila na comarca de Elvas, Alentejo)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	Cerco 1475/Junho	<u>Partido do príncipe D. João:</u> João da Silva, camareiro-mor do príncipe <u>Partido de D. Fernando:</u> Galindo	---	D. João acudiu a Ouguela, tomada pelos castelhanos, sendo seu capitão principal João da Silva, cercando a vila com cavaleiros e infantes e artilharia. Sendo vencidos os castelhanos, puderam partir livremente. Veio então Galindo para recolher a sua gente que saía do cerco. Saiu-lhe ao caminho João da Silva, já de noite. Feriram-se ambos mortalmente, seguindo os castelhanos para o seu reino.	CLXXXIII
Damião de GÓIS	Cavalgada com tomada de praça	<u>Partido de D. Fernando:</u> Martim Galindo, mestre de cavalaria da Ordem de Alcântara <u>Partido do príncipe D. João:</u> João da Silva	---	A primeira menção que este cronista faz a Ouguela é relativa a quando os castelhanos a tomaram, ou seja, antes de os portugueses a reconquistarem. Posteriormente, D. João tendo notícias que Martim Galindo havia saído a correr a terra durante dois ou três dias, decidiu tentar recobrar a fortaleza. Face ao ataque português e vendo a guarnição que não podia resistir, entregou-se a fortaleza sem resistência, com a condição que os castelhanos pudessem sair dela em paz. Martim Galindo, em sabendo disto, quis recuperar a fortaleza perdida e encontraram-se os seus homens com os homens comandados pelo camareiro-mor do príncipe – João da Silva. Sendo já de noite, num caminho estreito, enfrentaram-se os dois capitães, mas morreram ambos do choque. Pasmados com o sucedido, ambos os grupos recolheram os seus mortos e retiraram-se sem mais combate.	LII, LXV
Garcia de RESENDE	Cerco 1475	<u>Partido do príncipe D. João:</u> João da Silva, camareiro-mor do príncipe <u>Partido de D. Fernando:</u> Galindo	---	Tomada já a vila de Ouguela pelos castelhanos, o príncipe D. João mandou homens para a descercar, tomando-a. É curioso comparar que a perspectiva de Resende difere da de Góis, uma vez que o primeiro faz o seu relato numa altura posterior, colocando os portugueses a atacar o que já tinha sido conquistado pelos castelhanos. Do recontro que houve entre as duas hostes, dado que os capitães vinham à frente dos seus homens, foram os primeiros a ferirem-se com armas, do que resultou a morte de ambos e o fim da escaramuça, afastando-se cada partido para seu lado.	X O cronista dá sobretudo importância à escaramuça entre os dois capitães inimigos.
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	Tomada da vila por um breve período de	<u>Partido de D. Fernando:</u> Francisco de Solis <u>Partido de D. Afonso V:</u>	<u>Partido de D. Fernando:</u> 300 lanças <u>Partido de D. Afonso V:</u>	Francisco de Solis, que depois de prender Alfonso de Monroy, auto-denominava-se mestre de Alcântara, tomou a vila de Ouguela, capturando muitos despojos e deixando-a abastecida. Pouco depois os portugueses reuniram homens e sitiaram a vila. Como Solis não tinha efectivos	II, Livro III, cap. IX

	tempo.	Aires Gomes da Silva	omisso	suficientes, juntou os homens que conseguiu e partiu em socorro da vila. Ao atacar o acampamento português, ocorreu o chefe lusitano Aires Gomes da Silva e do embate resultou a morte de ambos os caudilhos, favorecido pela obscuridade da noite. Só no final do combate é que se deu pela falta do líder castelhano. Os portugueses também lamentaram a morte do seu chefe mas ao menos recuperaram a vila.	
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	---	---	---	---	---
<i>Crónica Incompleta...</i>	Escaramuça	<u>Partido de D. Fernando:</u> Francisco de Solis <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 300 cavaleiros 1 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	Alonso de Monroy esteve preso durante três anos por Francisco de Solis, o qual se apoderou das fortalezas de Azagala, Piedrabuena e Magazela e proclamou-se mestre de Alcântara. De modo a agradar a Isabel e a Fernando, Solis conquistou Ouguela. Ao chegar a Ouguela, os portugueses deram-lhe luta, mas na refrega houve um embate entre Solis e um capitão português (que o cronista não expressa mas sabemos ser Aires Gomes da Silva) e ambos morreram do choque. Todavia, todos os seus homens se salvaram.	XXXVIII A brevidade deste relato contrasta com a contextualização feita, por exemplo, por Palencia. Porém, o episódio em si, é bastante mais rico em detalhes do que o narrado por Palencia.
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Bélmez (castelo)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
García de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, Mestre de Santiago; Diego Hernández de Córdoba, conde de Cabra; Fernando Ramírez de Guzmán, comendador-mor de Calatrava; García de Padilla, craveiro de Calatrava <u>Partido do mestre de Calatrava:</u> Rodrigo Téllez Girón, mestre de Calatrava	<u>Partido de D. Fernando:</u> Fernando Ramírez, em acção conjunta com Rodrigo Manrique <u>Partido do mestre de Calatrava:</u> omisso	Fernando Ramírez, comendador-mor de Calatrava, foi também cercar Bélmez, levando reforços, numa acção conjunta com Rodrigo Manrique. Assim que a cidade foi tomada, Fernando de Covarrubias, corregedor enviado por D. Isabel, foi socorrer a cidade. Aproveitando estas manobras, o conde de Cabra tomou a cidade de Baeza, na Andaluzia.	II, Livro II, cap. IX
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, Mestre de Santiago; Diego Hernández de Córdoba, conde de Cabra; Hernando Ramírez de Guzmán, comendador-mor de	<u>Partido de D. Fernando:</u> Zurita só quantifica os 200 homens de armas de Diego Hernández de Córdoba.	Não sabemos o resultado por completo. O cronista apenas menciona que Hernando Ramírez de Guzmán tinha cercado o castelo de Bélmez e que o comendador-mor se alçou e retirava ao mestre grandes rendas	Livro XIX, cap. XXVIII

		Calatrava; García de Padilla, craveiro de Calatrava <u>Partido do mestre de Calatrava:</u> Rodrigo Téllez Girón, mestre de Calatrava	<u>Partido do mestre de Calatrava:</u> omisso		
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Noudar (castelo)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	1477	<u>Partido de D. Afonso V:</u> D. João <u>Partido de D. Fernando:</u> Martim de Sepúlveda	---	Pina afirma que Martim Sepúlveda tomou esta praça do mestrado de Avis no ano de 1475 e que o príncipe D. João lhe comprou a fortaleza.	CCI
Damião de GÓIS	Cavalgada.	<u>Partido de D. Fernando:</u> Martim de Sepúlveda, cavaleiro de Sevilha (para Noudar); D. Afonso de Monroy (para Alegrete) <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	Martim Sepulveda entrando pela fronteira de Badajoz, tomou a vila de Ouguela e a de Noudar.	LII O cronista associa neste capítulo os episódios da tomada de Ouguela, Noudar e Alegrete.
Garcia de RESENDE	1477	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> Martim de Sepúlveda	---	O episódio que o cronista conta é a reconquista de Noudar para os portugueses. Martim de Sepulveda vendeu Noudar ao príncipe, pelo que D. João lhe fez mercê.	XVI
Fernando del PULGAR	Cavalgada com tomada da fortaleza.	<u>Partido de D. Fernando:</u> Martim de Sepulveda, cavaleiro de Sevilha <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	Martim Sepulveda teve a fortaleza durante três anos, ao fim dos quais a vendeu aos portugueses, não regressando a Castela com medo por essa traição que tinha cometido.	XXXVIII O cronista dá mais importância a uma escaramuça anterior que houve entre os portugueses e castelhanos comandados pelo conde de Cifuentes, na

					qual os portugueses eram mais numerosos e venceram.
Afonso de PALENCIA	Cavalgada com tomada da fortaleza. 1475/Jun/06	<u>Partido de D. Fernando:</u> Gómez de Stotomayor; Peón; Francisco de Gallegos; Zerezo Maldonado; Melchor Maldonado, todos adalides; Alfonso de Jerez, governador de Encinasola <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 30 cavaleiros <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	Partindo de Sevilha, estes comandantes tomaram as armas, sem eleger chefe e estavam determinados a conquistar a glória e saque através do roubo de gado. Perceberam que os portugueses não faziam a vela e rolda, abrigando-se na torre de menagem. Entraram e deitaram fogo às portas, já que havia muita madeira disponível. Os atacados, julgaram-se seguros nas defesas interiores, mas acabaram por ser sufocados com o fumo e tiveram de descer e lutar com os atacantes. Venceram os castelhanos. Depois da conquista, Gastón de Castro, cavaleiro, conduziu oitenta cavaleiros e 150 peões, tendo encontrado resistência portuguesa, embora num ataque desordenado que, segundo o cronista, foi facilmente repellido pelos sevilhanos, os quais estavam em inferioridade numérica à razão de 1:2.	II, livro II, cap. IX
Diego de VALERA	Cavalgada com tomada da vila; escaramuça 1475/Junho	<u>Partido de D. Fernando:</u> 1º momento: Gómez de Sotomayor; Diego de Abrego; Pedro de Esquivel; Juan de León; Francisco Gallegos; Cerezo; Melchor Maldonado, todos cavaleiros de Sevilha; 2º momento: Gastón de Castro <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 1º momento: 30 cavaleiros 2º momento: 80 cavaleiros; 150 peões Pero Díaz de Villacreces; Diego Ramírez de Segarra <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	Os cavaleiros de Sevilha, seguindo as instruções que chegaram de D. Fernando, determinaram fazer a guerra a Portugal. Na primeira incursão houve uma escaramuça e os castelhanos incendiaram a vila, venceram os portugueses e tomaram a dita povoação, assim como a respectiva fortaleza. Num segundo momento, Gastón de Castro vinha conquistar presas em Portugal e foi barrado por homens portugueses, os quais seriam o dobro dos castelhanos. Porém, devido a estarem completamente desorganizados, não puderam vencer o inimigo, mostrando «su locura e poco saber», o que pressupunha a existência do conhecimento de estratégia e tática.	VII
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Maríneo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Duas cavalgadas. 1475/Jun/06	<u>Partido de D. Fernando:</u> 1.º momento: Alonso de Cárdenas, comendador-mor de Leão; duque de Medina Sidónia;	<u>Partido de D. Fernando:</u> 1 400 cavaleiros <u>Partido de D Afonso V:</u> Não quantificado	O comendador-mor de Leão e o duque de Medina Sidónia vendo Noudar mal guarnecida de gentes, conquistou-a. D. João pediu ao pai que lhe mandasse 600 cavaleiros.	Livro XIX, cap. XXVIII

		2.º momento: Pero Díaz de Villacreces e Diego Ramírez de Segarra			
		<u>Partido de D. Afonso V:</u> Almirante de Portugal			
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Alegrete (vila na comarca de Portalegre, Alentejo): ocupação castelhana e recuperação portuguesa					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo Obs.
Rui de PINA	Cerco 1477/Fevereiro	<u>Partido de D. João:</u> D. João <u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Monroy, mestre de Alcântara	---	Afirma o cronista que aquando da ida do príncipe a Toro, Afonso Monroy aproveitou para tomar Alegrete. D. João foi cercar a praça, a qual não podendo sustentar o assédio, teve de se dar por partido.	CCI
Damião de GÓIS	Cavalgada com conquista da vila	<u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Monroy, craveiro da Ordem de Alcântara; Martim Sepúlveda <u>Partido de D. Afonso V:</u> Príncipe D. João	---	A vila foi conquistada. O capítulo XC dá conta como o príncipe D. João a recuperou em Janeiro de 1477.	LII, XC
Garcia de RESENDE	Cerco 1477/Fevereiro	<u>Partido de D. João:</u> Príncipe de D. João; D. Garcia de Meneses, bispo de Évora <u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Monroy, mestre de Santiago; Diogo da Silva de Meneses; João de Sousa	<u>Partido de D. João:</u> 300 lanças <u>Partido de D. Fernando:</u> 2 000 lanças	O episódio contado por este cronista diz respeito à reconquista de Alegrete por parte dos portugueses aos castelhanos, pondo a tónica no brilho nacional, ao invés de destacar a proeza militar de Afonso de Monroy, quando a tomou aos portugueses em 1475. D. João, percebendo que estava em inferioridade numérica, maquinou um plano para vencer Afonso de Monroy. Enviou-lhe dois cavaleiros – Diogo da Silva de Meneses e João de Sousa – com uma mensagem, dizendo que D. João o esperaria para lhe dar batalha. O mestre, que andava a correr o termo de Évora enviou resposta em como seria ele que iria ao encontro de D. João. Deste modo, de noite, todos os cavalos portugueses andaram a trilhar muitas vezes uma passagem que sabiam que os castelhanos teriam de transpor. Na manhã seguinte, os castelhanos quando viram o chão tão trilhado, estimaram que os portugueses teriam muito mais homens do que na realidade acontecia, pelo que retiraram para Castela. Na sua fuga, os homens de Diogo da Silva atacaram a retaguarda dos castelhanos, desbaratando-os e tomando-lhes mais de 100 cavalos. Assim, D. João pôde cercar Alegrete, a qual teve de se dar por partido.	XV-XVI
Fernando del PULGAR	Cavalgada com conquista da	<u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Monroy, craveiro de Alcântara	---	Alegrete conquistado. Praça detida pelos castelhanos durante dois anos e ao fim desse tempo, Portugal cercou-a e recuperou-a.	XXXVIII

	vila	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso			
Afonso de PALENCIA	Cavalgada com conquista da vila	<u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Monroy, craveiro de Alcântara e auto-denominado mestre de Calatrava; conde de Feria; Alfonso de Cardenas, comendador-mor de Leão <u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Garcia de Meneses, bispo de Évora	<u>Partido de D. Fernando:</u> 400 lanças <u>Partido de D. Afonso V:</u> 400 lanças e peões (no contra-ataque)	Afonso de Monroy andou tomando presas com recurso à cavalaria ligeira. Decidiu tomar Alegrete e para tal maquinou o plano de mandar 400 lanças correr o campo ao redor da dita vila, sabendo que os seus vizinhos viriam socorrer os atacados. Posto em andamento, os portugueses comportaram-se tal e qual como os castelhanos esperavam e estes fingiram-se espantados e começaram a fugir, sendo perseguidos pelos portugueses. Puderam assim os restantes castelhanos atacar Alegrete, apoderando-se da vila. Quando o bispo de Évora soube disto, reuniu um contingente com algumas centenas e atacou Monroy, à alvorada. Porém, o capitão castelhano estava preparado e limitou-se a defender o lugar intramuros. Os portugueses dividiam-se em dois grupos: um que atacava a igreja e outro que amontoava lenha seca para lançar fogo à porta. Assim, Afonso de Monroy saiu de rompante com um esquadrão, afastando os portugueses. Mais tarde o conde de Feria e Alfonso de Cardenas trouxeram reforços ao partido de Monroy e os roubos de gado continuaram. Em 1477, o príncipe cercou Alegrete e a vila foi devolvida aos portugueses. Uma das razões para esta perda foi o facto de Alfonso de Cardenas não ter ajudado e por porque o conde de Feria, Gomez Suarez de Figueroa estar ocupado com outros assuntos e não pôde acudir ao dito lugar.	II, Livro XXVI, cap. II; livro XXVIII, cap. X
Diego de VALERA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Monroy, craveiro de Alcântara e auto-denominado mestre de Calatrava; Alonso de Cardenas, comendador-mor de Leão <u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Garcia de Meneses, bispo de Évora	---	Pouco tempo depois da batalha de Toro, houve inúmeros recontros militares, quer no mar, quer por terra, nos quais os portugueses foram sempre vencidos. Alonso de Monroy, craveiro de Alcântara tomou a vila e fortaleza de Portalegre. Assim que D. Garcia de Meneses soube disto, veio socorrer a vila. Porém, foi travado por Alonso de Cardenas, tendo desbaratado os portugueses e morto o seu capitão. Valera classifica esta vitória como muito importante, uma vez que ajuda a conquistar para Fernando os que estavam túbios em apoiar o seu partido. Embora não refira númeors, afirma que nesta batalha foram mortos e presos mais de 1 000 portugueses.	XXI Valera menciona neste relato Portalegre em vez de Alegrete; é também apresentada neste recontro a morte do bispo de Évora. A estimar pelos números e incorrecções, é possível que o autor tenha

					misturado vários episódios militares, dado que este recontro também faz lembrar a batalha de Albuera, ferida em 1479.
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	---	---	---	---	---
<i>Crónica Incompleta...</i>	Cavalgada com conquista da vila	<u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Monroy, craveiro de Alcântara e auto-denominado mestre de Calatrava <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	Afonso de Monroy quis agradar a Isabel e Fernando e propôs-se tomar a vila portuguesa de Alegrete, na qual tinha um seu criado, o qual lhe disse como poderia tomar a vila. O episódio passou-se de noite, tendo os seus homens escalado o muro e feito prisioneiros e capturado a cidade. No seguimento desta conquista, trouxe castelhanos para habitar e segurar a vila.	XLVI
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Burgos (castelo e igreja de Santa Maria la Blanca)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Cerco à igreja e ao castelo	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Arellano, conde de Aguillar; Pero Manrique; Sancho Roja; Estevan de Villacreces; posteriormente vieram: Alonso de Aragão, duque de Villahermosa; o almirante de Castela; o condestável de Castela</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Juan de Stuñiga, alcaide do castelo</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> omisso</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> 400 homens de armas</p>	Os capitães designados por D. Fernando cercaram o castelo e a igreja de St.ª Maria a Branca, a qual estava fortificada com gente e armas. Não obstante o cerco, os do castelo faziam surtidas que faziam diminuir o moral dos sitiados. É nestes termos que D. Fernando manda chamar reforços através de companhias de Biscaínhos, Lepuscos e Gascões. A estratégia passou por combater a igreja em primeiro lugar e depois o castelo. Foram feitas minas e contraminas para atacar e proteger, respectivamente, a água do castelo, a qual começou a escassear, bem como as vitualhas. Não podendo sustentar mais as privações do cerco e não recebendo reforços, o castelo de Burgos rendeu-se.	LIX, LX, LXXI
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco à igreja e ao castelo	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> Alfonso Arellano, conde de Aguillar; Pero Manrique; Sancho Rojas; Estevan de Villacreces; posteriormente veio D. Fernando e trouxe o condestável, conde de Faro, Alonso de Aragão, duque de Villahermosa; Juan de Ganboa</p> <p><u>Partido do D. Afonso V:</u> Juan de Stuñiga, alcaide do castelo; Luís de Acuña, bispo de</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> omisso</p> <p><u>Partido de Afonso V:</u> 400 homens de armas</p>	<p>O bispo de Burgos fazia a guerra aos Católicos a partir de uma cidade próxima chamada Rabé.</p> <p>Como as depredações levadas a cabo em nome de Afonso V eram muito intensas, o rei D. Fernando acudiu pessoalmente e mandou fazer cavas em volta de toda a fortaleza, assim como trouxe máquinas de guerra: lombardas e outros tiros de pólvora que Pulgar não especifica</p> <p>O cerco à igreja é levado a cabo por seis lados, com tiros de pólvora e bestas até chegarem as máquinas de guerra. Os homens de Fernando ainda tiveram de recuar, mas tinham a superioridade sobre os que estavam na igreja e por isso, ao fim de seis horas, a mesma foi tomada.</p> <p>Escavaram-se minas para que se tivesse acesso ao poço do castelo de Burgos, aos que os de dentro responderam com contra-minas.</p> <p>Bombardeavam o castelo quatro engenhos (trabucos) e bombardas grandes,</p>	XLVII, XLIX, LII Estes três capítulos retratam um panorama de seis meses, no qual a guarnição do castelo vivia tempos difíceis, com falta de víveres. Afirma ainda o cronista que as batalhas

		Burgos; Juan Sarmiento, irmão do bispo de Burgos		de dia e de noite. Também os de dentro respondiam com tiros de besta e armas de fogo Havia escaramuças, tanto na cidade, como nas minas.	campais não eram tão cruéis como foi este cerco, chegando inclusivamente o próprio D. Fernando a combater.
Afonso de PALENCIA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Pedro de Caratgena, vizinho de Burgos; Sancho de Rojas; Esteban de Villacreces, adalide; Alfonso de Aragão; <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 500 lanças 4 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	D. Fernando nomeou capitães para a defesa dos ataques que a fortaleza fazia à cidade de Burgos. Para auxiliar Pedro de Caratgena designou Sancho de Rojas, o qual teve uma atitude pouco valente, não chegando à linha da frente do combate, daí que D. Fernando tenha escolhido Esteban de Villacreces para contrariar os ataques do alcaide do castelo de Burgos, o qual tinha lombardas que fazia arremessar pedras sobre a cidade. D. Fernando ordenou que se desviasse a água que abastecia a fortaleza e mandou chamar Alfonso de Aragão, seu meio irmão e perito na arte da guerra. Os ataques foram sendo infrutíferos até que se decidiu que se atacasse a igreja de Santa Maria la Blanca, a 1 de Setembro de 1475, a qual foi defendida das muralhas do castelo e da barbacã com tiros de espingarda, setas e pedras. Diz o cronista que à chegada de D. Fernando, os inimigos que ocupavam a igreja a abandonaram, não obstante estar bem defendida com trincheiras e artilharia. O cap. VIII informa que Alfonso de Aragão traz cinquenta homens de armas e 100 ginetes e ainda engenheiros para construir máquinas de guerra. Coloca ainda apreciações quanto à eficácia do cerco montado: mina ineficazes para desviar a água, deficiente colocação das bombardas; apenas os duplos fossos e a paliçada para defesa das trincheiras estariam bem. Vendo a destruição provocada pelos sitiadores, o castelo acaba por se render.	II, Livro II, cap. X; Livro III, cap. X; livro XXIV, cap. I, cap. VIII; livro XXV, cap. III
Diego de VALERA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Sancho de Rojas; Esteban de Villacreces; Alonso de Aragão <u>Partido de D. Afonso V:</u> Íñigo de Estúñiga, alcaide do castelo de Burgos; Luís de Acuña, bispo de Burgos; Pero López de Padilla, adiantado	<u>Partido de D. Fernando:</u> 250 lanças <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	D. Fernando mandou cercar a cidade. Porém, substituiu Sancho de Rojas, «pariente suyo, el qual, no com tanta ardileza ny diligència quanto debía, sostovo el cargo que le era encomendado», por Esteban de Villacreces. Como resposta, o alcaide do castelo ia atacando a cidade com engenhos e tiros de pólvora, de tal forma que destruiu o bairro da rua das Armas. Posteriormente chegou o irmão bastardo do rei, o qual era perito na ciência militar e veio ajudar a reorganizar o cerco. Burgos não foi socorrida pelos portugueses e por isso capitulou.	VIII, XII, XIV, XVI

		de Castela			
Andres BERNÁLDEZ	Cerco	---	---	D. Fernando cercou Burgos, operação que durou oito ou nove meses e na qual se utilizaram lombardas, tiros de pólvora, quartados e engenhos. Chegou a acontecer que os do partido de D. Fernando, quando achavam que tinham a fortaleza por um fio, os sitiados mostravam perdizes e laranjas. Todavia, a fortaleza foi conquistada em Fevereiro de 1476, até porque Afonso V não tentou descercá-la (cap. XIX). D. Fernando perdoou alguns e fez justiça a outros, enforcando e degolando vinte e nove homens num primeiro momento e posteriormente muitos outros.	XX O cronista afirma que a guerra tem as suas consequências e que uma delas, especialmente a partir desta altura, as fronteiras despovoam-se e as populações de ambos os reinos mudam-se para o interior.
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco. 1475/Ago/30 : combate pela igreja de Santa Maria	<u>Partido de D. Fernando:</u> Sancho Rojas, comandante; Esteban de Villacreces, comandante; Alonso de Aragão a partir de 1475/NOV/22; <u>Partido do D. Afonso V:</u> Iñigo de Stuñaiga; Luís de Acuña, bispo de Burgos	<u>Partido de D. Fernando:</u> 150 cavaleiros 50 homens de armas e 100 ginetes de Alonso de Aragão <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	Os vizinhos de Burgos declararam-se por D. Fernando e, como consequência, foi montado um cerco à fortaleza, enviando o rei capitães para liderar a força na cidade contra o castelo. É curioso ver que quando se dá a rendição deste castelo, ele é dado à rainha D. Isabel e não a D. Fernando.	Livro XIX, cap. XXIX, XXXII, XL
Crónica Incompleta...	Cerco 1475/Ago/09	---	---	D. Fernando cercou Burgos, cuja cidade estava por si, mas a fortaleza por D. Afonso V. Foram então preparados o ataque à igreja de Santa Maria la Blanca, a qual estava bem fornecida de máquinas de guerra e tinha inclusivamente uma cava à sua volta, e ao castelo, com tiros grossos de pólvora, três trabucos e fizeram-se minas	XXXIX
Cronicón de Valladolid...	Cerco 1475/Ago/09	---	---	Ao mesmo tempo que D. Fernando cercou burgos, D. Isabel preparou-se para ir socorrer Burgos, caso D. Afonso V quisesse descercar o castelo,	pp. 102; 110-112

	a 1476/Jan/10			<p>entretanto sitiado por D. Fernando.</p> <p>A negociação de rendição foi conduzida por Iñigo Lopez Stuñiga e Juan Stuñiga, seu filho; e do lado de D. Fernando, por D. Henrique, irmão bastardo do rei, D. Afonso, mestre de Calatrava, Pero Fernandez de Velasco, o condestável de Castela e Fernan Alvarez Zapata, regedor de Toledo, tesoureiro e protonotário dos reis.</p> <p>D. Isabel entrou em Burgos dia 18 de Janeiro e o castelo entregou-se finalmente no dia 28 de Janeiro.</p>	
--	------------------	--	--	--	--

Valência (castelo)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	Assassínio e controlo da fortaleza	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alonso Henriques, almirante; Juan de Robles, cunhado de Juan de Acuña <u>Partido do duque de Valência:</u> omisso	---	O almirante desejava e tentou vingar-se de antigas quesílias com o duque de Valência. Depois de ter escapado a vários atentados, o duque foi atraído pelo seu cunhado, Juan de Robles, empurrando-o da mais alta torre do castelo. Afirma Palencia que para tomar posse da fortaleza, D. Fernando enviou soldados que muitas suspeitas levantaram entre os Grandes.	II, livro III, cap. I
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ					
Lúcio Maríneo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Assassínio e controlo da fortaleza	<u>Partido de D. Fernando:</u> Juan de Robles, cunhado de Juan de Acuña <u>Partido do duque de Gijón e Valência:</u> Juan de Acuña, duque de Gijón e Valência	---	Juan de Robles, no interior do castelo de Valência, empurrou o cunhado de uma torre, precipitando-o para a sua morte e ficando assim a vila e fortaleza por D. Fernando e D. Isabel.	Livro XIX, cap. XXIX
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Toro (castelo)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Observações
Rui de PINA	Cerco	<u>Partido do D. Afonso V:</u> Afonso V; Rodrigo de Ulloa; Francisco Coutinho, conde de Marialva; Diogo Fernandes d'Almeida; conde de Faro <u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo de Ulloa; Aldonza de Castilla	---	João de Ulloa ofereceu a cidade de Toro a D. Afonso V. Assim que o monarca chegou, cercou-se a fortaleza. O arraial foi montado ao longo do rio Douro e o cerco estava bem fortificado. Diz o cronista que D. Fernando não quis dar combate para não trocar uma vitória duvidosa por uma derrota quase certa. Assim, pelo desgaste do assédio – no qual se fizeram minas, e falta de socorro, Aldonza de Castilla, mulher de Rodrigo de Ulloa, foi obrigada a submeter-se a Afonso V e a entregar o castelo.	CLXXIX
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco 1475	<u>Partido do D. Afonso V:</u> Afonso V <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	<u>Partido do D. Afonso V:</u> Toda a hoste portuguesa <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	Como a fortaleza não estava aprovisionada de mantimentos ou armas, foi fácil para Afonso V tomar a fortaleza. Em seguida tomou Cantalapedra, onde também deixou guarnição.	XL O capítulo apresenta também uma breve referência à conquista de Cantalapedra.
Afonso de PALENCIA	Cerco	---	---	Tendo D. Fernando retirado o cerco que moveu contra a cidade de Toro, pôde D. Afonso V concentrar os seus esforços na tomada do castelo da dita cidade. Seguidamente tomou Cantalapedra.	II, Livro III, cap. VIII
Diego de VALERA	Cerco	<u>Partido do D. Afonso V:</u> Afonso V; Juan de Ulloa <u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo de Ulloa; Aldonza de Castilla	---	D. Fernando não sabia para onde iria D. Afonso V quando este saiu de Arévalo, ou seja, os castelhanos não prevêm os movimentos portugueses. No seguimento deste contexto, Juan de Ulloa oferece a cidade a D. Afonso V, cercando o rei português a fortaleza. Rodrigo de Ulloa envia mensagem a D. Fernando a pedir que o descerque, dizendo-lhe que seria possível entrar e sair pelo postigo da fortaleza. É neste contexto que D. Fernando apregoa amnistia para quem se juntasse à hoste que deveria confrontar-se com os portugueses. Este alardo geral conseguiu reunir 11 000 cavaleiros e	IX-X

				30 000 peões e foi cercar Toro, guarnecendo as fortalezas de Tordesilhas, Alahejos, Cantalapiedra e Siete Iglesias, de forma a proteger o caminho para Valladolid. Assim que D. Fernando levantou o acampamento, às portas de Toro, Afonso V pôde concentrar-se na tarefa de apertar o cerco ao castelo, o qual acabou por capitular.	
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	O cronista apenas menciona que a cidade de Toro se deu a Afonso V, antes de Julho de 1475, data em D. Fernando cerca Toro.	XVIII
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso mas devem ser as mesmas forças que aguardaram Fernando dentro das muralhas da cidade <u>Partido de D. Fernando:</u> guarnição acantonada no castelo	---	O Castelo rende-se e a alcaidaria passa para Juan de Ulloa, podendo Aldonza de Castilla (mulher de Rodrigo de Ulloa) e seus filhos sair em liberdade. Em seguida, Afonso V manda muitos peões regressar ao reino, porque o príncipe estava a precisar de homens devido aos ataques de Henrique de Guzmán, duque de Medina Sidónia.	Livro XIX, cap. XXXI, L No cap. L, o cronista diz que Afonso V sai de Toro para voltar a Portugal no dia 13 de Junho de 1476.
Crónica Incompleta...	Cerco 1475/Jun	<u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V <u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando	---	Afonso V cercou o castelo de Toro e mandou fazer uma cava ao redor da alcáçova e mandou erguer uma paliçada, para que não pudesse ser atacado. D. Fernando mandou chamar reforços de todo o reino.	XXVI
Cronicón de Valladolid...	---	---	---	---	---

Toro (cidade)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo Obs.
Rui de PINA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Mulher de Rodrigo de Ulloa <u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Francisco Coutinho, conde de Marialva; Diogo Fernandes de Almeida; conde de Faro	---	Tratou-se da tentativa de D. Fernando para descercar o castelo que D. Afonso V tinha cercado. Porém, não houve mais do que algumas escaramuças. O castelo foi atacado por Afonso V, o qual acabou por se render, ficando João de Ulloa com a sua tenência. D. Fernando não teve sucesso no cerco que montou ao rei português devido à falta de fundos, razão pela qual podemos concluir uma certa inexperiência militar e fez destroçar os homens, regressando a Valladolid.	CLXXIX
Damião de GÓIS	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando <u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V	<u>Partido de D. Fernando:</u> 4 000 lanças 8 000 ginetes 30 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	D. Fernando partiu de Valladolid para Toro, para cercar Afonso V. Chegado a Toro, esperou cinco horas. Como não saíssem os homens de Afonso V, iniciou-se uma troca de mensagens diplomáticas, na qual D. Fernando requeria a D. Afonso V uma batalha ou então um duelo. Porém, nenhum desses planos foi avante.	LIV-LVI
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 12 000 cavaleiros, dos quais 4 000 eram pesados 35 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	D. Fernando aguardou que Afonso V saísse a dar batalha durante cinco dias. Afonso V fortificou Toro e não deu batalha. Estava em desvantagem numérica. Foram trocadas missivas mas não se chegou a nenhum acordo e o exército castelhano foi obrigado a destroçar, pois não tinha dinheiro, nem máquinas de guerra. O Douro estava tão crescido que não se podia passar a vau, nem cercar a cidade como seria conveniente. Refere o cronista que o exército castelhano destroçou desordenadamente e que se Afonso V o tivesse perseguido, teriam aí acabado as esperanças castelhanas, já que teriam sido desbaratados.	XLIII, XLIV D. Fernando organizou o seu exército em 35 batalhas. O seu arraial foi montado a meia légua de Toro. Refere o cronista no cap. XLII que no espaço de dois meses, se juntaram 20 mil cavaleiros e 50 mil peões.

Afonso de PALENCIA	Cercos	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando <u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V	<u>Partido de D. Fernando:</u> 25000 lanças 8 500 ginetes 30 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	D. Fernando possuía inicialmente 500 lanças. Palencia afirma que vieram os povos de todas as Espanhas, de livre vontade, inclusivamente homiziados. Mesmo assim conseguiu reunir uma força extraordinária e foi sitiado Toro, onde se encontrava Afonso V. Esperou que ele saísse, mas como este não o fizesse, provocou-o para um duelo, algo que também não aconteceu porque não conseguiram acordar as condições. O fracasso obrigou ao levantamento do assédio, devido à falta de víveres e do estipêndio para pagar aos Grandes, o que começava a transtornar algumas mentes.	II, Livro III, cap. II, V-VI
Diego de VALERA	Cercos e desafio de D. Fernando para batalha campal ou duelo 1475/Jul/21	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando <u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V	<u>Partido de D. Fernando:</u> 11 000 cavaleiros 30 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> 5 000 lanças 20 000 peões	Após ter reunido 41 000 homens para a guerra, D. Fernando foi cercar Toro, mandando vinte batedores para provocar o inimigo. Acreditava-se que por Afonso V possuir a Ordem da Jarreteira, não ficaria ao abrigo da protecção dos muros e daria batalha. D. Fernando ainda reuniu um conselho de guerra para determinar a melhor forma de proceder. Porém, num exército tão numeroso e heterogêneo, houve tensões entre os castelhanos. Os biscaínhos estavam irados porque o rei e os grandes estavam em conselho diante de Toro e não lutavam. Foi então enviado um rei d'armas – Gomez Manrique, a Afonso V a requerer formalmente batalha. Em seguida, Valera apresenta um excerto da correspondência entre ambos os reis.	IX
Andres BERNÁLDEZ	Cercos 1475/Julho	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando; duque de Najera; D. Garcia, duque de Alba; conde de Faro, o velho; condestável de Castela; almirante de Castela; adiantado da Andaluzia; duque do Infantado; marquês de Santillana; Alonso de Aragão, irmão de D. Fernando e mestre de Calatrava e que se chamava duque de Villahermosa; Luis Osorio, capitão da guarda de Alhama e depois bispo de Jahén; Pedro Gonzalez de Mendoza, bispo de Ciguenza e depois arcebispo de Sevilha, Toledo e cardeal de Espanha e	<u>Partido de D. Fernando:</u> 10 000 cavaleiros 30 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	D. Fernando reuniu uma grande hoste e foi cercar a cidade de Toro, montando o arraial numa aldeia chamada Témules, a uma légua de Toro. Tal como outros cronistas dão conta, certo dia os soldados que vieram das montanhas alvorçaram-se, com armas na mão, porque suspeitaram que os Grandes queriam prender o rei. Exigiram então ver D. Fernando, que estava em conselho dentro de uma igreja. O monarca apareceu apaziguando os ânimos. D. Afonso V não deu batalha.	XVIII É curioso notar o louvor que o cronista faz Alonso de Aragão, afirmando que era um esforçado cavaleiro e que foi quem introduziu os ribadoquines em Castela pela primeira vez.

		outros que o cronista não menciona. <u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V			
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco e desafio de D. Fernando para batalha campal ou duelo com Afonso V; 1475/Jul/07 a 1475/Jul/23 (esta data é retirada de Pulgar)	<u>Partido de D. Fernando:</u> Marquês de Astorga; Diego Hernández de Quiñones, conde de Luna; Diego Hurtado de Mendoza, cardeal de Espanha; marquês de Santillana; duque de Alba; almirante de Castela; condestável de Castela; conde de Treviño; duque de Albuquerque; Rodrigo Pimentel, conde de Benavente; Lorenzo Suárez de Figueroa, conde da Corunha e Diego Sarmiento, conde de Salinas <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 2 500 homens de armas 8 500 ginetes 30 000 peões (Zurita afirma que esta informação é de acordo com Palencia) 12 000 cavaleiros, dos quais 4 000 eram cavalaria pesada e os outros ginetes. 30 000 peões (Zurita refere que esta informação é retirada de Pulgar) <u>Partido de D. Afonso V:</u> 5 000 cavaleiros 20 000 peões	Afonso V não aceitou a batalha apresentada por D. Fernando. Também não chegaram a acordo relativamente ao duelo, uma vez que foi impossível de acertar os pormenores quanto aos reféns.	Livro XIX, cap. XXX A posição de Portugal estava consolidada com guarnições nas fortalezas de Castronuño, Cubillas, Villafonso, La Mota, Urueña, Tiedra e Zamora.
Crónica Incompleta...	Cerco 1475/Jul/16	<u>Partido de D. Fernando:</u> Condestável de Castela; duque de Alba; Marquês de Santillana; cardeal de Espanha; D. Beltrán de la Cueva, duque de Albuquerque; almirante de Castela; Pero Manrique, conde de Treviño; Álvaro Pérez Osorio, marquês de Astorga; conde de Osorno;	<u>Partido de D. Fernando:</u> 17 400 lanças <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	A Crónica inventaria minuciosamente as forças militares. Era possível ver os homens gritando diversos apelidos e que os cavaleiros estavam ricamente vestidos: «infinitos paramentos de seda no eran mirados nin más que si de cuero fueran cubieros; mucho era demasiado rico el cauallo y paje que ventura ouiese que algun espacio los ojos se detuiesen mirandoles, y, entre estos muy pomposos, el rey saco ciertos cauallos çifilianos soberanamente [guarnecidos] de atauos costosos». D. Fernando antes de assentar arraial sobre Toro, deliberou em conselho onde deveria mandar acampar os homens (19 ou 20 de Julho). Há também o reconhecimento da superioridade estratégica da posição de Afonso V: «[...] quanto yerro conoçido será combatir las estancas y que sin ser cosa çierta non se poder	XXXI, XXXIII Contrasta este episódio com a narração de Pulgar, pois apresenta as tropas bem armadas e ordeiras, inclusivamente a infantaria que

		<p>Pedro de Acuña, conde de Buendia; Diego Pérez Sarmiento, conde de Salinas; Diego de Sandoval, conde de Castro; Juan de Silva, conde de Cifuentes; Diego Hurtado de Mendoza, bispo de Palencia; Alfonso de Fonseca, bispo de Ávila; Gonçalo de Vivero, bispo de Ávila; Alonso de Arellano; conde de Aguillar; Pedro de Mendoza, senhor de Almagar e conde de Monteagudo; Pero Lopez de Padilla, adiantado; Alfonso de Fonseca, senhor de Coca e Alahejos.</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso</p>		<p>entrar, que aun, si se cometiese, se podria perder la mayor parte de las gentes que al combate se apeasen y, finalmente, que su voto y determinado consejo (dos cavaleiros mais importantes) era que aquello, pues era imposible».</p>	<p>vinha das montanhas.</p>
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Zamora (cidade)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Tomada da praça	---	---	A conquista de Zamora resulta da negociação entre Afonso V e Juan de Porras, que tinha a cidade. Este ordenou ao seu genro, o qual detinha a alcaidaria do castelo que o entregasse, assim como Francisco de Valdés, que deveria guardar as torres da ponte de Zamora por Afonso V.	XLI
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	Tomada da praça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Marquês de Villena; Juan de Porras <u>Partido de D. Fernando:</u> Francisco Valdés, que detinha o controlo das torres sobre a ponte de Zamora e que foi coagido a ajudar o partido de Afonso V.	<u>Partido de Afonso V:</u> 400 cavaleiros <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	O marquês de Villena chegou a Zamora e foi recebido pelo alcaide da cidade, ocupando em seguida a igreja. Juan de Porras obrigou Francisco Valdés, seu sobrinho, a seguir a orientação política que ele seguia. Zamora e a respectiva ponte ficaram por D. Afonso V. Com a conquista deste grande baluarte, os portugueses tinham também outras bases: Castronuño, Cubillas, Villaalonso, la Mota, Urueña e Tiedra.	IX
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cavalgada com conquista da cidade	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Marquês de Villena <u>Partido de D. Fernando:</u> Francisco Valdés, que tinha o controlo das torres sobre a ponte de Zamora	<u>Partido de Afonso V:</u> 400 cavaleiros <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	O marquês de Villena conquista a cidade em nome de Afonso V. Foi considerada uma conquista bastante importante, até porque o castelo já estava por Portugal.	Livro XIX, cap. XXX

<i>Crónica Incompleta...</i>	Tomada da praça 1475/Jul/16	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso de Valencia, mariscal <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 1 500 lanças <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	Zamora declarou-se por Afonso V, por intermédio de Afonso de Valencia, o qual passou a controlar a cidade, as torres e a ponte.	XXXII
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Herreros (próximo de Tordesilhas)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Cerco e tomada das azenhas.	---	---	Após se ter feito alardo das forças de D. Isabel, partiu o exército de Valladolid para Toro, chegando às azenhas, que eram de Pedro de Mendanha, alcaide de Castronuño. As azenhas foram tomadas pelo ímpeto atacante e os trinta homens encontrados no interior foram enforcados.	LIV
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco e tomada das azenhas. Pulgar faz apenas um pequeno apontamento acerca deste episódio militar	---	---	Os de Herreros (conjunto de azenhas no Douro detidas pelo alcaide de Castronuño, defendidas pela fortaleza), não conseguindo sustentar a brutal carga que contra eles foi desferida pelos besteiros e peões biscaínhos, foram vencidos, principalmente por esquadrões de arqueiros biscaínhos e navarros. Fez-se justiça, enforcaram-se culpados e destruiu-se a fortaleza.	XLIII
Afonso de PALENCIA	Cerco e tomada das azenhas.	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 8 500 ginetes 2 500 lanças 30 000 peões (estes eram os números dos efectivos contabilizados no alardo que tinha sido feito pouco tempo antes e que iria cercar Zamora). <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	O ataque a Herreros deveu-se à provocação que os de dentro moveram aos homens de D. Fernando, que iam cercar Toro. Parte do exército atacou Herreros, chovendo sobre eles tudo o que podia ser projectado. D. Fernando incitava o ataque. Foram postas escadas contra a muralha e a mesma foi escalada e o lugar entrado e os ocupantes vencidos. D. Fernando considerou ainda atacar Cubillas, mas os grandes opuseram-se pensando que se estariam a desviar do objectivo principal.	II, Livro III, cap. III É curiosa a referência que Palencia faz à ciência militar neste capítulo, dizendo que a curta demora que o exército levaria a tomar Cubillas podia ser aproveitada favoravelmente por D. Afonso V, que estava

					em Toro. IX
Diego de VALERA	Cerco e tomada das azenhas	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	Após ter feito alardo e ter reunido 41 000 soldados, D. Fernando partiu para Toro, no sentido de dar batalha a Afonso V. Alguns soldados viram com desconfiança os homens que estavam em Herreros, classificando-os como ladrões, os quais injuriavam os soldados fernandinos. Desta forma, os soldados biscainhos cercaram e combateram a fortaleza, juntamente com os restantes homens de armas. Tantos foram os ferimentos e mortes que, afirma o cronista que o rio Douro ficou tinto de sangue. Porém, ao parecer que o combate afrouxava, D. Fernando expôs-se ao perigo e exortou os soldados a combaterem com mais ânimo. Foi então entrada a fortaleza por força das armas e os que lá estavam foram enforcados, por mandado do rei, das ameias da torre mais alta. D. Fernando considerou ainda atacar Cubillas, mas os grandes opuseram-se pensando que se estariam a desviar do objectivo principal.	
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	---	---	---	---	---
<i>Crónica Incompleta...</i>	Cerco e tomada das azenhas	<u>Partido de D. Fernando:</u> Duque de Alba; Conde de Salinas <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	Tomada das azenhas que distava uma légua de Tordesilhas. Defenderam-se os sitiados com espingardas e bestas. Todavia, o partido atacante era muito superior ao que estava no interior e por isso a guarnição acabou por ceder, também por via da intervenção das lombardas e diversos tiros de pólvora comandados pelo duque de Alba. Como forma de mostrar de o sinal de rendição, foi mostrado um capacete nas muralhas, o que correspondia a um sinal de vontade de parlamentar as condições de rendição. D. Fernando não ligou ao capacete que, curiosamente, foi mostrado uma segunda vez, em sinal de misericórdia e mandou que se combatesse a torre com toda a ferocidade. O baluarte foi então tomado e foi feita justiça, tendo sido muitos enforcados. Estas azenhas haviam pertencido ao pai do conde de Salinas, daí ele ser um dos comandantes.	XXXII
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	Tomada das azenhas 1475/Jul/16	---	---	Partindo D. Fernando do arraial de Tordesilhas, tomou Herreros. A mesma fonte refere que D. Fernando ainda considerou cercar Cubillas e Castronuño ao caminho de cercar Toro, cuja guarnição já estava por D. Afonso V, mas mudou de ideias por ser um projecto demasiado ambicioso. O exército fernandino esteve em frente a Toro desde 20 de Julho até 24 de Julho de 1475.	pp. 90-100

Ciudad Real					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Expedição com intuito de tomar a vila	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, conde de Paredes, mestre de Santiago; Diego Fernández de Córdova, conde de Cabra <u>Partido do marquês de Villena:</u> mestre de Calatrava; conde de Urueña	---	Ciudad Real conquistada.	XLVI
Afonso de PALENCIA	Expedição com intuito de tomar a vila que resultou numa escaramuça 1476/Mar	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, mestre de Santiago <u>Partido do marquês de Villena:</u> Rodrigo Téllez Girón, mestre de Calatrava	---	Rodrigo Girón levou algumas lanças que defendiam Almagro para atacar Ciudad Real. Rodrigo Manrique conseguiu defender o lugar e após uma breve escaramuça, a vitória pertenceu ao partido leal a D. Fernando. Três comendadores da ordem de Calatrava e sessenta e seis homens de armas foram feitos prisioneiros pelos homens de Rodrigo Manrique.	II, Livro III, cap. IX; II, Livro XXV, cap. X
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo	---	---	---	---	---

ZURITA					
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Uclés [2 de Maio de 1476]					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
	Rui de PINA	---	---	---	---
	Damião de GÓIS	---	---	---	---
	Garcia de RESENDE	---	---	---	---
	Fernando del PULGAR	Cerco <u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, conde de Paredes, mestre de Santiago; <u>Partido do marquês de Villena:</u> Pero de la Plazuela, alcaide da fortaleza	<u>Partido de D. Fernando:</u> Omisso <u>Partido do marquês de Villena:</u> 3 000 cavaleiros 4 000 peões	Uma vez que o alcaide não quis negociar a rendição da praça, começando assim o cerco. A cidade foi socorrida pelo principal interessado, o marquês de Villena, mas os inimigos também receberam reforços do duque do Infantado. Chegou mesmo quase a ferir-se uma batalha, estando soldados de ambas as partes em campo até à meia-noite, mas o partido do marquês de Villena não quis atacar, retirando sem abastecer a fortaleza de mantimentos. Uclés esteve cercada dois meses até ser conquistada, pela falta de vitualhas, em nome de Isabel e Fernando.	XLVI, LXXIV Menciona também o cronista que as vilas de Utiel, Almansa, Iniesta, Hellín, Tovarra, Requena e demais vilas do marquesado de Villena se revoltavam contra Diego Pacheco. É ainda de notar que Afonso V, pela pena do cronista, se queixa que não teve acesso aos 5 000 cavaleiros e catorze cidades prometidas pelos castelhanos.
	Afonso de	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u>	---	Depois de Rodrigo Manrique ter cercado o castelo, Diego Pacheco e
					II, Livro XXVI,

PALENCIA		Rodrigo Manrique, mestre de Santiago <u>Partido do marquês de Villena:</u> Diego Pacheco; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo		Alfonso Carrillo lançaram-se, ao amanhecer, sobre as tropas inimigas. A desorganização causada pela escuridão fizeram gorar os planos de Pacheco e Carrillo, os quais tiveram de fugir. O alcaide do castelo quando viu o desaire, teve de capitular.	cap. VII
Diego de VALERA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, mestre de Santiago; Pedro Fajardo, adiantado de Múrcia <u>Partido do marquês de Villena:</u> Diego Pacheco; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo	---	Rodrigo Manrique, mestre de Santiago, sitiava a vila de Uclés. Alfonso Carrillo e Diego Lopez Pacheco tentaram descercá-la. Manrique deixou Pedro Fajardo a cuidar dos assuntos do cerco e tratou de sair ao campo para dar batalha ao partido inimigo. Numa madrugada, desbaratou Carrillo e Pacheco. O alcaide como viu que não podia ser socorrido, deu a fortaleza ao mestre de Santiago.	XXIII
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco 1476/MAI/0 2 (grande escaramuça) 1476/MAI/0 4 (batalha)	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, mestre de Santiago; Jorge Manrique, filho de Rodrigo Manrique; Velasco de Guzmán; alcaide de Segura <u>Partido do marquês de Villena:</u> Diego Lopez Pacheco, marquês de Villena; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo; Lope Vasques de Acuña, irmão de Alfonso Carrillo; prior de San Juan Valenzuela	<u>Partido de D. Fernando:</u> 100 lanças 200 ginetes 200 peões (reforços de Hurtado de Mendoza) 100 lanças (Jorge Manrique) <u>Partido do marquês de Villena:</u> 700 lanças 1 500 peões	Pequeno apontamento sobre o cerco de Uclés e Baeza. O cronista refere ainda que se fazia a guerra às fronteiras portuguesas, liderada pelo duque de Medina Sidónia, por Alfonso de Cárdenas, comendador-mor de Leão, o qual se intitulava mestre de Santiago e pelo conde de Feria. O marquês de Villena e o arcebispo Carrillo vêm descercar Uclés. A escaramuça travada no dia 2 de Maio durou mais de duas horas, da qual resultaram trinta e seis homens presos do partido do marquês de Villena. Também lhes tomaram a carriagem com os animais, ou seja, os homens leais a Fernando capturaram o abastecimento que o marquês de Villena e o arcebispo de Toledo levavam para socorrer a vila. No dia seguinte voltou a haver uma escaramuça, sofrendo mais danos o partido do Diego Pacheco, mas não houve uma verdadeira batalha. No dia seguinte, 4 de Maio de 1476, sábado, foram trocadas mensagens diplomáticas, fazendo o alcaide de Segura de arauto, transmitindo a mensagem que Rodrigo Manrique estaria onde houvesse a maior batalha. O marquês aceitou a batalha e as forças leais aos Católicos foram divididas em quatro azes. O combate durou quatro horas e terminou com o marquês e o arcebispo a serem desbaratados e sendo mortos clientes importantes. O mestre de	Livro XIX, cap. XLV, XLVIII

				Santiago contou com os reforços de Hurtado de Mendoza e entrou em Uclés sem dano, reunindo-se com Rodrigo Manrique. Carrillo e Villena retiraram-se para Castel de Acuña, sendo perseguidos e Uclés, que estava cercada há mais de dois meses, teve de se render.	
<i>Crónica Incompleta...</i>	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, mestre de Santiago e conde de Paredes; Hurtado de Mendoza, irmão do duque do Infantado <u>Partido do marquês de Villena:</u> Diego Pacheco, marquês de Villena; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo	<u>Partido de D. Fernando:</u> 300 lanças (o autor só deu fé das lanças que o duque do Infantado mandou pelo irmão, D. Hurtado de Mendoza <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	Rodrigo Manrique cercou Uclés, cidade que pertencia ao marquês de Villena. Assim que o fez, cortou o abastecimento de água à fortaleza e manteve-a cercada durante três meses. Diego Pacheco e Alfonso Carrillo juntaram homens e víveres para socorrer a fortaleza sitiada. O duque do Infantado impossibilitado de socorrer Rodrigo Manrique, uma vez que estava a cercar Madrid, mandou 300 lanças pelo seu irmão. Pacheco e Carrillo em sabendo como Manrique estava falto de homens, combateram o inimigo. Porém, neste duplo cerco, de acordo com o cronista, morreram mais homens do partido do marquês de Villena, do que do partido do mestre de Santiago, até porque Hurtado de Mendoza conseguiu reforçar o contingente de Rodrigo Manrique. A fortaleza acabou por se render a Rodrigo Manrique.	XLVIII O cronista não concorda com Pulgar, dizendo que o assédio durou três meses.
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Mourão / Moura					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	cavalgada 1º momento: 1475/Junho	<u>Partido de D. Fernando:</u> 1º momento: Pero Díaz de Villacreces; Diego Ramírez de Segarra 2º momento: Henrique de Guzmán, duque de Medina Sidónia <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 1 500 cavaleiros 8 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> Omisso	1º momento: Pedro Díaz Villacreces com alguns cavalos e 150 peões de Sevilha correram o campo em volta de Noudar, chegando até Moura. Os portugueses que voltavam de uma incursão além-Guadiana precipitaram-se para atacar os castelhanos, mas foram mandados regressar para a margem leste do rio pelo seu caudilho. Porém, no meio da indecisão, foram apanhados de surpresa por ginetes castelhanos que os desbarataram. O cronista aponta ainda as proporções de 200 castelhanos para 1 000 portugueses. No cap. I do livro XXV, Palencia conta que o castelhano que exercia o cargo de alcaide de Noudar, com apenas oito cavaleiros e quatro infantes desbarataram setenta soldados portugueses. 2º momento: O duque de Medina Sidónia teria aproveitado o facto de o Algarve se encontrar desguarnecido de cavalaria para atacar, mas também pelo facto de o marquês de Cádiz, seu inimigo, estar ausente em Jerez. Talaram Moura e Mourão.	1º momento: II, livro XXV, cap. I; 2º momento: II, Livro III, cap. VII Palencia caracteriza psicologicamente Henrique de Guzmán como uma pessoa covarde, avara e apática.
Diego de VALERA	cavalgada 1475/Junho	<u>Partido de D. Fernando:</u> Pero Díaz de Villacreces; Diego Ramírez de Segarra <u>Partido de D. Afonso V:</u> Lopo Vasques de Castelo Branco, almirante de Portugal	<u>Partido de D. Fernando:</u> 30 cavaleiros; 100 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	Villacreces e Segarra saíram de Sevilha e tomaram o caminho para Noudar mas prosseguiram até Moura, tentando capturar gado português. Os de Moura viram os homens castelhanos e contra-atacaram mas de uma forma desordenada, sendo por isso derrotados. Os castelhanos regressaram a Sevilha com o saque e prisioneiros, contentes por poucos terem derrotado muitos inimigos.	VII
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---

Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	cavalgada	<u>Partido de D. Fernando:</u> Henrique de Guzmán, duque de Medina Sidónia <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 1 500 cavaleiros 8 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	Moura e Mourão foram talados, voltando os castelhanos com grande despojo.	Livro XIX, cap. XXXI
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Villanueva de Barcarrota					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	Cavalgada	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> Fernán Gómez de Solis, alcaide	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 200 cavaleiros 800 peões <u>Partido de D. Fernando:</u> 50 cavaleiros	Tendo os portugueses sofrido algumas derrotas em Badajoz, decidiram tomar algumas cidades em Castela, nomeadamente Villanueva de Barcarrota, onde roubaram todo o gado que encontraram. Fernán Gómez de Solis, que guardava a cidade, juntou os moradores que conseguiu e perseguiu os portugueses com apenas cinquenta cavaleiros. Como os portugueses se julgavam seguros, iam desordenados e foram atacados pelos castelhanos, os quais mataram 130, tendo morrido apenas três castelhanos. Porém, estes recuperaram a presa tomada pelos portugueses.	X
Andres BERNÁLDEZ					
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> Hernán Gómez de Solis, alcaide	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 200 cavaleiros 800 peões <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	Passa-se na fronteira da Estremadura espanhola. Os portugueses cercaram a vila. Porém, como não conseguiram entrar, roubaram o gado que pastava por perto. Hernán Gómez de Solis, alcaide da vila, seguiu-os e desbaratou-os com pouca cavalaria, tirando-lhes a presa que tinham feito.	Livro XIX, cap. XXXII
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Baltanás [17 para 18 de Setembro de 1475]				
Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	Cerco <u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V; conde de Penamacor; Rui Pereira da Feira; Diogo de Castro <u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Pimentel, conde de Benavente	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> 400 lanças	Afonso V quer descercar Burgos, partindo de Zamora. Assim, o conde de Benavente sabendo deste plano, montou a sua base na vila de Baltanás, a oito léguas de Peñafiel, para dali poder atacar o rei português em marcha. D. Afonso V iludiu a vigilância castelhana e, sabendo que Rodrigo Pimentel estava no dito lugar, mandou à frente o conde de Penamacor, Rui Pereira da Feira e Diogo de Castro, marchando durante o dia, na direcção de Burgos. Anoiteceu e o próprio monarca atacou Baltanás e nessa mesma noite juntaram-se próximo da vila e ao amanhecer o conde de Penamacor é o primeiro a atacar o lugar, com pouca gente. A guarnição castelhana era mais numerosa do que a gente do conde de Penamacor e como Rodrigo Pimentel acreditava que podia existir uma cilada, não quis sair, mas enviou um pedido de ajuda, esperando reforços. Afirma Pina que se o conde de Benavente tivesse atacado o conde de Penamacor antes da chegada de D. Afonso V, certamente o teria vencido porque os seus homens e cavalos eram mais e estavam mais frescos e porque tinha muitos espingardeiros e artilharias. Porém, duas horas depois do sol ter nascido e depois de comer, Afonso V juntou-se ao conde de Penamacor e coordenaram o ataque, o qual foi feito desmontado, à excepção do rei. Mesmo assim, Rodrigo Pimentel conseguiu manter a hoste portuguesa à distância durante, causando-lhe bastante dano e provocando a morte ao filho do mariscal, D. Álvaro Coutinho, quando ia a escalar as ameias. Porém, o ímpeto português foi tão forte que Rodrigo Pimentel, de cima da muralha, pediu a rendição. Foi então preso e a vila entrada e roubada, capturando os portugueses grandes despojos, regressando no dia seguinte a Peñafiel.	CLXXX
Damião de GÓIS	Cerco <u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Penamacor; Rui Pereira da Feira; Diogo de Castro <u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Pimentel, conde de Benavente	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> 300 lanças	D. Isabel segue de perto as movimentações do rei português e tenta sempre colocar capitães da sua confiança em lugares próximos onde Afonso V estava para que estes pudessem ajudar assim que o momento fosse oportuno. Baltanás era um lugar a oito léguas de Peñafiel. Afonso V esperou que o conde de Benavente saísse a dar batalha, embora este não quisesse sair da protecção dos muros. Duas horas depois do nascer do dia, Afonso V mandou tocar as trombetas e mandou escalar as muralhas, enquanto controlava as operações a cavalo e sem escolta. O conde de Benavente	LXII Góis dá conta que imediatamente antes deste ataque, o conde de Cifuentes tentou lançar uma cilada aos

				opôs feroz resistência, com espingardeiros e besteiros mas, por fim, a vila acabou por ser tomada, não sem terem causado muito dano aos portugueses. Rodrigo Pimentel rendeu-se, ferido e foi colocado à guarda do conde de Penela. Como os soldados de ambos os partidos estavam exaustos do combate e dado que o conde de Benavente se rendeu, foi possível a ambos os partidos pernoitarem na mesma vila em convivência pacífica.	homens de Afonso V, mas foi desbaratado e refugiou-se em Olmedo. Este cronista escreve ainda que Rodrigo Pimentel se manteve na protecção dos muros. Que tipo de estrutura seria essa? Em todo o caso, a terminologia parece indicar algo mais sólido do que Pulgar refere.
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco Baltanás era um lugar difícil de defender, plano e com uma cerca em adobe, a qual estava em mau estado. O ataque dá-se com oito frentes	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V, Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo, Diego Pacheco, marquês de Villena <u>Partido de Fernando:</u> Rodrigo Pimentel, conde de Benavente	---	O conde de Benavente estava a aguardar a marcha de Afonso V em Baltanás. Fazia parte da estratégia isabelina de distribuir os seus homens pelos lugares vizinhos, para poder acompanhar de perto as movimentações do seu adversário. O conde não teve tempo para fortificar o lugar, mas tampouco o abandonou, apesar dos conselhos nesse sentido, devido à proximidade de Afonso V. Os portugueses entraram duas vezes no lugar, mas em ambas foram rechaçados. O combate durou de manhã até à hora das vésperas. Depois de entrado o lugar, Rodrigo Pimentel fortificou-se numa rua, mas acabou por ser capturado, sendo roubado o lugar e a igreja.	L Pulgar coloca aqui o ponto de viragem de Afonso V, o qual ao saber das dissensões em Zamora, rumou para essa cidade e abandonou Burgos. O conde de Benavente foi trocado por três fortalezas: Mayorga,

					Villalva e Portillo.
Afonso de PALENCIA	Cerco 1475/Set/17	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo <u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Pimentel, conde de Benavente	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 1 200 lanças <u>Partido de D. Fernando:</u> 150 lanças	Rodrigo Pimentel confiou que o irmão Juan Pimentel o avisasse caso D. Afonso V se aproximasse do lugar onde pernoitava – Baltanás, que não tinha defesas naturais ou artificiais. Porém, o rei português conseguiu iludir a vigilância e atacou o lugar ao amanhecer. Diz o cronista que poucos homens defenderam o lugar durante muito tempo. Porém, Rodrigo Pimentel capitulou para salvar a vida dos seus homens e entregou-se como refém.	II, Livro XXIV, cap. II
Diego de VALERA	Cerco 1475/Set/17	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo <u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Pimentel, conde de Benavente	---	Rodrigo Pimentel estava no lugar de Baltanás, o qual tinha uma paliçada de madeira velha. Não obstante D. Afonso V estar por perto, o conde de Benavente confiou que o seu irmão – Juan Pimentel, o avisasse caso o rei português decidisse atacar o lugar. Afonso V fingiu dirigir-se para Burgos, mas isso tratou-se de uma manobra de diversão, uma vez que voltou para tomar Baltanás. Como a diferença de forças era bastante notória, a favor de Afonso V, o que fez com que a vila fosse tomada. Como consequência, o conde de Benavente foi capturado.	XII
Andres BERNÁLDEZ	Cerco	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo <u>Partido de D. Fernando:</u> Pedro Pimentel, conde de Benavente	---	D. Afonso V partiu de Arévalo para Peñafiel, com o marquês de Villena, mestre de Santiago e o duque de Trujillo, comumente chamado arcebispo de Toledo. Soube que o conde de Benavente – Pedro Pimentel, que estava numa vila sua chamada Baltanás, a qual é plana e protegida com uma paliçada. Afonso V atacou Baltanás e penetrou na vila, prendendo o conde de Pimentel, o qual teve de beijar a mão do rei em sinal de submissão. O conde de Benavente, para ganhar a sua liberdade, deu como reféns o seu filho e as vilas de Portillo, Villalba e Mayorga.	XIX Bernáldez regista que Afonso V ia a caminho de socorrer Burgos e que o conde de Faro e D. Álvaro, seu irmão, envolveram-se numa escaramuça com o conde de Cifuentes, tendo este sido desbaratado. O recontro foi feito principalmente com homens montados.

					Relativamente ao episódio de Baltanás, o cronista refere-se erradamente ao conde de Benavente como Pedro.
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco 1475/Set/18	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V, Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo <u>Partido de Fernando:</u> Rodrigo Pimentel, conde de Benavente	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 1 800 cavaleiros <u>Partido de D. Fernando:</u> Menos de 1 300 cavaleiros	Devido à superioridade numérica, D. Afonso V venceu os castelhanos e capturou o conde de Benavente, pelo qual se deu posterior resgate.	Livro XIX, cap. XXXIII
<i>Crónica Incompleta...</i>	Cerco 1475/Set/18	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V <u>Partido de D.Fernando:</u> Rodrigo Pimentel, conde de Benavente	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso <u>Partido de D.Fernando:</u> 300 lanças	O conde de Benavente estava em Baltanás, que era uma vila com uma «mala cerca para poderse poça gente de mucha defender». O ataque de Afonso V à vila de Baltanás foi feito ao nascer do dia, tomando todos de surpresa, durando o combate até às vésperas. Os portugueses arrasaram os seus inimigos com muitos «tiros de poluora manuales». Muitos ficaram feridos e, para evitar mais baixas nos seus homens, o conde de Benavente, Rodrigo Pimentel, rendeu-se e entregou-se como refém.	XLII
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	Cerco 1475/Set/18	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V; Diego Pacheco, marquês de Villena; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo; conde de Ureña <u>Partido de D.Fernando:</u> Rodrigo Pimentel, conde de Benavente	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 300 cavaleiros 200 peões <u>Partido de D.Fernando:</u> 180 cavaleiros	Afonso V e os seus partidários combateram o lugar de Baltanás, o qual durou sete horas. Terão morrido neste combate oitenta portugueses e apenas seis castelhanos, tendo Rodrigo Pimentel sido feito prisioneiro.	p. 103

Martín Munõz de las Posadas					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ					
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	---	---	---	---	---
<i>Crónica Incompleta...</i>		<u>Partido de D. Fernando:</u> Fonseca, senhor de Coca e Alahejos <u>Partido do arcebispo de Toledo:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso <u>Partido do arcebispo de Toledo:</u> 200 lanças	Fonseca quis desferrar-se uma derrota prévia, em Olmedo, que os portugueses infligiram aos castelhanos. Foi então uma noite a Martín Muñoz e derrotou as 200 lanças que o arcebispo Carrillo lá tinha. Essa guarnição refugiou-se na igreja, mas também aí foram vencidos, capturando o partido de Fonseca homens, cavalos e armas.	XLI
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	1475/Out/07	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Alonso de Fonseca, bispo de Ávila <u>Partido do arcebispo de Toledo:</u> Alfonso Carrillo	<u>Partido de D. Fernando:</u> 160 cavaleiros <u>Partido do arcebispo de Toledo:</u> 130 cavalos	O bispo de Ávila partiu de Olmedo e foi tomar o lugar de Martín Muñoz de las Posadas, a duas léguas de Arévalo. Embora o lugar estivesse fortificado, entrou por força e capturou 100 cavalos.	p. 104

	Alcoutim				
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ					
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cavalgada 1475/Outubro	<u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Nava <u>Partido de D. Afonso V:</u> Omisso	---	As quatro galeras de Juan II de Aragão ao passarem o estreito de Gibraltar, tendo como ordens de D. Fernando defender aquelas águas de possíveis embarcações portuguesas, saquearam o lugar de Alcoutim	Livro XIX, cap. XXXV
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Frejenal					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	Depois destas fortalezas (Aroche, Aracena, Lebrixa, Alanis, Costantina e Alcantarilla) serem tomadas pelo duque de Medina Sidónia, o dito duque teve de as entregar a D. Isabel, a qual colocou à frente delas homens da sua confiança.	XCI
Afonso de PALENCIA	Cavalgada	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Luís Freire; Vicêncio Simões <u>Partido de D. Fernando:</u> Nuño de Esquivel; alcaide de Noudar; alcaide de Enzinasola; Diego de Mexía; Juan de Silva, alcaide de Oliva; Suero de Ayala e Gonzalo de Vargas	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 150 cavaleiros 500 peões <u>Partido de D. Fernando:</u> Alguma cavalaria 300 peões	Incurso portuguesa em terras sevilhanas, tendo saqueado Encinasola e Sant Bartholomé, tendo o saque sido constituído por gado e prisioneiros. Porém, um capitão castelhano, Nuño de Esquivel, levando gente de da guarnição de Frejenal e indo buscar mais reforços a Noudar, a qual estava por Castela, perseguiu os portugueses.	II, Livro XXIV, cap. III
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Maríneo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cavalgada	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Luís Freire; Vicêncio Simões <u>Partido de D. Fernando:</u> Nuño de Esquivel; alcaide de Noudar; alcaide de Enzinasola; Diego de Mexía;	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 150 cavaleiros 500 peões <u>Partido de D. Fernando:</u> Alguma cavalaria 300 peões	Incurso portuguesa em terras sevilhanas, tendo saqueado Encinasola e Sant Bartholomé, tendo o saque sido constituído por gado e prisioneiros. Porém, um capitão castelhano, Nuño de Esquivel, levando gente de da guarnição de Frejenal e indo buscar mais reforços a Noudar, a qual estava por Castela, perseguiu os portugueses até perto do porto de Martigón. Os portugueses ocupavam o alto do porto e os castelhanos a planície cá em baixo, esperando o inimigo. Na refrega foram derrotados os portugueses e	Livro XIX, cap. XXXV; Livro XX, cap. XII

		Juan de Silva, alcaide de Oliva; Suero de Ayala e Gonzalo de Vargas		<p>morreu Vicêncio Simões, tendo ainda perdido 100 cavalos e sido aprisionados cinquenta dos principais portugueses.</p> <p>Em Outubro de 1476, Zurita dá conta que o duque de Medina Sidónia se tinha apoderado de Frejenal, assim como de Utrera, Aroche, Lebrija e Alcantarilla, tendo-as para seu próprio benefício, não sendo confirmadas nem por Afonso V, nem por D. Fernando.</p>	
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Trujillo [Novembro/1475]					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Mestre de Calatrava; Alonso de Monroy, claveiro de Alcântara <u>Partido do marquês de Villena:</u> Pedro de Baeza, alcaide de Trujillo	---	Ao contrário de Zurita, Pulgar afirma que foi D. Isabel quem coordenou o ataque à cidade, já que os pedidos pacíficos para devolver a cidade foram rechaçados, a rainha mandou chamar os homens de armas das cidades de Sevilha, Córdoba e de outros lugares andaluzes. Com este grande exército, tomou e derrubou também a fortaleza de Madrigalejo, cuja alcaidaria tinha Juan de Vargas; e tomou a fortaleza de Castilnovo. O objectivo era que Pedro de Baeza entregasse a fortaleza em terceira, tal como o marquês de Villena havia prometido aos reis, ao que Pedro de Baeza retorquiu que só a entregaria a Diego Pacheco. D. Isabel tentou negociar novamente, chamando o marquês de Villena, o qual não veio em pessoa, mas enviou um secretário para tratar da entrega da fortaleza. Como mesmo assim o alcaide não a entregou, o marquês teve de vir pessoalmente, sendo a fortaleza entregue a Gonçalo de Ávila, mas aproveitando a ocasião para negociar ofícios e bens para a sua pessoa.	LXXXVII
Afonso de PALENCIA	Cerco 1476/Jan	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alfonso de Monroy, mestre de Alcântara <u>Partido do marquês de Villena:</u> Pedro de Baeza, alcaide	---	Do castelo lançavam grandes pedras por meio de trabucos.	II, Livro XXV, cap.I Em 1477, Trujillo vai também ser palco de contenda entre o conde de Plasencia e Afonso de Monroy, craveiro de Alcântara: III, Livro

		---	---	Pequeno apontamento em como o marquês de Villena, em pouco tempo, perdeu vinte vilas, tais como Alcaraz, Baeza, Trujillo, Hellin, Almansa, etc. Porém, no capítulo XL, o qual situa a acção em 1480, Valera afirma que D. Isabel cobrou a fortaleza de Trujillo, que ainda tinha voz pelo marquês de Villena, cujo alcaide era Gonçalo de Ávila, senhor de Villatoro e Naval. Diz ainda o cronista que a rainha mandou derrubar as fortalezas que naquela província haviam sido construídas recentemente.	XXVIII, cap. VI XI, XL
Diego de VALERA					
Andres BERNÁLDEZ	Cerco 1477/Verão	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Isabel e D. Fernando <u>Partido do marquês de Villena:</u> Diego Pacheco, marquês de Villena	---	Trujillo tinha voz pelo marquês de Villena, o qual se chamava duque de Trujillo e mestre de Santiago. D. Isabel e D. Fernando estiveram a cercar a praça durante todo o Verão até que Diego Pacheco teve de se dar por partido. Assim que os reis foram para Sevilha, foram perdoados e voltaram ao serviço dos <i>Católicos</i> Diego Pacheco, Rodrigo Girón e o conde de Ureña, seu irmão, bem como a casa de Stuñiga.	XXVIII
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco 1476	<u>Partido de D. Fernando:</u> Hernando de Monroy, Martín de Chaves, Juan de Vargas, Juan Nuñez, Diego de Stuñiga, Alonso Puerto Carrero e Sancho de Castilla, capitão da guarda do rei <u>Partido do marquês de Villena:</u> Pedro de Baeza	<u>Partido de D. Fernando:</u> Zurita só contabiliza as 100 lanças de Sancho de Castilla. <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	Os da cidade de Trujillo cercaram a fortaleza, que era detida por Pedro de Baeza em nome do marquês de Villena.	Livro XIX, cap. XXXVI, XLVI
Crónica Incompleta...	Cerco 1476/Jan	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alonso Henriques, cavaleiro de Salamanca; Alonso de Monroy, mestre de Alcântara <u>Partido do marquês de Villena:</u>	---	Alonso Henriques foi cercar Trujillo e levou a carta de chamamento para Alonso de Monroy, para que cercasse a dita cidade, o que veio a acontecer.	XLVI
Cronicón de Valladolid...	Cerco 1477/Maio/13	---	---	Trujillo foi tomado em finais de Junho de 1477, tendo sido entregue em terceira a Gonçalo de Ávila por Diego Pacheco, marquês de Villena.	p. 128-129

	a 1477/Jun/14				
--	------------------	--	--	--	--

Cantalapiedra (fortaleza)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	Assalto e tomada da praça 1475/Set	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Penamacor; Rui de Melo <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	---	Afonso V havia determinado que já não ia socorrer Burgos. Dessa forma, mandou o conde de Penamacor, Rui de Melo e outros fidalgos escalar e tomar a Cantalapiedra de noite, a qual tomou sem resistência. Ficou aí como capitão Rui de Melo e D. Afonso V voltou para Arévalo, passando o Inverno em Zamora.	CLXXXI
Damião de GÓIS	Assalto e tomada da praça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Penamacor; Rui de Melo <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	---	Portugueses conquistaram a praça facilmente.	LXIII
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	Assalto e tomada da praça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> Vasco de Vivero	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Palencia refere “numeroso exército” <u>Partido de D. Fernando:</u> 40 lanças	Afonso V prefere tomar Cantalapiedra em vez de socorrer Burgos. Conseguiu a proeza porque Cantalapiedra não estava bem defendida de homens porque um traidor teria convencido a guarnição que não valeria a pena defender as muralhas.	II, Livro XXIV, cap IV; neste capítulo há referência ao facto de os portugueses tentaram conquistar Castro Toraf mas receosos dos reforços que D. Isabel mandara, saquearam o lugar e levaram o produto do roubo para

					Zamora (1475/Nov/13). Também por esta altura se entregou a D. Fernando a fortaleza de Gordillas, na terra de Ávila.
Diego de VALERA	Assalto e tomada da praça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> Vasco de Vivero; Pareja, comendador	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> 100 cavaleiros	Afonso V mandou a maior parte dos peões para Portugal e partiu de Toro para Arévalo. Pelo caminho tentou conquistar Cantalapedra a Vasco de Vivero, tendo recebido muito dano da guarnição da cidade. Cantalapedra foi tomada posteriormente, a mando de Afonso V e devido a traição de alguns moradores da vila.	X, XIII Este cronista dá conta que também as fortalezas de Las Gordillas e Castro Torafe foram tomadas pelos portugueses.
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Assalto e tomada da praça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> Vasco de Vivero	---	Portugueses tomam a fortaleza.	Livro XIX, cap. XXXI, XXXVI; neste capítulo há ainda uma breve informação em como os castelhanos tomaram a fortaleza de Las Gordillas, junto a Ávila e que a 1475/Nov/13, Afonso V tomou o castelo

					de Castro Torafe.
<i>Crónica Incompleta...</i>	Assalto e tomada da praça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	---	Vasco de Vivero tinha deixado Cantalapiedra pouco guarnecida de homens porque tinha levado 150 lanças para D. Isabel. D. Afonso V entrou e roubou a vila e deixou lá uma guarnição de 200 homens, dando homens para melhorar a defesa, protegendo a fortaleza da cidade.	XLIII
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Ocaña (vila) [25 de Novembro de 1475]					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Levantament o popular	<u>Partido de D. Fernando:</u> conde de Cifuentes <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	---	O cronista afirma que Afonso V passou a ser menos bem visto a partir do momento em que abandonou Burgos e considera ser essa a razão pela qual os populares de Ocaña se levantam contra o seu senhor, o marquês de Villena. Os populares tiveram reforços do conde de Cifuentes, o qual expulsou os soldados de Diego Pacheco.	LXIV
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Levantament o popular Início de 1476	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, mestre de Santiago <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> além da gente da vila que se arma, reforços que mandaram Rodrigo Manrique, <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	A vila revoltou-se contra Diego Pacheco e passou para a alçada da Coroa.	LI
Afonso de PALENCIA	Cerco Depois de 1475/Nov/13 e antes de 1475/Nov/25	<u>Partido de D. Fernando:</u> Diego Osorio e Pedro de Busto, cavaleiros de Ocaña <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	---	Diego Osório e Pedro de Busto, secundados por muitos cidadãos de Ocaña rebelaram-se contra a autoridade estabelecida pelo marquês, que os que seguem o comando do marquês tiveram de se refugiar na torre de Ocaña, erguida no centro da vila, para se refugiarem dos tumultos repentinos.	II, Livro XXIV, cap. IV
Diego de VALERA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Manrique, mestre de Santiago; Diego Osorio; Pedro de Busto; Juan de Silva; Juan de Ribera <u>Partido do marquês de Villena:</u>	---	Pequeno apontamento em como a vila de Ocaña foi ocupada. Trava-se a guerra para recuperar o mestrado de Calatrava, entre Alonso de Aragón, irmão de D. Fernando e Rodrigo Tellez Girón, No seguimento deste conflito, Rodrigo Manrique, mestre de Santiago, quis tomar Almagro, que estava por Rodrigo Girón, mestre de Calatrava, mas como estava muito bem defendida, optou por ir atacar Almodôvar del Campo. Entretanto, Rodrigo Manrique convenceu Diego de Osorio e Pedro de	XI, XIII

		omisso		Busto, cavaleiros e plebeus da cidade a revoltarem-se contra os homens do Marquês de Villena. Vieram apoiar este partido Juan de Silva, conde de Cifuentes e Juan de Ribera, primo do anterior.	
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Diego Osorio e Pedro de Busto, cavaleiros de Ocaña <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> além da gente da vila que se arma, reforços que mandaram Rodrigo Manrique, Juan de Ribera e o conde de Cifuentes. <u>Partido de marquês de Villena:</u> omisso	Os líderes do partido fernandino convenceram a população e tomaram armas contra a guarnição da vila. Acudiram ainda reforços, na forma de cavalaria, enviados por Rodrigo Manrique, bem como outras forças enviadas pelo conde de Cifuentes e de Juan de Ribera, seu tio. O primeiro objectivo militar foi uma torre, apoderando-se depois da vila, sendo essa perda bastante significativa para o marquês de Villena.	Livro XIX, cap. XXXVI; o capítulo nota ainda a guerra que era feita também ao marquesado, em Consuegra.
Crónica Incompleta...	---	---	---	---	---
Cronicón de Valladolid...	Conquista da vila 1475/Nov/25	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Juan da Silva, conde de Cifuentes <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	---	Ocaña foi conquistada pelo conde de Cifuentes para o partido de Isabel e Fernando.	p. 107

Fronteira alentejana					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	Cavalgadas Fim de 1475, início de 1476	---	---	Não especificando outros nomes além do príncipe D. João, o cronista afirma que havia muitos problemas na fronteira, com roubos e mortes e com a entrada de gentes contrárias. O principal problema é que Afonso V tinha levado «com sygo a frol da jente e armas do Reyno». Assim, D. João tinha de acudir a todos os lugares onde havia problemas. No entanto, o príncipe teve uma acção determinante, porque não só defendia o reino das cavalgadas inimigas, como também «os estranhos ofendia, e guerreava continuamente per muytas maneiras».	CLXXXII
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ					
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cavalgada 1476/Ago	<u>Partido de D. Fernando:</u> Mestre de Santiago <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 3 500 lanças 15 000 peões	O mestre de Santiago organizou uma expedição, calculando estar pelo menos vinte dias em Portugal, roubando o que pudesse.	Livro XX, cap. XXIV
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Zamora (torre, cidade e fortaleza) [Dezembro de 1475]					
Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.	
Rui de PINA	Cerco	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> Francisco de Valdés; Pedro de Mazariegos</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Alfonso Carrilho; D. Afonso V</p>	---	<p>Afonso V pediu ao filho que viesse socorrer-lo, coisa que o príncipe fez depois de prover as frontarias. Porém, quando estava já em Miranda do Douro e preparado para entrar em Castela, o capitão dos ginetes – Chichorro, passou o Douro a nado e avisou D. João para voltar para trás, uma vez que se preparava uma cilada contra ele na ponte de Zamora. Esta ponte tinha duas torres, uma na entrada da cidade, cujo alcaide era Pedro de Mazariegos e outra no outro extremo, cuja alcaidaria pertencia a Francisco de Valdés, seu cunhado. D. Afonso V havia já sido avisado da deslealdade de Valdés, mas acreditou que eram suspeitas falsas. Soube mais tarde que havia um plano para a hoste do príncipe, quando esta viesse socorrer D. Afonso V: deviam deixá-lo entrar na ponte e depois encerrar as portas nas extremidades, para o prender ou matar. Quem avisou Afonso V desta situação foi o Doutor Pareja, corregedor da cidade. Partiu então o rei, juntamente com o arcebispo de Toledo para falar com Mazariegos, mas este recusou-se a abrir as portas, percebendo o rei a traição que lhe faziam. Tentaram então por força tomar a ponte, mas esta apresentou uma forte resistência, e não conseguiram e tiveram de voltar à cidade. Tocaram os sinos a repique, gritou-se traição e estava instalado o clima de desconfiança e medo. Desconfiavam os portugueses dos castelhanos e os castelhanos dos portugueses. Isto é, não se sabia quem havia traído quem.</p> <p>A manhã trouxe serenidade e a convicção de Afonso V atacar uma vez mais a torre da ponte, destacando todos os homens para essa empresa. Utilizaram-se espingardas e outros tiros, bestas, lenha, pez e fogo para atacar a torre do lado da cidade. Porém, os de dentro também estavam bem armados e causaram muito dano aos portugueses. Após terem sido mortos e feridos alguns nobres, Afonso V reconheceu que era mais prudente voltar à cidade. Foi ainda aconselhado a fortificar a muralha da cidade que dava para a ponte e a expulsar aqueles castelhanos sobre os quais recaía a suspeita de traição, retirando-lhes as armas. Foi ainda aconselhado que o rei sáisse da cidade e levasse a rainha. É neste contexto que Afonso V regressa a Toro, onde foi recebido por Juan de Ulloa.</p>	CLXXXIV, CLXXXV
Damião de GÓIS	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Francisco de Valdés; D.	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	<p>Sabendo da mudança de partido de Francisco de Valdés, D. Afonso V decidiu atacar as torres. Foi recebido com dardos, pedras e tiros de</p>	LXVIII, LXIX, LXX, LXXII,

		<p>Fernando; duque de Alba; conde de Alba de Liste</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Juan de Porras; D. Afonso V</p>	<p><u>Partido de D. Afonso V:</u> 100 ginetes</p>	<p>espingardas. O monarca ainda conseguiu queimar as portas, porém, ao entrar, percebeu que de noite haviam erguido uma parede por trás da porta. O combate prosseguiu e durou desde a manhã até à hora das vésperas. No entanto, devido à acérrima defesa, o arcebispo de Toledo aconselhou a que se retirasse, pois era mais o dano que se recebia do que o que se causava. Afonso V retirou para Toro e pediu ao príncipe que reunisse homens e que viesse em seu auxílio.</p> <p>Pouco tempo depois os homens de D. Fernando chegam a Zamora e destroem o muro feito atrás das portas da ponte de Zamora. Prendem alguns inimigos e cercam a sé, junto ao castelo, onde se abrigavam alguns portugueses. A igreja rendeu-se e os seus ocupantes foram para Toro sem serem molestados. D. Fernando pôde assim concentrar a força das suas bombardas para combater o castelo.</p> <p>D. Fernando, vendo que não consegue ganhar o castelo pela força, apregoa um perdão geral aos cercados a ver se os faz mudar de ideias, mas não teve sucesso por isso mandou vir bombardas grandes e outras máquinas de guerra de Medina del Campo.</p> <p>Afonso V sai de Toro para tentar rechazar o ataque de Fernando ao castelo de Zamora. Tentou capturar o comboio de munições mas não chegou a tempo. Desafiou posteriormente Fernando para uma batalha campal. O duque de Alba de Liste desaconselhou e Isabel não gostou, considerando que era cobardia. Afonso V voltou para Toro depois disto.</p> <p>Finalmente o castelo é cobrado por via negociada. O cardeal de Espanha negociou com Afonso de Valença a rendição do mesmo. D. Fernando mandou entregar em Toro os objectos pessoais de D. Afonso V. Também por esta altura se reconciliaram o mestre de Calatrava e o conde de Ureña, seu irmão, privando assim D. Afonso V de importantes apoios.</p>	<p>LXXXI No capítulo LXVIII aparece a segunda menção ao falho plano de D. Afonso V a partir do momento em que decidiu não socorrer Burgos.</p>
Garcia de RESENDE	Cerco	---	---	<p>O príncipe D. João que ia socorrer seu pai a Zamora, foi mandado voltar para trás devido à traição de Francisco Valdés. Esta notícia foi-lhe comunicada por Vasco Chichorro, capitão dos ginetes</p>	XI
Fernando del PULGAR	Cerco	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Mendoza; D. Fernando; almirante de Castela; duque de Alba; conde de Alba de Liste</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Juan de Porras</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> 500 cavaleiros</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> 100 cavaleiros</p>	<p>Isabel subornou Francisco de Valdés, o qual detinha as torres da ponte de Zamora. D. Fernando deveria socorrer o alcaide da ponte, Pedro de Mazariegos, vizinho de Zamora, atacando assim Afonso V e a sua sobrinha, uma vez que estavam os dois na cidade. Fernando deixa Burgos, fingindo-se doente para que ninguém soubesse da sua partida e alguns dias depois chegou. A notícia chegou aos ouvidos de Afonso V, que tentou tomar a ponte, sem sucesso antes de D. Fernando, tendo ainda conseguido queimar uma das portas da torre. Porém, a disposição do lugar é propícia à defesa, além de que os da ponte tinham erguido um novo baluarte. Assim,</p>	LIII, LIV, LVII

				<p>ouvindo conselho do arcebispo de Toledo, o qual afirmou que viriam homens de Fernando e que os portugueses ficariam encurralados nas ruas da cidade, entre a fortaleza e a nova força atacante, Afonso V decidiu retirar estrategicamente para Toro.</p> <p>Pouco tempo depois, Álvaro de Mendoza tomou a ponte e entrou na cidade. Houve ainda combates pela igreja, sita próximo da fortaleza, na qual se tinham refugiado alguns portugueses, sendo a mesma combatida na manhã seguinte. A igreja capitulou posteriormente, indo essas pessoas para Toro. Livres dessa oposição, os castelhanos puderam cercar a fortaleza com uma paliçada, havendo onze pontos de vigia, com armas e máquinas de guerra. Foram, igualmente, fortificados os baluartes e as cavas. O castelo deixa de ter potencial humano para escaramuçar. O grau de destruição tornou-se tão elevado que o alcaide acabou por capitular. Foi cercada de imediato a fortaleza. Afonso V socorreu Zamora e ofereceu batalha, mas no conselho de guerra que Fernando teve com os seus capitães, decidiu-se não aceitar batalha. O monarca português regressou a Toro.</p>	
Afonso de PALENCIA	1475/Dez/02 a 1476/Mar/19	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> D. Garcia de Toledo, duque de Alba</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Marialva; Juan de Porras; Alfonso de Valencia, alcaide</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> 2 200 cavaleiros 5 000 peões</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso</p>	<p>Isabel subornou Francisco de Valdés, o qual detinha as torres da ponte de Zamora. D. Fernando deveria socorrer o alcaide da ponte, Pedro de Mazariegos, vizinho de Zamora, atacando assim Afonso V e a sua sobrinha, uma vez que estavam os dois na cidade. Fernando deixa Burgos, fingindo-se doente para que ninguém soubesse da sua partida e alguns dias depois chegou a Valladolid, onde recolhe 200 lanças. A notícia chegou aos ouvidos de Afonso V, que tentou tomar a ponte, sem sucesso antes de D. Fernando, tendo ainda conseguido queimar uma das portas da torre. Porém, a disposição do lugar é propícia à defesa, além de que os da ponte tinham erguido um novo baluarte. Marchou assim para Toro, juntamente com D. Juana, pois considerava que era uma base mais segura. Os partidários de D. Fernando tomaram assim a torre e a igreja de Santa Maria la Blanca. Afonso V tentou ainda interceptar o comboio de máquinas de guerra que do duque de Alba enviava para acelerar a conquista de Zamora, mas não foi a tempo. Ainda pensou o comandante português em dar batalha mas desistiu e ordenou a retirada, sendo provocado pela cavalaria fernandina, a qual atacava a retaguarda portuguesa. O alcaide ainda pensou em expor o filho do conde de Benavente no sítio onde as muralhas eram mais açoitadas pela artilharia inimiga, mas vendo as defesas tão débeis, acabou por se render, devolvendo D. Fernando os objectos que ali havia deixado D. Afonso V.</p>	II, Livro XXIV, cap. VIII-IX; livro XXV, cap. V, livro XXVI, cap. I
Diego de	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u>	<u>Partido de D. Fernando:</u>	D. Fernando partiu de Burgos para Zamora em segredo, uma vez que soube	XIV-XV, XXII

VALERA		<p>D. Fernando; Francisco de Valdés; Garcia de Toledo, duque de Alba de Tormes; Rodrigo Pimentel, conde de Benavente; Gutierre de Cardenas; Pedro de Estuñiga; Alonso Henriques, almirante de Castela</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Marialva; Juan de Porras; Alfonso de Valencia, alcaide; Juan de Robles</p>	<p>800 cavaleiros</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso</p>	<p>que havia vozes dissidentes na cidade que queriam tomar o partido do rei. Assim, de Valladolid partiram 200 cavaleiros e de Villalpando, por ordem de D. Isabel, saíram 600 cavaleiros para se juntarem a D. Fernando. O conde de Marialva mandou um emissário falar com Francisco Valdés, que não quis recebê-lo. Das palavras azedas se passou à inimizade e abertamente Francisco Valdés declarou-se por D. Fernando. Por este motivo, Afonso V achou por bem instalar o seu quartel-general em Toro. Posteriormente, D. Fernando entrou em Zamora pela ponte da cidade, encontrando resistência apenas dos que estavam encerrados na igreja, na casa do chantre e no castelo. A casa do chantre, da qual eram disparados tiros de pólvora e virotes de besta, foi então cercada e arrasada. Os da igreja foram também combatidos de tal forma que tiveram de procurar refúgio na torre, a qual acabou por ser conquistada também, permitindo o que o cerco se concentrasse exclusivamente no castelo, para o qual vinham a caminho lombardas e outras máquinas de guerra que o duque de Alba enviara. Afonso V tentou tomar este comboio, mas não foi a tempo e as máquinas entraram em Zamora em segurança porque, ao contrário do que afirma Palencia, os portugueses tiveram um conselho de guerra e não acharam que os despojos valeriam a pena os riscos e, por isso, não lutaram. D. Fernando continuou a cercar a fortaleza e como Alfonso de Valencia não tinha já esperança alguma de receber reforços de D. Afonso V, como passava privações e como parte da fortaleza tinha já sido destruída, acabou por entregá-la a D. Fernando, pedindo perdão para si e para o chantre, seu tio, o que lhe foi concedido. A fortaleza foi então entregue a 19 de Março de 1476 e D. Fernando mandou devolver a Afonso V os bens que este havia deixado nela.</p>	
Andres BERNÁLDEZ	Cerco	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando; Francisco de Valdés; Pedro de Mazariegos</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V; príncipe D. João; duque de Guimarães; condestável de Portugal; Alfonso Carrillo; senhor de Maqueda, sobrinho de Alfonso Carrillo</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> omisso</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> 3 500 cavaleiros 5 000 peões</p>	<p>Francisco Valdés estava determinado em passar a favorecer D. Fernando, suspeita que chegou aos ouvidos do monarca português, o qual o mandou chamar, confrontando-o com a situação. O alcaide das torres da ponte de Zamora ofereceu de imediato as chaves da da torre e isso tranquilizou D. Afonso V, que o dispensou deixando as coisas como estavam. Assim que voltou, Valdés mandou erguer um baluarte por trás das portas da torre da ponte e o rei voltou a chamá-lo para lhe inquirir. O alcaide desculpou-se que já era tarde. Voltou a chamá-lo e Valdés proclamou abertamente o seu apoio a Fernando. O rei, irado, mandou queimar as portas, mas os soldados portugueses sofraram pesadas baixas por via dos tiros que lhes disparavam os da torre. Porém, mesmo quando as portas arderam, os portugueses depararam-se com o baluarte erguido por Valdés. Afonso V, temendo a intervenção de D. Fernando, partiu para Toro, deixando, contudo, a</p>	XXII, XXIII

				fortaleza provida como convinha. A cidade de Zamora foi tomada pelas forças leais a D. Isabel e D. Fernando, que por intermédio de Pedro de Mazariegos e Francisco de Valdés, conseguiram entrar na cidade sem que a guarnição da fortaleza pudesse fazer algo.	
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco 1475/Dez/04 para 1476/Mar/19	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando, Duque de Alba, Rodrigo Pimentel (entretanto libertado), Gutierre de Cárdenas, Pedro de Stuñiga; cardeal de Espanha; duque de Alba; almirante de Castela; Enrique Enríquez, conde de Alba de Liste; duque de Valência; marquês de Astorga; Francisco de Valdés <u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V, Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo; Alonso de Valencia; chantre de Zamora; D. João	<u>Partido de D. Fernando:</u> 2 500 cavaleiros de D. Fernando 5 000 peões; 400 lanças e 6 000 peões de Antonio Fonseca; 2 000 peões e gente de armas a cavalo, de Pedro Alvarez Osorio, conde de Lemos (esta última informação é retirada de Pulgar)	Francisco de Valdés favorece D. Fernando e mantém as torres da ponte de Zamora por ele. Sabendo que D. Fernando vinha no seu encaço e não conseguindo tomar as torres, D. Afonso V retirou para Toro. No dia 5 de Dezembro, D. Fernando cerca a fortaleza de Zamora. No dia 19 de Março de 1476, sensivelmente duas semanas depois da batalha de Toro, o castelo entrega-se aos partidários de Fernando, por causa da acção de Alonso de Aragão.	Livro XIX, cap. XXXVII, XXXIX-XLI; XLV. Este último capítulo evidencia, pela segunda vez, a crítica de Zurita em como os religiosos se dedicavam mais à guerra do que aos deveres espirituais. Atente-se na citação: “Sirvió en el cerco y combates desta fortaleza Diego de Ocampo canónigo de aquella iglesia harto más de lo que su hábito requería, porque a su costa hizo un tabuco por la enemistad que tenía con los caballeros de aquel linaje y bando de

					Valencia, y con él hizo muy grande estrago en los de dentro”.
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	1475/Dez/03 a 1476/Mar/19	---	---	Francisco de Valdés alçou-se com a ponte em nome de D. Fernando, tal como Pedro de Mazariegos. Em sabendo disto, Afonso V acudiu à ponte mas foi recebido com hostilidade, por isso, nessa noite, Afonso V, D. Juana e o arcebispo Carrillo mudaram-se de Zamora para Toro, onde chegaram depois da meia-noite. No dia seguinte, D. Fernando, o duque de Alba e o conde de Benavente partiram em socorro da ponte. O castelo entregou-se a D. Fernando no dia 19 de Março.	pp. 108-109, 121

San Felices de los Galegos e Ledesma					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	Ataque ao lugar 1476/Janeiro	<u>Partido do príncipe D. João:</u> D. João <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	---	Este episódio militar acontece no seguimento traição que D. Afonso V sofreu na ponte de Zamora. O príncipe estava determinado em vir ajudar o pai com dinheiro e homens e para isso recolheu a prata das igrejas, deixou D. Leonor como regente, proveu as frontarias e foi a Castelo Rodrigo, tendo entrado por aí em Castela. Tomou San Felices pela força, roubando-a. Todavia, a passagem por Ledesma foi diferente, uma vez que esta mesmo sendo do partido contrário deu ao príncipe dinheiro, mantimentos e provisões, ou seja, comprou a sua liberdade. No percurso que D. João fez até Toro, cidade na qual se reuniu com o pai no final de Janeiro, não voltou a ser importunado por inimigos.	CLXXXVII
Damião de GÓIS	Ataque ao lugar 1476/Janeiro	---	---	Na sequência do pedido de auxílio de D. Afonso V, o príncipe veio socorrer o seu pai e tomou San Felices de los Galegos pela força das armas e foi em direcção a Ledesma, onde os moradores sabendo do desaire de San Felices, imploraram ao príncipe para não arrasar a cidade. D. João não só não atacou Ledesma, como comprou as coisas que precisava, seguindo dali para Toro.	LXXIV A ordem de marcha deste cronista não coincide com a ordem de marcha apresentada por Zurita.
Garcia de RESENDE	1476/Janeiro	<u>Partido do príncipe D. João:</u> D. João <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	---	Como D. Afonso V necessitava de mais homens para combater, o príncipe D. João pediu dinheiro emprestado, recolheu a prata das igrejas e fez alardo, preparando-se para reunir com o pai. Entrou em Castela por San Felices de los Galegos, vila que tomou pela força por estar contra Afonso V. Em seguida passou por Ledesma, vila onde comprou mantimentos	XII
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	1476/Fev/01	<u>Partido do príncipe D. João:</u> D. João <u>Partido de D. Fernando:</u> Gracián, alcaide	<u>Partido do príncipe D. João:</u> 2 500 cavalos ligeiros 15 000 peões (exército que vinha de Portugal reforçar os homens de D. Afonso	No dia 1 de Fevereiro, D. João chegou a Ledesma. Para passar mais rapidamente pela ponte sobre o rio Tormes, tinha de se apoderar da vila de S. Felices de los Galegos. O alcaide aconselhou à resistência tenaz dos vizinhos nos arrabaldes, rodeados de fosso e paliçada, enquanto outros guardariam objectos de valor nos locais mais fortificados. Porém, o cronista afirma que era muito difícil defender todo o lugar, especialmente os bairros mais afastados do centro. Não obstante, houve muitos feridos	II, Livro XXV, cap. VI A descrição do conflito opõe-se à descrição de outros cronistas.

			V) <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	portugueses no primeiro embate e não podendo os portugueses matar os inimigos, pegou fogo às casas e pipas de vinho.	
Diego de VALERA	Ataque ao lugar	<u>Partido do príncipe D. João:</u> D. João <u>Partido de D. Fernando:</u> Garcia, cavaleiro	---	O príncipe D. João veio socorrer D. Afonso V. Passou por Ledesma e combateu a vila de San Felices, destruindo os arrabaldes. Muitos dos habitantes salvaram os seus bens para dentro da vila e causaram muitas baixas aos portugueses e aos seus cavalos, o que despertou a ira portuguesa, uma vez que como não puderam tomá-la, pegaram fogo a San Felices e destruíram as pipas de vinho que encontraram. O ataque deveu-se a à importância estratégica do lugar, uma vez que era necessário transpor o rio e era perigoso passá-lo a vau, daí que se tivesse de utilizar a ponte, a qual era defendida pela dita vila.	XVIII
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	1476/Fevereiro	<u>Partido do príncipe D. João:</u> D. João <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	<u>Partido do príncipe D. João:</u> 2 000 lanças 8 000 peões Estes homens estariam mal armados e não valeriam nem metade do seu valor em números. Porém, no capítulo anterior, o cronista afirmou que D. João tinha entrado em castelã com 2 500 cavaleiros e 15 000 peões <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	O príncipe veio socorrer o pai. Passou por Ledesma e combateu o lugar de San Felices de los Galegos.	Livro XIX, cap. XLI
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de</i>	---	---	---	---	---

<i>Valladolid...</i>					
----------------------	--	--	--	--	--

Entre Toro e Zamora (Lopo de Albuquerque vs Álvaro de Mendoza)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Escaramuça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Penamacor <u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Mendoza	O cronista diz que ambos os partidos tinham um total de 500 homens.	Saindo Álvaro de Mendoza de Zamora para recolher mantimentos e o conde de Penamacor de Toro para o impedir, encontraram-se em campo entre as duas cidades. Escaramuçaram com lanças, espadas, punhais e depois a murro. Durou esta escaramuça cerca de cinco horas. Foi necessário morrerem 300 homens de um total de 500 para que a vitória pendesse para o lado castelhano e o conde de Penamacor fosse capturado.	LXII
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Escaramuça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Penamacor <u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Mendoza	Apenas diz o cronista que os portugueses eram mais numerosos do que os castelhanos, sendo no total mais de duas centenas.	Álvaro de Mendoza foi mandado interceptar um ataque português que visava capturar víveres castelhanos em trânsito para Zamora. Não foi necessário porque o comboio chegou a salvo ao destino. D. Afonso V ao saber disso e ao saber que andavam soldados pela terra, mandou Lopo de Albuquerque saber o que se passava. Lutou-se com espadas. Partidas estas, empunharam-se punhais Após quatro horas de peleja, a vitória pertenceu aos castelhanos. O conde de Penamacor foi feito prisioneiro.	LVIII
Afonso de PALENCIA	Escaramuça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Penamacor <u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Mendoza	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 80 lanças <u>Partido de D. Fernando:</u> 60 lanças	O conde de Penamacor comandando oitenta lanças, lança-se fora dos muros de Zamora, tentando um feito de valor. O primeiro embate não foi favorável aos portugueses, já que a maior parte dos cavaleiros perderam as suas montadas. À quarta investida eram já vencedores os castelhanos, fazendo reféns o conde de Penamacor, seu irmão, Rodrigo Pereira, Álvaro Freire e outros quinze nobres.	II, Livro XXV, cap. VII
Diego de VALERA	Escaramuça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Lopo de Albuquerque, conde de Penamacor <u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Mendoza; Fernando de Acuña, filho do conde de Buendia	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 80 lanças <u>Partido de D. Fernando:</u> 60 lanças	Lopo de Albuquerque saiu de Toro para Zamora com intenção de matar ou prender o que se cruzasse no seu caminho, especialmente, castelhanos que estivessem fora do abrigo da cidade. Os dois capitães castelhanos, embora com menos gente, saíram de Zamora para dar combate aos portugueses. Mesmo assim, os portugueses teriam hesitado se deviam dar batalha ou não. Decididos a escaramuçar, no primeiro embate caíram ao chão bastantes portugueses, o que deu origem à existência de mais castelhanos montados do que portugueses. Houve ainda mais duas cargas, indo a vitória para os castelhanos. Da derrota portuguesa resultou a prisão do conde de Penamacor, seu irmão, Rodrigo Pereira e Álvaro Freire. Foram ainda presos outros quinze portugueses e doze foram mortos.	XIX

Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Escaramuça Depois de 1476/Fev/09	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Lopo de Albuquerque, conde de Penamacor <u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Mendoza	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 80 cavaleiros <i>muy lucida y escogida gente</i> <u>Partido de D. Fernando:</u> 60 cavaleiros <i>también escogidos entre muchos</i>	Dando conta que não havia ciladas, ambas as forças avançaram, descendo os castelhanos do alto do cerro onde estavam. Zurita chama-lhe <i>famosa peleja junto a Zamora</i> . Do combate saíram feridos Álvaro de Mendoza e Hernando de Acuña, entre outros. Dos portugueses foram rendidos (feitos prisioneiros) Lopo de Albuquerque, um seu irmão, Ruy Pereira, Álvaro Freire e outros quinze cavaleiros.	Livro XIX, cap. XLI
Crónica Incompleta...	---	---	---	---	---
Cronicón de Valladolid...	1476/Fev/12 ou 13	<u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Mendoza; Luís Dijar <u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Penamacor	<u>Partido de D. Fernando:</u> 50 cavaleiros <u>Partido de D. Afonso V:</u> 80 cavaleiros	Num recontro entre os dois capitães, Lopo de Albuquerque foi feito prisioneiro por Álvaro de Mendoza, juntamente com outros vinte e cinco cavaleiros, sendo os outros desbaratados ou mortos.	p. 114

Zamora (ponte)					
Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.	
Rui de PINA	Cerco	<u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V; <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	---	D. Fernando já ocupava a cidade de Zamora e sitiava a sua fortaleza. Neste contexto, há uma dança de ambos os reis: Afonso V vem visitar Zamora, com intenção de dar batalha a D. Fernando e D. Fernando retribui a cortesia, visitando Toro. Porém, nenhum dos reis tinha efectivamente vontade de dar batalha e nunca se produziu nenhum enfrentamento armado. Foi então que Afonso V se decidiu por cercar Zamora, pelo outro lado do rio, onde não arriscava a sua pessoa e homens, mas também não era eficaz. O rei e o príncipe alojaram-se no mosteiro de S. Francisco e a ponte com cavas e baluartes foi toda cercada, mas o dano que causavam aos de dentro era reduzido. Tentou-se a concórdia, numa ilha que existia no meio do Douro, por meio do duque de Alba e o almirante de Castela, pelo lado de Castela e por D. Álvaro, Rui de Sousa e o licenciado de Ciudad Rodrigo pelo lado português, mas estes encontros não resultaram em nada.	CLXXXVIII, CLXXXIX
Damião de GÓIS	Cerco. Meados de Fevereiro de 1476	<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> Duque de Villahermosa; Pedro Manrique, conde de Treviño	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Omisso <u>Partido de D. Fernando:</u> 1 000 lanças	Afonso V partiu de Toro para cercar a cidade de Zamora, detida agora por D. Fernando. Montou o arraial do lado do rio em que não podia socorrer o castelo, mas preparou diligentemente a defesa do arraial: mandou cavar valas e fazer bastidas. Os capitães Pedro Manrique e o duque de Villahermosa foram enviados por D. Isabel para reforçar a defesa de Zamora, estacionando em Alahejos e Fonte Sabugo respectivamente. Ainda se tentaram negociações com vista a alcançar a paz, autorizando inclusivamente D. Isabel o pagamento de uma indemnização a D. Afonso V, mas recusando veementemente a alienação de qualquer parte dos reinos que considerava seus. Não se conseguindo encontrar, continuou o cerco, o qual durou um total de quinze dias, de mau tempo com chuva, frio e neve, até que Afonso V decidiu levantar o cerco, no dia 1 de Março de 1476.	LXXV, LXXVI
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco	<u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	---	Afonso V partiu de Toro antes de nascer o dia, com toda a sua hoste, incluindo os reforços trazidos pelo príncipe, seu filho e foi sitiar Zamora pelo lado da ponte, assentando o arraial no mosteiro de S. Francisco. Por esse lado não conseguiu socorrer a fortaleza, que continuava cercada e D. Fernando continuava a receber mantimentos sem oposição. Pulgar afirma	LX, LXII

				que havia pouca diferença de homens entre os dois partidos. O cerco durou quinze dias e produziram-se algumas escaramuças entre as gentes de D. Afonso V e as da cidade. Há ainda uma notícia que D. Isabel destaca um corpo de 1 000 homens, liderado pelo duque D. Afonso, irmão do rei, pelo infante D. Henrique e por Pero Manrique para cortar o reabastecimento de víveres ao arraial português, estacionando estes a cinco léguas do arraial, nas aldeias de Fuente el Sauco e Alahejos. Houve um conselho de guerra do lado fernandino, no qual a ideia que prevaleceu foi a de não aceitar as tréguas de quinze dias que tinham sido propostas por Afonso V. Cardeal de Espanha tem uma opinião contrária aos demais, mas é a sua que prevalece. Pulgar fala ainda das pazes que deveriam ter sido negociadas nesta ocasião, com um encontro no meio do rio. Houve duas tentativas falhadas. A primeira não foi possível porque a embarcação de Fernando metia água; a segunda não se efectuou porque o relógio da cidade não estava certo e Fernando julgando-se atrasado, voltou para trás.	
Afonso de PALENCIA	Cerco 1476/Fev/13 (data da partida da hoste de Toro) a 1476/Mar/01	<u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V <u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando	---	Afonso V saiu de Toro com o seu exército para descercar Zamora, mas pelo caminho tentou conquistar Madrigal – na qual permaneceu meio dia, e depois Medina del Campo, ambas sem sucesso. Ao chegar a Zamora dispôs os seus homens do lado errado do rio. Palencia aponta como razão o ter montado o acampamento do outro lado do rio, onde não podia socorrer directamente os seus amigos, o facto de a inundação o impedir de passar o rio a vau. Enquanto isto, D. Fernando fazia disparar as bombardas e trabucos que lançavam pedras e iam destruindo o castelo, ao mesmo que os sitiados lançavam setas e disparavam as espingardas. Entretanto, D. Afonso V havia enviado parte da infantaria para Portugal, uma vez que os mantimentos escasseavam, mas ao saber dos números crescentes que engrossavam as fileiras de D. Fernando, o monarca português quis negociar a paz. Porém, o encontro dos dois reis, a sós, no meio do rio, no qual seriam apresentadas propostas não chegou a realizar-se. Assim, D. Afonso V considerou mais prudente levantar o acampamento na madrugada de 1 de Março de 1476.	II, Livro XXV, cap. VIII 13 de Fevereiro foi a data de partida de D. Afonso V, embora só tenha chegado estado treze dias a cercar Zamora: “[...] a los trece dias de haberle assentado (o arraial) en aquel sitio».
Diego de VALERA	Cerco	<u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V <u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando; Alonso de Aragón	---	Afonso V partiu com o seu exército para cercar Zamora, deixando somente em Toro o conde de Marialva e Maria Sarmiento, mulher de Juan de Ulloa. Pelo caminho tentaram atacar Madrigal, uma vez que pensaram que os números intimidariam a guarnição. Porém, foi recebido com tiros de pólvora, setas e pedras. Ainda cercou a vila mas perante tal resistência, acabou por desistir. A caminho de Zamora ainda se aproximou de Medina del Campo, mas como esta estava bem defendida pelas 700 lanças do irmão de Fernando, Alonso de Aragón, desistiu; até porque isso seria perder	XIX, XX

				tempo com um objectivo secundário. Prosseguiu então caminho para Zamora, a qual cercou pelo outro lado do rio Douro, uma vez que era impossível passar o rio a vau. Ao mesmo tempo, D. Fernando fazia fogo com as lombardas para derrubar a torre que se encontrava na extremidade da ponte e ordenou que se chamasse Alonso de Aragão e o conde de Treviño para cercar os portugueses. Em sabendo isto, D. Afonso V temeu ser duplamente cercado e arrependeu-se de ter mandado destroçar os peões. A solução era negociar com Fernando. Deviam encontrar-se ambos os monarcas, em segredo, no meio do rio, durante a noite. Porém, devido a um desencontro, tal reunião não foi possível. À chegada de Alonso de Aragão, D. Afonso V cercava Zamora há já treze dias e no dia 1 de Março de 1476 decidiu retirar para Toro antes que se visse encurralado pelos dois exércitos.	
Andres BERNÁLDEZ	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando; Francisco de Valdés; Pedro de Mazariegos <u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V; príncipe D. João; duque de Guimarães; condestável de Portugal; Alfonso Carrillo; senhor de Maqueda, sobrinho de Alfonso Carrillo	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso <u>Partido de D. Afonso V:</u> 3 500 cavaleiros 5 000 peões	Afonso V, já em Toro, soube que os castelhanos haviam entrado na cidade e apressou-se a vir cercar Zamora, com gente que o príncipe D. João trouxe como reforços. D. Afonso V assentou o seu arraial do outro lado do rio, de forma que o rio Douro estava entre o arraial e a cidade, onde esteve quinze dias. Este é o único cronista que afirma que dessa localização Afonso V bombardeou a cidade. Tratou-se, portanto, de um duplo cerco. D. Fernando cercava a fortaleza de Zamora, enquanto D. Afonso V cercava a cidade de Zamora.	XXIII
Lúcio Maríneo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco 1476/Fev	---	---	Afonso V tenta descercar a cidade, com o auxílio de tropas frescas trazidas pelo príncipe D. João, mas assenta o arraial do outro lado do rio, próximo do mosteiro de S. Francisco, posição que nada importuna a dos castelhanos, onde permanecem dez dias apenas combatendo a porta da torre da ponte de Zamora. Pode parecer um erro de estratégia a posição portuguesa, mas quiçá Afonso V terá julgado possível conquistar a ponte de Zamora, encurralando assim a saída do inimigo da cidade, pois estaria necessariamente estrangulado pela ponte. Calculando isso, D. Fernando mandou fazer minas e portas num baluarte. D. Afonso V fez destroçar os peões, possivelmente por falta de mantimentos.	Livro XIX, cap. XLIII
<i>Crónica</i>	---	---	---	---	---

<i>Incompleta...</i>					
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	Cerco 1476/Fev/19 A 1476/Fev/01	---	---	Afonso V veio cercar a ponte e a cidade, mas montou acampamento próximo do mosteiro de S. Francisco. Esteve aí onze dias.	p. 115

Toro				
Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	<p>Batalha 1476/Mar/01</p> <p><u>Partido de D. Fernando:</u> omisso</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V; D. João; Gonçalo Vaz de Castelo Branco; Rui de Sousa; Fernão Martins; Pedro de Meneses</p>	---	<p>Como o cerco que D. Afonso V havia montado sobre Zamora não estava a ter os melhores resultados e porque começavam a faltar as vitualhas, decidiu alçar o arraial e partir para Toro, de forma secreta, pois já calculava que iria ser perseguido pelos castelhanos. Na sequência destes acontecimentos, os castelhanos perseguiram os portugueses mas detiveram-se após terem passado a ponte, com medo de serem atacados pelos portugueses. Porém, D. Afonso V já tinha percorrido um grande caminho com os seus homens quando se iniciou a perseguição. D. Afonso V levava já duas léguas de Toro e quis abrigar a sua gente de forma a que naquela noite emboscasse as 600 lanças que D. Fernando tinha sob a capitania do duque de Villahermosa, seu irmão bastardo e que estavam em Fonte Sabugo, mas o príncipe D. João fez questão de esperar e dar batalha aos inimigos. Havendo D. Afonso V recado disto, deu meia volta e regressou ao campo, começando a dispor os seus homens. Nas escaramuças iniciais, o conde de Loulé foi ferido e a teve de retirar para Toro. D. Afonso V havia já sido desafiado, não obstante os portugueses terem menos gente e parte dela ter já entrado na cidade e outros tantos terem ficado a guardar a cidade e a rainha.</p> <p>Os portugueses, por via da rapidez com que chegava D. Fernando, ordenaram os homens em duas batalhas, sendo a primeira e de maior número a de D. Afonso V, a qual se colocou junto ao rio. D. Fernando, depois de deixar os seus homens ordenados, e para evitar reveses, veio para a retaguarda. A segunda batalha, com menos gente mas mais nobre foi a do príncipe, o qual se posicionou à esquerda do rei, para fazer face a duas frentes que a ele vinham apontadas. Como consequência, o príncipe dispôs os seus homens também repartidos em duas batalhas.</p> <p>A batalha começou e o sol praticamente se punha. O príncipe, com autorização do pai, mandou tocar as trompetas e teve início a batalha. Os adversários castelhanos não puderam sustentar a carga do príncipe e foram desbaratados. Porém, os homens de D. Afonso V não tiveram o mesmo sucesso, já que os castelhanos desbarataram essa batalha portuguesa. Pina atribui este desastre ao facto de a melhor cavalaria estar na hoste do príncipe e por D. Fernando ter muitos soldados e bem armados, além dos ginetes e dos muitos espingardeiros, cujas armas assustaram os cavalos da</p>	<p>CXC, CXCI</p> <p>É estranho que Rui de Pina não refira o episódio da destruição da ponte para atrasar os castelhanos</p>

				<p>vanguarda de D. Afonso V. Percebendo o desastre da batalha e não sabendo da sorte de D. João, o monarca foi aconselhado por Pedro Álvares de Souto-Mayor, conde de Caminha e por João de Porras, entre outros, a que se refugiasse em Castronuño. Ao passo que isto acontecia, D. João reagrupou os soldados que encontrou. Semelhante manobra era levada a cabo pelos castelhanos, que inclusivamente, conseguiram aprisionar alguns portugueses.</p> <p>Tendo ficado de noite, chegou ao príncipe um escudeiro chamado Gonçalo Pires, criado de Gonçalo Vaz Pinto, com a bandeira de D. Afonso V, que tomou pela força a um castelhano de nome Soto-Mayor, que a tinha tomado do alferes pequeno Duarte d'Almeida, o qual sofreu inúmeras feridas e não foi recompensado pela sua bravura. D. João passou a noite no campo. Porém, o arcebispo de Toledo aconselhou prudência e em vez de três dias, ficaram três horas no campo, equivalendo uma hora a um dia, invocando a ressurreição de Cristo como exemplo, até porque muitos dos inimigos haviam já partido, como foi o caso de D. Fernando (mas também de D. Afonso V). D. Fernando, além de não ter estado na batalha, mas sim na retaguarda, depois do choque inicial que beneficiava os portugueses, foi aconselhado a deixar o campo e a regressar à segurança de Zamora. Na confusão da retirada do exército português, o conde de Alba de Liste perseguiu os portugueses, mas aventurou-se demais e foi feito prisioneiro por Vasco Coutinho, futuro conde de Borba.</p> <p>No final, D. João partiu para Toro.</p>	
Damião de GÓIS	Batalha – entre Zamora e Toro, 1476/Mar/01	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> Diogo Ovando, capitão dos ginetes; conde de Lemos; Henrique Henriques, mordomo-mor de D. Fernando; ala direita (dividida em seis esquadras). 1ª esquadra: Álvaro de Mendoza, conde de Sevilha de Castro Jerez; Gutierre de Cárdenas e Rodrigo de Ulloa, tesoureiros-mores do rei; 2ª esquadra: Afonso de Fonseca, bispo de Ávila e Afonso de Fonseca, senhor de Coca e Alahejos; 3ª esquadra: Pedro</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> O cronista só refere 200 ginetes</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> omissos</p>	<p>Levantando o arraial de Zamora, Afonso V retirou para Toro antes do nascer do dia. Assim que D. Fernando percebeu a manobra, mandou sair alguns ginetes para que atrasasse a retaguarda portuguesa. A perseguição foi desordenada, daí que D. Fernando tenha mandado controlar este ímpeto atacante através de Diogo Ovando. O grosso do exército de Fernando foi dividido em dez alas: quatro maiores (ala esquerda) e seis mais pequenas (ala direita).</p> <p>Góis avança uma informação curiosa e única entre o leque de cronistas em questão: Afonso V tendo percorrido mais de metade do caminho que entre Zamora e Toro, não entrou logo na cidade, desejoso de conquistar glória pelas armas. Assim, parte do seu exército dispersou-se pelo campo, escaramuçando, enquanto outros iam para Toro. A ideia do monarca era tomar a aldeia de Fonte Sabugo, onde estava o duque de Villahermosa com 600 lanças.</p> <p>A meio do caminho, D. Fernando reuniu um conselho de guerra. A opinião predominante foi voltar para Zamora, uma vez que os portugueses estariam</p>	LXXVI a LXXIX,

		<p>de Guzmán; 4ª esquadra: Bernal Francês; 5ª esquadra: Pedro de Velasco; 6ª esquadra: Vasco de Vivero. A ala esquerda também se divide em esquadras. São apenas quatro mas são maiores. A 1ª esquadra: cardeal de Espanha; 2ª esquadra Garcia, duque de Alba; 3ª esquadra: Afonso Henriques, almirante e tio do rei; Henrique Henriques, conde de Alba de Liste; 4ª esquadra: García Osório.</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V; conde de Loulé; Rui Pereira; D. Afonso, conde de Faro; D. Garcia de Meneses, bispo de Évora iam na ala esquerda. Na ala direita comandavam o arcebispo de Toledo; príncipe D. João; na retaguarda seguiam D. João de Castro, conde de Monsanto; Fernão de Mascarenhas, capitão dos ginetes; Pedro de Menseses, conde de Vila Real; Gonçalo Vaz de Castelo Branco; Rui de Sousa.</p>		<p>já todos a entrar na segurança dos muros de Toro. Porém, o cardeal de Castela considerou que seria necessário ver a posição portuguesa para decidir o que fazer, para que depois os inimigos não pudessem afirmar que os castelhanos haviam fugido. Chegando ao cimo de um cabeço, perceberam que Afonso V andava ainda em campo e decidiram atacar. Assim que os castelhanos começaram a chegar, deu-se uma escaramuça , na qual o conde de Loulé foi ferido e levado para Toro. Deste modo, o exército português ficou assim ordenado: no centro estava Rui Pereira a comandar os homens castelhanos, bem como D. Afonso, conde de Faro; na ala esquerda estava o príncipe D. João com a melhor cavalaria do reino e com besteiros e espingardeiros; na ala direita estava o arcebispo de Toledo; a retaguarda tinha por capitão D. João de Castro, conde de Monsanto, indo a peonagem repartida em quatro partes. Antes do combate principiar, Afonso V inflamou os seus homens através de um discurso enquanto, D. Fernando estava na segurança da retaguarda, por conselho dos seus homens. Ambos os exércitos guardam corpos de reserva. D. Afonso V ao receber um rei de armas castelhano, respondeu-lhe de forma agressiva, preferindo começar a batalha de imediato. Esta começou tarde, e o dia tinha sido de chuva e nevoeiro. Os portugueses atacaram primeiro e o primeiro embate contra o príncipe foi-lhe favorável. D. Afonso V combateu contra os castelhanos durante uma hora sem se saber para que lado penderia a vitória. Porém, a força dos cavaleiros castelhanos, bem armados, fez rechaçar o ataque português, capturando inclusivamente o alferes Duarte d'Almeida e o estandarte real. Este veio a ser recuperado mais tarde pela mão de um escudeiro português Gonçalo Pires. Ao se aperceber do desaire, Afonso V retirou para Castronuño, sem saber qual o destino do príncipe. Por via da vitória parcial de D. João, D. Fernando deixou o comando ao duque de Alba e ao cardeal de Castela e retirou para Zamora. O príncipe reagrupou e fortificou os portugueses que andavam espalhados pelo campo. Os inimigos também reagruparam e estavam tão próximos uns dos outros que era possível ouvir o que diziam. O cronista fala também da debandada dos castelhanos. O príncipe quis ficar em campo três dias para provar que havia ganho a batalha mas o arcebispo de Toledo aconselhou prudência, e afirmou que o resto da noite era suficiente para justificar a sua vitória. Assim, D. João ficou em campo três horas e depois marchou para Toro com as bandeiras desfraldadas.</p>	
Garcia de RESENDE	Batalha 1476/Mar/02	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	---	D. João chegou a Toro e juntos os exércitos cercaram Zamora, cujo castelo estava já cercado por D. Afonso V. Cercaram então a cidade pelo outro lado do rio. Afirma o cronista que se tentou negociar a paz, numa ilha no	XIII

		<p><u>Partido de Afonso V:</u> príncipe D. João; Fernão de Mascarenhas, capitão; Gonçalo Vaz de Castelo Branco; Rui de Sousa; Fernão Martins; D. Pedro de Meneses; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo</p>		<p>Douro, mas não foi possível e por faltarem mantimentos e por o ambiente ser pouco saudável, decidiram levantar o cerco e regressar a Toro. Resende refere a pressa em chegar à base portuguesa, uma vez que D. Fernando poderia persegui-los com mais gente, bem armada e fresca. Efectivamente, D. Fernando mandou batedores picar a retaguarda portuguesa. Nesse contexto, o príncipe D. João decidiu ficar em campo à espera de D. Fernando, mandando recado a D. Afonso V, o qual voltou para o campo e dispôs os seus homens para a batalha. Os portugueses estavam em inferioridade numérica e que no centro do exército castelhano estava o estandarte real mas D. Fernando não estava presente. O príncipe D. Fernando adaptou a sua formação aos dois corpos inimigos. Ao fim da tarde, estavam os exércitos prontos para a batalha e D. Afonso V mandou uma comunicação ao príncipe desejando-lhe sorte para a batalha, abençoando-o. D. João desbaratou os seus inimigos, mas os restantes homens de D. Fernando venceram os soldados de D. Afonso V. Por consequência, o rei fugiu para Castronuño. D. Fernando observando de longe e vendo como o príncipe tinha feito verdadeiros estragos no exército castelhano, retirou para Zamora. D. João reagrupou os homens e fortificou-se num cabeço, tendo inclusivamente recuperado o estandarte real que havia sido capturado pelos castelhanos. Esteve no campo a maior parte da noite e, não obstante a proximidade com os castelhanos, estes não ousaram importunar os soldados portugueses. Vasco Coutinho, futuro conde de Borba capturou o conde de Alba de Liste. O príncipe tencionava estar em campo três dias, mas por conselho de Alfonso Carrillo apenas esteve três horas, uma por cada dia.</p>	
<p>Fernando del PULGAR</p>	<p>Batalha – entre Zamora e Toro, 1476/Mar/01</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> Batalha real: D. Fernando, Henrique Henriques, tio do rei; Ala direita (dividida em seis esquadras). 1ª esquadra: Álvaro de Mendoza, conde de Castroxerit; Gutierre de Cárdenas e Rodrigo de Ulloa, contadores-mores; 2ª esquadra: Alonso de Fonseca, bispo de Ávila e senhor de Coca e Alahejos; 3ª esquadra: Pedro de Guzmán; 4ª</p>	<p>Pulgar não quantifica os efectivos, embora diga que os exércitos tinham números bastante aproximados</p>	<p>Afonso V viu-se obrigado a retirar de Zamora devido à falta de mantimentos. Enviou primeiro a carriagem, ainda durante a noite e um pouco antes de raiar o dia, o resto do exército partiu. Fernando, assim que soube, partiu no encalço do seu adversário. A saída de Zamora era estreita, pelo que o rei castelhano mandou abrir fendas nos baluartes de forma ao exército poder sair com mais celeridade. Por outro lado, alguma infantaria foi também embarcada, embora o rio corresse cheio. Para evitar perseguições desordenadas, Diego de Cáceres devia levar 200 ginetes na vanguarda, para travar o avanço português, se pudesse. Antes da batalha houve ainda um conselho de guerra para determinar se se lutaria ou não, devido às dificuldades que o terreno apresentava. A ala direita castelhana foi posta em fuga pelo príncipe D. João devido a aos portugueses estarem todos juntos e aos castelhanos estarem repartidos em seis esquadras, e por os portugueses terem bastantes espingardeiros e peças de artilharia. A</p>	<p>LXIV De novo, o cardeal de Espanha tem uma opinião contrária aos demais, mas é a sua que prevalece. Há outros cronistas que dizem que Fernando assumia uma</p>

		<p>esquadra: Bernal Francês; 5ª esquadra: Pedro de Velasco; 6ª esquadra: Vasco de Vivero; Ala esquerda (subentende-se a divisão da mesma em esquadras): cardeal de Espanha; duque de Alba; marquês de Astorga; Alfonso Henriques, almirante e tio do rei; Henrique Henriques, conde de Alba de Liste; García Osório</p> <p><u>Partido de Afonso V:</u> Batalha real: D. Afonso V; conde de Loulé; Rui Pereira, guarda-mor real; Ala esquerda: príncipe D. João; bispo de Évora; Ala direita: conde de Faro; duque de Guimarães; arcebispo de Toledo; conde de Vila Real; conde de Monsanto</p>		<p>batalha começou já próximo do fim do dia e com condições meteorológicas adversas, por via da chuva. Refere Pulgar que durante uma hora, o resto da batalha não pendeu para nenhum dos lados. O cronista afirma que ambos os reis exortavam os seus homens a combater. Finalmente, os castelhanos levaram a melhor e D. Afonso V retirou para Castronuño, enquanto peões e cavaleiros portugueses se lançaram ao Douro, morrendo muitos.</p> <p>Pulgar dá conta, tal como a maior parte dos cronistas, do episódio do estandarte real, que foi tomado aos portugueses pelos castelhanos, os quais o voltaram a tomar. Indica ainda que os castelhanos se apoderaram de oito bandeiras portuguesas. Os portugueses capturaram o conde de Alba de Liste, por se ter adiantado demais na perseguição que lançou ao inimigo. O príncipe D. João ficou em campo, fortificando a sua posição e D. Fernando voltou logo para Zamora, uma vez que teve notícias que os portugueses que ficaram em Toro podiam atacar Zamora na ausência deste.</p>	<p>posição moderna em campo, isto é, na retaguarda.</p>
Afonso de PALENCIA	Batalha 1476/Mar/01	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Mendoza; D. Fernando; Garcia Manrique; Iñigo López de Albornoz; Fernando Carrillo de Córdoba; conde de Alba de Liste</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V; D. João; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> 3 000 lanças</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> 3 500 lanças</p>	<p>Ao amanhecer, percebeu-se em Zamora que o inimigo havia levantado o acampamento. Porém, antes que a cavalaria pudesse investir, era necessário reparar a ponte. Para esse efeito, D. Fernando mandou alguns soldados passar pelas minas, para que reparassem a ponte.</p> <p>Afonso V protegeu a retaguarda com 500 lanças, tendo Álvaro de Mendoza o papel de comandar a vanguarda de 300 ginetes que atacaria os portugueses. Decorreram quatro horas, o que permitiu aos portugueses percorrer metade do caminho de regresso a Toro.</p> <p>A cavalaria castelhana que perseguia os portugueses vinha dividida em cinco batalhas, não contando com os ginetes de Álvaro de Mendoza.</p> <p>D. Afonso V acreditava que os castelhanos estariam numa posição mais desfavorável por estarem longe da sua base e porque com a pressa da perseguição, não tinham comido. Afirma o cronista que o príncipe D. João e o arcebispo Carrillo não viam as mesmas vantagens em combater como Afonso V.</p>	<p>II, Livro XXV, cap. VIII-IX Palencia, tal como escritores clássicos, apresenta um conjunto de presságios que davam a vitória a Fernando.</p>

				<p>Por seu lado, D. Fernando também não parecia muito disposto a combater mas foi exortado por Luis de Tovar dizendo-lhe que se queria ser rei de Castela tinha de lutar nesse dia.</p> <p>O início do combate foi muito confuso, já que o estrondo e o fumo libertado pelas espingardas espantou os cavalos, provocando a fuga a 100 cavaleiros de Álvaro de Mendoza, aproveitando o príncipe D. João para atacar com 800 lanças e 300 peões, pondo em fuga os inimigos.</p> <p>Pedro Vaca conseguiu chegar até ao alferes Duarte de Almeida e capturou o pendão real. Refere o cronista que tomado pelo terror, Afonso V acompanhado de vinte cavaleiros, fugiu para Castronuño. Palencia afirma que D. Fernando perseguia os inimigos acompanhado por Garcia Manrique, Iñigo López de Albornoz e Fernando Carrillo de Córdoba.</p> <p>O cronista diz ainda que o príncipe D. João, acometido pelo medo, só desejava que a noite chegasse para que pudesse fugir para Toro. D. Fernando andou a recolher gente e depois às 21 horas foi-se para Zamora, lá chegando à meia-noite. O conde de Alba de Liste na ânsia de perseguir os inimigos, foi feito prisioneiro.</p> <p>O exército de Fernando teria regressado a Zamora vitorioso, lamentando apenas cinco baixas.</p>	
Diego de VALERA	Batalha 1476/Mar/01	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Mendoza, cardeal de Espanha; Alonso de Fonseca, bispo de Ávila; Alonso de Fonseca, senhor de Coca; Pedro Guzmán; duque de Alba; Luis de Tovar, senhor de Berlanga; Luis de Osório, capitão da gente do marquês de Astorga; Sancho de Castela, bisneto do rei D. Pedro; Garcia Manrique, irmão do mestre de Santiago; Iñigo Lopez de Albornoz; Pero Vaca</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V; D. João; Alfonso Carrillo, arcebispo de Toledo;</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> 3 000 lanças muitos peões</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> 3 500 lanças muitos espingardeiros</p>	<p>Afonso V levantou o acampamento que tinha sobre Zamora e partiu para Toro antes da alvorada. D. Fernando havia mandado fazer minas junto à ponte para que os seus peões pudessem sair. Afonso V deixou a retaguarda defendida por um esquadrão de 500 homens; D. Fernando mandou Álvaro de Mendoza com 100 cavaleiros batedores para impedir que o exército castelhano saísse desorganizado e não recebesse dano dos portugueses.</p> <p>Mandou ainda alguns capitães, com um total de 300 lanças, picar a retaguarda portuguesa, para a desorganizar, até porque a saída dos homens do rei castelhano demorou quatro horas, tendo nesse espaço de tempo os portugueses feito metade do caminho até Toro.</p> <p>Eis que os portugueses se dispõem para combater ordenando-se em três batalhas. Peões e alguma cavalaria de um lado e mais outras duas azes.</p> <p>Havia também o corpo armado de D. João, com a melhor cavalaria e muitos espingardeiros.</p> <p>D. Fernando contrapõe com cinco batalhas ordenadas, além dos 300 cavaleiros e batedores já mencionados.</p> <p>Afonso V teve conselho de guerra, no qual se determinou quando os soldados chegassem à planície, esperariam pelas tropas castelhanas, até porque estavam próximo da cidade, onde se podiam recolher, ou receber reforços. Só o príncipe D. João e o arcebispo de Toledo não pensavam</p>	XIX-XX À semelhança da escrita de Palencia, Valera incluiu neste capítulo um presságio com um cão: Afonso V teria um cão que ofereceu a Garcia de Toledo, duque de Alba. Quando o rei português fugiu de Zamora para Toro, antes da batalha, o cão ladrou tanto e tão alto que toda

				<p>desta maneira.</p> <p>D. Fernando foi célere na perseguição mas hesitava em dar batalha, até que Luis de Tovar, cavaleiro, o exortou a dar batalha caso ele quisesse ser rei de Castela.</p> <p>Teve então início a batalha. D. João atacou os 300 ginetes batedores. Nos momentos iniciais os cavalos assustaram-se com o som das espingardas.</p> <p>No segundo embate os castelhanos são mortos ou repelidos pelo esquadrão do príncipe.</p> <p>No confronto dos exércitos régios, D. Fernando exortou os homens ao combate, uma vez que já tinha tido conhecimento que haviam fugido cerca de 500 soldados. Pero Vaca penetrou pela vanguarda portuguesa e chegou até Duarte d'Almeida, matando o alferes e capturando o estandarte real, em retribuição da batalha de Aljubarrota. A bandeira perdeu-se no rio, durante o conflito mas os portugueses tinham outra, mais pequena, a qual também foi capturada por um cavaleiro castelhano.</p> <p>Para evitar a perda total, Afonso V fugiu com vinte cavaleiros para Castronuño, enquanto o resto do exército retirou desordenadamente para Toro. Muitas mortes foram provocadas por afogamento, uma vez que os soldados tentaram passar o rio a vau. Na tentativa de ganhar glória e despojos, Enrique Henriques, tio de D. Fernando, perseguiu os portugueses, mas foi preso numa escaramuça.</p> <p>O que está contra o que os restantes cronistas dizem é o facto de Valera afirmar que D. João que com os seus homens próximos da ribeira, não ousou atacar os castelhanos e que devido ao temor causado por estes, seguiu para Toro o mais rápido que pôde, ao abrigo da escuridão e da chuva. O único que teria permanecido em campo a maior parte da noite teria sido Fernando, entrando posteriormente em Zamora vitorioso e contente e mandando novas a D. Isabel, que estava em Tordesilhas, a qual mandou que se festejasse com procissões. Novas da vitória foram também enviadas a Juan II de Aragão. Porém, mais à frente no capítulo, afirma Valera que D. João escreveu à cidade de Lisboa, fazendo saber como ele tinha ficado vitorioso em campo após a batalha havida com D. Fernando. Relativamente a baixas, Fernando teria sofrido apenas cinco, ao passo que os portugueses, entre mortos e feridos, teriam perdido mais de 800 homens.</p>	<p>a gente se espantou.</p> <p>Afirma Valera que era como se o cão sentisse e prevesse a fuga do seu primeiro senhor. Além disto, regista o cronista que ao mesmo tempo que se feria a batalha e Afonso V fugia para Castronuño, o cão ladrou de novo da mesma maneira e subitamente morreu. Valera registou ainda outro prodígio relativo relativo a um mouro e à cidade de Sevilha, tal como Palencia.</p>
Andres BERNÁLDEZ	Batalha 1476/Mar/01	<u>Partido de D. Fernando:</u> García de Toledo, duque de Alba; Alonso de Fonseca, senhor de Alahejos e Coca; Pedro d'Ávila, senhor de Vila	<u>Partido de D. Fernando:</u> 2 500 cavaleiros 5 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u>	<p>Afonso V foi obrigado a retirar de Zamora para Toro, com medo dos reforços que D. Isabel podia mandar para socorrer D. Fernando, até porque do outro lado do rio não podia socorrer a fortaleza. Enviou primeiro a carriagem e os peões, ficando o príncipe D. João a cuidar da retaguarda durante a retirada.</p>	XXIII

		<p>Franca e de Las Navas</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Afonso V; D. João</p>	<p>3 500 cavaleiros 5 000 peões</p>	<p>D. Fernando tendo pressentido a retirada de Afonso V, preparou os seus homens para a perseguição, embora tenha perdido tempo para arranjar a ponte, a qual havia sido parcialmente destruída pelos portugueses. Na dianteira seguia Garcia de Toledo, duque de Alba, seguindo Afonso V junto à margem do Douro, alcançando-o a três léguas de Toro, já bastante tarde. Afonso V, vendo que não se podia escusar à batalha, ordenou o seu exército e preparou-se para a refrega, a qual começou ao fim da tarde e à chuva. O duque de Alba investiu primeiro e derrubou e desbaratou muitos inimigos. Depois os reis envolveram-se também no combate. Por fim, D. Afonso V foi vencido, com muitos portugueses a morrerem por afogamento ao tentarem fugir. Porém, D. João ficou em campo, fortificado em cima de um cabeço, onde recolheu muitos portugueses que andavam desordenados.</p> <p>Afonso V teria fugido para Castronuño, ao passo que D. Fernando apenas teria partido para Zamora à meia-noite. Baixas portuguesas foram 1 200, podendo os castelhanos ter pilhado os despojos, como ouro e prata. O cronista refere ainda que no final da batalha, o pendão real e outras bandeiras e o arnês do alferes português foram levados para a Capela dos Reis, em Toledo. Nessa noite foi igualmente preso o conde de Alba de Liste, o qual perseguia os inimigos até Toro.</p>	
<p>Lúcio Marineo SÍCULO</p>	<p>Batalha – entre Zamora e Toro, no lugar chamado Campo dos Godos, a 1476/Mar/01</p>	---	---	<p>Ambos os reis e seus capitães lutaram desde as nove horas até depois do sol se pôr, sem nenhum dos lados parecer vitorioso. Chovia. Cansados da peleja, o partido português fugiu, sendo perseguido por D. Fernando. D. Afonso V perdeu oito bandeiras e o seu estandarte. Muitos morreram afogados, mas o rei escapou por já ser de noite.</p>	<p>p. 44</p>
<p>Jerónimo ZURITA</p>	<p>Batalha 1476/Mar/01</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> Álvaro de Mendoza, cardeal de Espanha; duque de Alba; marquês de Coria; almirante de Castela; conde D. Henrique, tio do rei; Alonso de Fonseca, bispo de Ávila; Alonso de Fonseca, herdeiro do arcebispo de Sevilha; Pedro Guzmán</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> 400 cavaleiros do cardeal de Espanha; no total eram 3 000 cavaleiros</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> 800 cavaleiros do príncipe D. João; no</p>	<p>Os portugueses estão a retirar para Toro. A carriagem seguiu primeiro e depois, à passagem do exército, destruiu-se parte da ponte para atrasar a perseguição castelhana. Álvaro de Mendoza é mandado com 100 cavaleiros para fazer atrasar a retaguarda portuguesa e para conter o ímpeto atacante castelhano. Esperando um semelhante ataque, tinham ficado para trás 500 cavaleiros portugueses, para proteger a boa ordem de marcha do seu exército. Refere o cronista que neste processo passaram três horas e que Afonso V já estava a meio caminho entre Zamora e Toro, não tendo ainda o exército de Fernando iniciado a perseguição.</p> <p>As escaramuças iniciais começam com 300 cavaleiros, ao mesmo tempo</p>	<p>Livro XIX, cap. XLIV</p>

		<p><u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Afonso V; Príncipe D. João; duque de Guimarães; conde de Vila Real; conde de Penela; um filho de Juan de Ulloa</p>	<p>total eram 3 500 cavaleiros</p>	<p>que Fernando salvaguarda a defesa de Zamora, deixando lá uma guarnição. Em resposta, os portugueses levavam os peões à frente, protegidos por alguns cavaleiros, para que não se detivessem e dividiram a cavalaria em suas azes. São os homens de D. João, os quais têm os flancos protegidos por espingardeiros, ao passo que toda a cavalaria foi marchando ordeiramente, em silêncio e mais rápido. À sua direita tinham campo e à esquerda tinham o rio.</p> <p>Finalmente, às 10 horas da manhã, D. Fernando alcançou a vanguarda do seu exército, dispondo-o em cinco azes.</p> <p>Afonso V esperou o ataque inimigo a cinco milhas de Toro, num campo que chamam <i>Pelayo González</i>, entre San Miguel de Gros e Toro.</p> <p>As primeiras iniciativas militares trazem o desbaratar e a prisão de 70 cavaleiros, tendo-se tomado parte da carriagem portuguesa.</p> <p>Explica o cronista que embora Afonso V calculasse que já não pudesse entrar em segurança em Toro, tinha algumas vantagens, já que com a perseguição os soldados castelhanos não tinham comido e eram em menor número, ao passo que a cavalaria que tinha ficado em Toro tinha saído dessa praça para se juntar aos homens de Afonso V. Tendo isto em consideração, o <i>Africano</i> dispôs os seus homens com as zarabatanas e os espingardeiros à frente.</p> <p>Antes de introduzir o conselho de guerra, Zurita coloca na boca de Luís de Tovar, cavaleiro, o qual teria dito a D. Fernando que teria de lutar naquele dia se queria ser rei de Castela. Esta afirmação conheceu vozes discordantes devido a muitas vantagens para o lado português, as quais o cronista enumera: exército incompleto, cansado, falta do trem de artilharia, já se tinha posto o sol e proximidade que o inimigo tinha do bastião de Toro, que lhe era fiel, para o qual os portugueses podiam recolher-se caso fossem vencidos.</p> <p>O combate tem início com D. João a acometer conta a cavalaria castelhana. O ímpeto da carga de cavalaria e dos danos causados pelos espingardeiros foram suficientes para causarem a fuga nos 100 cavaleiros de Álvaro de Mendoza e derrubarem outros 300.</p> <p>Estes cavaleiros reagruparam e voltaram à batalha, tentando flanquear os homens do príncipe, aos quais se juntaram os homens do duque de Alba.</p> <p>No outro extremo do campo, D. Fernando atacou D. Afonso V, sendo os portugueses mais numerosos, conseguindo, no entanto, resistir apenas ao primeiro embate, já que foram desbaratados no embate seguinte, liderados por Pero Vaca de Sotomayor, cavaleiro de Alcaraz, tendo mesmo conseguido capturar um estandarte português.</p> <p>A partir do momento em que o estandarte foi capturado, afirma Zurita que</p>	
--	--	--	------------------------------------	---	--

				<p>os inimigos, ou seja, os homens de Afonso V, foram rechaçados. Neste ponto, o cronista afirma que Afonso V se subtrai à batalha acompanhado apenas de vinte cavaleiros, indo na direcção de Castronuño. Foi também tomado o pendão real e morto o alferes que o segurava, Duarte de Almeida, de acordo com um documento escrito que D. Fernando terá escrito sobre a batalha, opinião que não é consistente em todos os cronistas. O próprio Zurita afirma que Pulgar avança que Duarte de Almeida foi preso e levado a Zamora. A batalha termina com os portugueses perseguidos até à ponte de Toro. Nesta perseguição foi preso o conde de Alba de Liste, tio de D. Fernando, Henrique Henriques. Segundo este cronista, D. Fernando. Dá-se ainda conta de não obstante os grossos do exército português ter sido desbaratado, o exército castelhano andar disperso e em desordem à procura de despojos.</p> <p>D. Fernando, no relato de Zurita, regressou a Zamora após três horas em campo, chegando à cidade à uma da manhã, uma vez mais fazendo fé nas cartas que se escreveram contando a vitória castelhana. Enquanto isto acontecia, permaneceu em campo, fortificado, o príncipe D. João, embora não saibamos por quanto tempo. Vários factores são dados como potenciadores da parcial vitória portuguesa, sendo o principal a noite.</p> <p>Em jeito de conclusão, Zurita remata que Afonso V teria mais 500 cavaleiros e que mesmo assim não só foi incapaz de socorrer Zamora, como deixou o campo de batalha para D. Fernando, o qual a partir desta altura ficou pacífico rei de Castela. O próprio cronista tem a noção do ponto de viragem que representou a batalha de Toro.</p>	
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	Batalha 1476/Mar/01		<p><u>Partido de D. Fernando:</u> 400 cavaleiros 3 000 peões</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> 3 500 cavaleiros 10 000 peões</p>	<p>Afonso V retirou de Zamora de manhã. Mandou primeiro as máquinas de guerra e a carriagem, partindo duas ou três horas depois, cerca do meio-dia. D. Fernando percebeu a retirada do adversário e tudo fez para remover as defesas para poder perseguir mais depressa o inimigo, juntamente com o cardeal D. Pedro Gonzales de Mendoza, o arcebispo de Sevilha, o duque de Alba, o almirante Alonso Henriques e o conde de Alba de Liste.</p> <p>Quando os exércitos se enfrentam em campo, a quatro léguas e meia de Toro, começou o combate uma hora e meia antes de anoitecer. Deste confronto resultou a morte para 900 portugueses e apenas trinta castelhanos, tendo-se afogado mais de 300 portugueses. Outros que iam em fuga, cerca de 600, foram mortos pelas guarnições vizinhas, como a de Fuente del Sauco, Ávila e Sayago. Refere ainda o cronista que foi ferido o príncipe D. João. D. Afonso V, afirma a mesma fonte, perdeu o pendão real</p>	pp. 116-119

				<p>e fugiu para Castronuño. No cronicón vem mencionado que D. Fernando ficou em campo até recolher os despojos dos mortos e presos e depois partiu para Zamora. Por último, vem expreso que se a noite não tivesse caído, os castelhanos teriam desbaratado por completo os portugueses.</p>	
--	--	--	--	--	--

Atienza / Caracena					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Tomada das praças	<u>Partido de D. Fernando:</u> Martim Bravo <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	Breve apontamento do cronista em como estas duas vilas, detidas por João de Tovar, teriam sido conquistadas por Martim Bravo, cavaleiro, em nome dos reis Isabel e Fernando	LXIII
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cercos	<u>Partido de Alfonso Carrillo:</u> Pedro de Almazán, alcaide de Atienza; Juan de Tovar, senhor de Caracena e de Cebico <u>Partido de D. Fernando:</u> Pero Manrique, conde de Treviño; Garci Bravo	<u>Partido de Alfonso Carrillo:</u> 200 homens de armas <u>Partido de D. Fernando:</u> 100 homens de armas	Alfonso Carrillo partiu de Toro com 200 homens dados por D. Afonso V para defender as suas terras, sendo perseguido pelo conde de Treviño até Atienza, vila que fortificou. Atienza foi tomada de noite, por artimanha; Caracena foi tomada pela força.	LXVIII
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	Pequena menção acerca da entrega da fortaleza a D. Isabel e D. Fernando.	XXVIII O capítulo menciona ainda que nesta altura foi criada a <i>Hermandad</i> e que se fabricaram muitas armas: lombardas, tiros de pólvora de várias medidas e

					muitos ribadoquines.
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	---	---	---	---	---
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Madrid					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Duque do Infantado <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	---	Góis apenas refere que o marquês de Villena se reconciliou com D. Isabel e que o castelo de Madrid, cercado pelo duque do Infantado, se deu por partido	XCI
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Pero Núñez de Toledo; Pedro Arias de Ávila, senhor de Torrejón; duque do Infantado, Diego del Águila; Juan de Robres; Juan de Torres; Íñigo López de Mendoza, conde de Saldaña e filho do duque do Infantado <u>Partido do marquês de Villena:</u> Rodrigo de Castañeda; Juan Zapata	<u>Partido do marquês de Villena:</u> 400 homens de armas <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	Após ter falhado a entrada em Madrid por via de uma artimanha, o duque do Infantado decidiu cercar a cidade, impedindo a entrada de mantimentos e fazendo minas. Pedro de Ayala, comendador de Paracuellos e senhor da torre da porta de Guadalajara, para evitar os danos patrimoniais, permitiu, por meio de negociação para que os de dentro não fossem atacados pelos inimigos, que o duque e os seus homens tomassem Madrid. Entrados na cidade, e como os inimigos se haviam refugiado na alcáçova, a qual estava bem abastecida de mantimentos e armas. Numa das escaramuças pela posse da alcáçova, foi morto um dos capitães de Fernando – Diego del Águila. Juan de Zapata retrocedeu para uma fortaleza sua a duas léguas de Madrid, chamada El Alameda. Deste posto avançado, mas também de Del Pardo se iniciaram ataques dissuasores contra os homens mandados pelos Reis Católicos. Esteve assim Madrid cercada por dois meses.	LXIX
Afonso de PALENCIA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Pedro Arias; Pedro Núñez, cavaleiros e vizinhos de Madrid; Diego Arias, filho de Pedro <u>Partido do marquês de Villena:</u> Alcaide; Rodrigo de Castañeda	---	Pouco antes de o castelo de Burgos se entregar a D. Isabel, os vizinhos de Madrid passam para o partido de D. Fernando. Acção secundada pela amizade do marquês de Santillana, os dois cavaleiros apontaram bombardas contra a porta de Guadalajara, de forma a que a cidade voltasse ao poder da Coroa. Como a porta ia sendo destruída de dia para dia, o alcaide apelou à rendição e os de D. Fernando obtiveram a cidade, mas não a alcáçova. O alcaide e Rodrigo de Castañeda lançaram fogo aos arrabaldes, mas os vizinhos estavam preparados com fossos e trincheiras, rechaçando as acometidas provenientes do castelo. Morreu Pedro Arias do peso que a armadura fazia sobre uma velha ferida aberta. Nisto, os	II, Livro XXV, cap. III; livro XXVI, cap. I

				habitantes pediram a D. Isabel que lhes mandasse reforços.	
Diego de VALERA	---	<u>Partido de D. Fernando:</u> Pero Nuñez, senhor de Villa Franca <u>Partido do marquês de Villena:</u> Marquês de Villena; Rodrigo de Castañeda, alcaide; Pedro Arias	---	Pero Nuñez, juntando gente do marquês de Santillana e de Pedro Arias combateram a porta de Guadalajara e derrubaram parte de uma torre. Como consequência, a vila entregou-se, regozijando com isso os seus moradores. Em jeito de vingança, o alcaide ateou o fogo a todas as casas próximas da fortaleza, a qual foi cercada. D. Isabel enviou reforços	XVI, XXII
Andres BERNÁLDEZ	Cerco	---	---	Madrid, no marquesado de Villena, foi tomada pelo partido de D. Isabel e de D. Fernando.	XXVIII O cronista anota que por esta altura se aumentou o parque de artilharia, construindo-se lombardas, tiros de pólvora e ribadoquines.
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Pedrarias de Ávila; Pero Núñez de Toledo; duque do Infantado; Iñigo López Mendoza, conde de Saldaña <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	---	Juntando muita gente de cavalo e de pé, os apoiantes de D. Fernando, clientela da casa de Santillana, combateram a porta de Guadalajara, apoderando-se da vila e cercando a alcáçova. Sabendo disto, D. Isabel enviou-lhes reforços.	Livro XIX, cap. XLV, XLVIII, LII Zurita refere em duas ocasiões que o marquês de Villena mudou de partido. No cap. XLV, no qual dá conta também de Rodrigo Téllez Girón e mais à frente no cap.

					LIV, referindo também que o arcebispo de Toledo tinha sido perdoado, assim como o mestre de Calatrava e o conde de Urueña.
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Chinchilla / Almansa / Villena (lugares do marquesado de Villena)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Conquista da praça	<u>Partido de D. Fernando:</u> Garcia Bravo <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	---	Pequena menção feita pelo cronista em como a vila de Chinchilla, detida por João de Tovar, teria sido tomada por ardil por Garcia Bravo, cavaleiro, logo após a batalha de Toro.	LXXXII
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Conquista das praças 1478	<u>Partido de D. Fernando:</u> Jorge Manrique; Pedro Ruiz de Alarcón; Diego López de Ayala <u>Partido do marquês de Villena:</u> omisso	---	---	XCIX Pulgar dá-nos conta de um episódio diferente e posterior, embora envolvendo alguns lugares comuns do marquesado de Villena, relativamente ao que escreve Zurita. No ano de 1478, D. Fernando enviou dois capitães para fazer a guerra a Chinchilla, Belmonte, Alarcón e a Garcimuñoz,

					que eram detidas por Diego Pacheco. Por outro, Diego López de Ayala, capitão de D. Isabel, tomou Talavera, vila do arcebispado de Toledo, uma vez que Alfonso Carrillo tinha novamente mudado de partido e incitava D. Afonso V a invadir Castela.
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	Breve apontamento que menciona a entrega de Villena, bem como a maior parte do marquesado de Villena, a D. Isabel e D. Fernando.	XXVIII
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	1476/Jun/30 a 1476/Out/09	<u>Partido de D. Fernando:</u> Juan Ruiz de Corella, conde de Cocentaina e governador do reino de Valencia; Gaspar Fabra; Juan Fabra <u>Partido do marquês de Villena:</u> Pedro Pacheco, alcaide do castelo de Villena	---	Os problemas com <u>Chinchilla</u> e <u>Almansa</u> começaram no início do ano de 1476, alçando-se estas contra o marquês de Villena. Já a 23 de Janeiro de 1476 Gaspar Fabra tinha cercado Villena, com 40 cavaleiros e 300 peões. Combateu-se o castelo de <u>Villena</u> com dois trabucos e duas lombardas grandes. A acção destes foi determinante para derrubar todas as casas do castelo, ficando erecta apenas a torre de menagem. Vendo isto, Pedro Pacheco, alcaide do castelo, capitulou a favor do partido de Gaspar Fabra, em nome de D. Fernando. O cronista afirma que por esta cidade ser a mais importante do marquesado que as outras começaram a passar-se para o partido de D. Fernando, especialmente a partir de 22 de Julho de 1476. <u>Chinchilla</u> foi cercada a 5 de Outubro de 1476, a qual já se afirmava por D.	Livro XIX, cap. L, LIII; Livro XX, cap. XXX

				<p>Fernando. Foi por esta altura que, conforme se tinha combinado <u>Villena</u> passou definitivamente para Gaspar Fabra e a partir de então esteve livre este capitão para cercar Almansa, cerco que durou quatro dias. Adianta ainda Zurita que pouco tempo depois perdeu Diego López Pacheco vinte outros lugares e outros tantos castelos, tomando-se assim para o partido dos reis as fortalezas de Requena, Otiel, Jumilla, Sant Clemente, Albacete, Iniesta e Villanueva de Alcaraz.</p> <p>No final do ano de 1477, o marquês de Villena tentou recuperar Chinchilla, embora tenha sido um sucesso fugaz, já que D. Isabel deu ordem de captura de Diego Pacheco.</p>	
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Segóvia					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	Ataque à torre de menagem	<u>Partido de Rodrigo Maldonado:</u> Rodrigo Maldonado <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	---	Rodrigo Maldonado, antigo alcaide de Segóvia, tentou apoderar-se do alcácer de Segóvia com alguns da cidade, tomando a torre de menagem, onde supostamente estaria a princesa D. Isabel. Porém, as donzelas e criadas, ouvindo os gritos da confusão, correram a fechar as portas. Também pediram por socorro e todos os vizinhos vieram, tendo Maldonado de se refugiar na torre com os seus cinco companheiros. Os ânimos populares só acalmaram quando chegou D. Isabel. Estas querelas deveram-se à ambição pelo poder de Maldonado, por um lado, e de Pedro de Bobadilla e a mulher, por outro.	II, Livro XXVII, cap. III
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	1476/Ago/01	---	---	Rodrigo Maldonado, antigo alcaide de Segóvia, tentou apoderar-se do alcácer de Segóvia com alguns da cidade. Sabendo disto, Andrés de Cabrera e D. Isabel vieram logo socorrer-lo, uma vez que aí estava também a princesa. Matou o guarda da porta e mandou prender Pedro de Bobadilla, sogro de Andrés de Cabrera, aponderando-se de uma das torres. A população da cidade só se apaziguou com a chegada da rainha.	Livro XIX, cap. LII
<i>Crónica Incompleta...</i>	1476/Ago/02	<u>Partido de Rodrigo Maldonado:</u> Alonso Maldonado	---	Alonso Maldonado tomou a alcáçova de Segóvia, onde estava a princesa. Maldonado deixou na igreja matriz oito homens armados. A sua mulher e duas moças subiram à torre de D. Juan para encontrar-se com a ama da princesa. Dado que era Maldonado era conhecido do porteiro, este deixou-	LIV Este cronista não diz que Maldonado

				<p>o entrar. Mal entrou, Maldonado matou o porteiro e chamou os escudeiros que tinha na igreja, dos quais só cinco vieram. Porém, as donzelas e criadas, ouvindo os gritos da confusão, correram a fechar as portas. Maldonado barricou-se na torre. Começaram a chegar os vizinhos e cercaram a torre. Maldonado teve medo que a rainha chegasse e como tinha só víveres para quatro dias, dispôs-se a negociar com Juan de la Hoz, cavaleiro da cidade, para quem foi levado disfarçado de frade. Os ânimos populares só acalmaram quando chegou D. Isabel, a quem Juan de la Hoz entregou a alcáçova. Estas querelas deveram-se à ambição pelo poder de Maldonado, por um lado, e de Pedro de Bobadilla e a mulher, por outro. Mesmo assim, havia animosidade entre os vizinhos da cidade e Andres de Cabrera e Bobadilla, sua mulher, os quais governavam Segóvia como seus senhores e não como detentores da alcaidaria. Mesmo assim, D. Isabel confirmou-lhe a alcaidaria, embora tenha tirado a princesa da cidade.</p>	<p>havia sido lugartenente de Andres de Cabrera na alcáçova de Segóvia e que Cabrera lhe retirou o cargo par dá-lo ao seu sogro, Pedro de Bobadilla.</p>
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Cantalapiedra					
Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.	
Rui de PINA	Cerco	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> omisso</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Bandarra; Alonso Pérez de Vivero (a partir do momento em que Afonso V partiu de Toro para Portugal)</p>	---	<p>Depois do desastre da batalha de Toro, Afonso V permaneceu em Toro, ao passo que o príncipe regressou a Portugal e D. Fernando cercou Cantalapiedra, estando nessa guarnição muitos fidalgos portugueses. Enquanto o rei castelhano tentava cobrar Cantalapiedra, Afonso V fez uma emboscada ao arraial inimigo. Porém, graças à ânsia do duque de Bragança, essa armadilha foi descoberta porque ele se precipitou no ataque. Foi também nesta altura que Afonso V gizou um plano para capturar D. Isabel, uma vez que teve informações que ela estava em Madrigal e que devia partir em breve para Medina del Campo. Assim, Afonso V deixou Toro com 1 000 lanças e, em segredo, veio dormir a Castonuño e no dia seguinte, o mais dissimuladamente que pôde, preparou-se para emboscar a rainha, num caminho onde esta havia de passar. A escolta de D. Isabel estava já à vista dos homens escondidos de D. Afonso V quando, de repente, voltaram a toda a pressa para a cidade, concluindo assim o rei que alguém do seu arraial tinha feito passar a mensagem do que estaria prestes a acontecer e Afonso V teve de voltar a Toro, mal sucedido na sua empresa.</p> <p>Mais tarde, estando D. Afonso V ausente em França (esteve fora de Portugal de Agosto de 1476 a Maio de 1477), o príncipe D. João reuniu ainda alguns homens, capitaneados pelo almirante Lopo Vaz de Azevedo, Fernão Martins Mascarenhas, capitão dos ginetes, e ao chegar a Pinhel, voltaram para trás por terem conhecimento que qualquer dos cercos que D. Fernando havia montado (Cantalapiedra, Toro, Castronuño) tinha muito mais gente do que possuía D. João. Porém, os alcaides das respectivas fortalezas só negociaram a rendição quando para isso tiveram ordem de D. Afonso V, ainda em França, visto que não os podia socorrer como havia previsto. Assim todos conservaram as suas honras.</p>	CXCII, CCI
Damião de GÓIS	Cerco	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> Duque de Villahermosa; conde de Treviño No segundo cerco: Bispo de Ávila; Afonso da Fonseca; Sancho de Castela</p>	---	<p>D. Fernando cercou a praça. Durante este tempo tentaram-se ciladas por parte dos portugueses aos castelhanos e uma delas visava mesmo aprisionar D. Isabel.</p> <p>Tendo alguma dificuldade em recuperar a praça, D. Fernando mandou vir reforços e munições. Tentou negociar-se e como faltavam provisões aos sitiados, acertou-se que a fortaleza não fosse atacada pelo espaço de um</p>	LXXXIV, LXXXVII, LXXXVIII XCIV Note-se que este é o único

		<u>Partido de D. Afonso V:</u> Pero Ruíz Vandara		ano, mas os da praça não podiam receber reforços nem atacar as terras da comarca, esperando que entretanto se acordassem as pazes entre D. Fernando e D. Afonso V. Depois disto ficou como alcaide Afonso Perez de Vivero. Novamente cercada, a praça aguentou o sítio durante três meses, até que se deu por partido. D. Fernando mandou tapar as cavas e derrubar as torres e muros da vila, restituindo-a ao bispo de Salamanca.	cronista que fala em um ano de trégua.
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> duque de Villahermosa; conde de Treviño <u>Partido de Afonso V:</u> Alonso Pérez de Vivero	---	Fernando destacou um significativo poder poliorcético para cercar esta praça. Isto motivou a saída dos de dentro para atacar os homens leais a D. Fernando, especialmente através de túneis recentemente abertos. Como o inimigo percebeu o movimento, decidiu retirar a sua artilharia para um local mais seguro. As escaramuças repetiram-se e os víveres foram cortados. Pediram assim apoio a D. Afonso V. O cerco foi levantado por via da negociação, jogando o conde de Benavente um papel importante. Como Afonso V não tinha gente suficiente para socorrer a fortaleza, ofereceu o conde de Benavente e disse que entregaria as suas três fortalezas, em troca pela liberdade do conde de Penamacor e de Antão Nunes. Comprometeu-se D. Fernando a não atacar Cantalapiedra durante um ano. Sentindo-se devedores do conde de Benavente, os Católicos recompensaram-no com a cidade da Corunha, mas esta não quis passar a pertencer ao já extenso senhorio do nobre e revoltou-se, cercando os da cidade a fortaleza, ao que o conde teve de reagir por via das armas. Novamente cercada, a fortaleza de Cantalapiedra ainda aguentou o cerco durante algum tempo (três meses), mas como não tiveram socorro português, tiveram de entregar a fortaleza. A esta guarnição foi permitido que fosse para Portugal, levando os seus bens. O castelo foi, em seguida, derrubado e as cavas foram tapadas e a terra restituída ao bispo de Salamanca.	LXXI; LXXXV
Afonso de PALENCIA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alfonso de Aragão; conde de Treviño; duque de Alba de Tormes <u>Partido de Afonso V:</u> Alonso Pérez de Vivero	---	Cantalapiedra foi cercada e o rei voltou para Madrigal. A certa altura os panos de muralhas começaram a ruir, deixando os vizinhos expostos, servindo, porém, de defesa eficaz o duplo fosso existente. Dado que considerava esta fortaleza como um ponto de estrutural importância, Afonso V propôs a devolução das fortalezas do conde de Benavente (Villalón, Mayorga e Portillo) em troca por seis meses de trégua, nos quais a castelo não podia levar a cabo nenhuma operação militar.	II, Livro XXVI, cap. IV; cap. VII
Diego de	Cerco	---	---	Esta vila, dotada de guarnição portuguesa e de duas grandes cavas, estava	XXIII

VALERA				cercada por ordem de D. Fernando. Afonso V negociou a libertação do conde de Benavente e de suas fortalezas (Portillo, Villalba e Mayorga), em troca da liberdade do Lopo de Albuquerque e dos outros nobres presos por Álvaro de Mendoza e por Fernando de Acuña nas imediações de Zamora e ainda que durante seis meses a fortaleza não pudesse ser atacada, embora também não pudesse ser reforçada.	
Andres BERNÁLDEZ	Cerco	---	---	O cerco desta praça durou dois meses. Tanto esta fortaleza como as de Siete Iglesias, Cubillas, Rabé e San Cristoval, estiveram menos tempo cercadas do que Cantalapedra.	XXVIII
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alonso de Aragão, irmão de D. Fernando; duque de Alba; conde de Treviño; <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	O rei ordenou o cerco e voltou à cidade de Madrigal. O cerco foi levantado por negociação. Afonso V concedeu a liberdade do conde de Benavente e entregou as fortalezas de Villalba, Mayorga e Portillo, em troca de seis meses de trégua com Cantalapedra.	Livro XIX, cap. XLV
Crónica Incompleta...	Cerco 1476/Abr Novo cerco em 1476/Out	---	---	Utilizaram-se máquinas de guerra no cerco de Cantalapedra: «mantas y gruas y bancos pinjados [...] gruesos tiros de poluora». D. Afonso V propôs a D. Fernando que levantasse o cerco de Cantalapedra e que durante seis meses não atacasse essa fortaleza e que restituísse os privilégios a Antão Nunes, licenciado de Ciudad Rodrigo, em troca da liberdade de Rodrigo de Pimentel e das fortalezas de Portillo, Mayorga e Villalba.	XLVII A partir desde cerco, os duques de Arévalo já estão por Isabel e Fernando. LIII
Cronicón de Valladolid...	Cerco	---	---	Brevíssima referência a que houve um cerco a Cantalapedra: «Vinieron el rey e reyna nuestros señores después del cerco de Cantalapedra miércoles quince de mayo <i>anno Domini</i> de mcccclxxvi».	p. 121

Castroonuño					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso <u>Partido de D. Afonso V:</u> Pedro de Mendanha, alcaide	---	D. Fernando cercou a fortaleza. Estando D. Afonso V, ausente em França (esteve fora de Portugal de Agosto de 1476 a Maio de 1477), o príncipe D. João reuniu ainda alguns homens, capitaneados pelo almirante Lopo Vaz de Azevedo, Fernão Martins Mascarenhas, capitão dos ginetes, e ao chegar a Pinhel, voltaram para trás por terem conhecimento que qualquer dos cercos que D. Fernando havia montado (Cantalapiedra, Toro, Castroonuño) tinha muito mais gente do que possuía D. João. Porém, os alcaides das respectivas fortalezas só negociaram a rendição quando para isso tiveram ordem de D. Afonso V, ainda em França, visto que não os podia socorrer como havia previsto. Assim todos conservaram as suas honras.	CCI
Damião de GÓIS	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Fradique Manrique <u>Partido de D. Afonso V:</u> Pedro de Mendanha, alcaide	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso <u>Partido de D. Afonso V:</u> 400 cavaleiros Muitos peões	No mesmo dia, D. Fernando cercou Castroonuño, Cantalapiedra, Cubillas e Siete Iglesias, andando sempre de cerco em cerco. Quando só restavam dois cercos – Castroonuño e Cubillas, D. Fernando reforçou-os com o duque de Vila Formosa, o conde de Faro e o condestável de Castela. Em Julho de 1477, D. Afonso V autoriza a entrega de Castroonuño e Cubillas a D. Fernando, saindo Pedro de Mendanha em direcção a Portugal.	XCIV XCV
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco 1477-1478	<u>Partido de D. Fernando:</u> conde de Treviño <u>Partido de D. Afonso V:</u> Pedro de Mendanha; Juan de Valençuela, prior da Ordem de San Juan	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso <u>Partido de D. Afonso V:</u> 400 lanças (guarnição mista: castelhanos e portugueses)	As gentes das <i>Hermandades</i> constituem as forças principais que sitiam as fortalezas não só de Castroonuño, mas também de Cubillas, Cantalapiedra e Siete Iglesias. Como os cercos de Siete Iglesias e Cantalapiedra já haviam findado, D. Fernando pôde engrossar as fileiras dos homens que cercavam esta praça, de tal forma que se constituíram dois arraiais. Porém, a vila era bastante forte e possuía cavas e baluartes. Houve um conselho de guerra em que se decidiu se a vila era combatida de imediato, ou se se devia esperar que chegassem mais peças de artilharia. No entanto, a decisão que prevaleceu foi a de combater a praça de imediato. Houve várias escaramuças, de maneira a que os de dentro queriam impedir que se tapassem as cavas, verificando-se estas escaramuças durante dez dias, até que finalmente os homens do rei conseguiram tapar as cavas. Dada a grande superioridade numérica dos homens fiéis a D. Fernando, foi possível escalar as muralhas sem grande resistência. Como consequência,	LXXI; LXXXV; XCIV As datas apresentadas por Pulgar estão notoriamente equivocadas.

				estes homens refugiaram-se no castelo. Entrada a vila, os homens do rei aposentaram-se nela e começaram a fortificar posições em volta da fortaleza, a qual estava bem aprovisionada com mantimentos e armas. Mesmo assim, davam-se escaramuças entre os dois partidos. Por fim, a fortaleza viu-se obrigada à rendição porque não foi socorrida por D. Afonso V, tendo sido posteriormente derrubada.	
Afonso de PALENCIA	Cerco 1476/Out/20	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso <u>Partido de Afonso V:</u> Pedro de Mendanha, alcaide	---	No dia da tomada da cidade de Toro, cercaram-se as fortalezas de Castronuño, Cubillas e Siete Iglesias. A <i>Hermandad</i> fortificou os seus arraiais, uma vez que os sitiados saíam diariamente pelos postigos para escaramuçar com os sitiadores. Como não veio socorro português, o alcaide teve de entregar o castelo. Como condições, os vencidos podiam sair em liberdade e levar os despojos que conseguissem carregar num cavalo, mas teriam de deixar todo o trigo e máquinas de guerra para D. Fernando. Isto era particularmente importante para Castronuño, castelo que estava bem aprovisionado.	II, Livro XXVII, cap. X; III, livro XXVIII, cap. IV
Diego de VALERA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Fonseca <u>Partido de D. Afonso V:</u> Pedro de Avendaño	---	D. Fernando montou cerco sobre Castronuño, Siete Iglesias e Cubillas. Mandou ainda chamar gente de Zamora, Ávila, Segóvia, Valladolid e Medina del Campo para reforçar o cerco desta praça, bem como de Cubillas e Castronuño. As gentes das <i>Hermandades</i> são as principais no combate às fortalezas. Cubillas foi tomada e os efectivos que a cercavam foram transferidos para os outros cercos, ficando com a alcaidaria Alonso Fonseca. Valera volta a referir, no capítulo XLI, que D. Fernando determinou tomar estas fortalezas, sendo que o cronista situa erroneamente estes acontecimentos depois de Maio de 1480. Considera ainda que as fortalezas de Castronuño e Cubillas eram mais difíceis de conquistar do que Siete Iglesias. Pedro de Avendaño entregou a fortaleza, com medo que D. Fernando chegasse. Pôde a guarnição partir para Portugal, com tudo o que pudessem carregar em cima de um cavalo, sendo, contudo, obrigados a deixar toda a artilharia existente na fortaleza. Avendaño foi ainda obrigado a pagar uma multa de 7 000 florins de ouro de Aragão. O castelo foi derrubado a mando de D. Fernando.	XXXI, XLI
Andres BERNÁLDEZ	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso <u>Partido de D. Afonso V:</u> Pedro de Avendaño	---	Afirma Bernáldez que tanto esta praça, como a de Cantalapiedra, albergavam ladrões, sendo chefiados por Pedro de Mendanha, o qual subjugava Medina del Campo, Valladolid, Toro, Zamora e Salamanca. O seu poder era imenso, uma vez que ele controlava sete fortalezas, próximas umas das outras, numa ribeira do Douro: Castronuño, Naveros, Cubillas, Siete Iglesias, San Cristóval, Rabé e outra que o cronista não determina, a partir das quais fazia roubos na comarca. Quando morreu Henrique IV, este homem não seguiu D. Isabel e D. Fernando, seguindo ao invés D. Afonso	XXI, XXVIII

				V. Quanto à duração do cerco, o cronista é ambíguo e primeiro diz que durou onze meses e mais à frente refere oito meses. Foram utilizadas lombardas. Quando a fortaleza capitulou, foi permitido à guarnição sair em liberdade para Portugal. A fortaleza foi derrubada no Verão de 1477.	
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco 1476/Out/20	<u>Partido de D. Fernando:</u> Fradique Manrique; Luís de Acuña, conde de Buendia <u>Partido de Afonso V:</u> Pedro de Mendanha, alcaide	---	Assim que o castelo de Toro foi tomado pela vigilante D. Isabel, a artilharia que o combateu foi realocada em Castonuño. Na verdade, a guerra corria de feição a Isabel e Fernando, já que Zurita diz que depois de se ter tomado Toro, além de Trujillo, “ <i>no quedava en aquellos reinos cosa de importância [...] sino aquella cueva de ladrones que tanto daño y guerra había hecho en aquellas comarcas</i> ”. Nota ainda o cronista que Fernando veio reclamar os seus triunfos, chegando a Castronuño a 30 de Outubro, para cujo cerco o rei enviou homens que faziam parte das guarnições de Salamanca, Zamora, Ávila, Segóvia, Valladolid, Medina del Campo e Toro.	Livro XIX, cap. LVIII, Livro XX, cap. VI
Crónica Incompleta...	Cerco 1476/Out/30 ou 1476/Nov/01	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alfonso de Fonseca, bispo de Ávila; Alfonso de Fonseca, sobrinho do bispo <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	São cercadas esta e as fortalezas de Siete Iglesias, Cantalapiedra e Cubillas.	LIII
Cronicón de Valladolid...	Cerco 1476/Nov/01	---	---	D. Fernando cerca esta fortaleza.	p. 124

Siete Iglesias					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Duque de Villahermosa <u>Partido de D. Afonso V:</u> Omisso	---	A praça rendeu-se após dois meses de cerco. A fortaleza foi deitada por terra.	XCIV
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco 1477	<u>Partido de D. Fernando:</u> Duque de Villahermosa, irmão de D. Fernando <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	O rei vigiava de perto o cerco, o qual durou dois meses, tendo sido usados engenhos e lombardas e devido ao aperto em que estavam, o alcaide apelou à negociação. O rei assegurou as vidas dos inimigos desde que entregassem a fortaleza. Porém, no tempo em que esteve cercada a vila e se verificaram escaramuças, os prisioneiros pertencentes ao partido de D. Afonso V foram enforcados. Assim que a fortaleza foi conquistada, D. Fernando mandou derrubá-la.	LXXI, LXXXV
Afonso de PALENCIA	Cerco 1477	---	---	Siete Iglesias entregou-se, após poucos dias de cerco, na sequência da negociação de capitulação de Cantalapiedra. A sua guarnição pôde sair em paz e levar os roubos por eles feitos que um cavalo pudesse carregar.	III, Livro XXVIII, cap. IV
Diego de VALERA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Gente da <i>Hermandad</i> <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	D. Fernando montou cerco sobre Siete Iglesias. Mandou ainda chamar gente de Zamora, Ávila, Segóvia, Valladolid e Medina del Campo para reforçar o cerco desta praça, bem como de Cubillas e Castronuño. Valera volta a referir, no capítulo XLI, que D. Fernando determinou tomar estas fortalezas, sendo que o cronista situa erroneamente estes acontecimentos depois de Maio de 1480. Assim, poucos dias depois do cerco, Siete Iglesias deu-se por partido.	XXXI, XLI
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Maríneo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Duque de Villahermosa, irmão de D. Fernando	---	Embora grandes praças como Toro já tivessem cedido a D. Fernando, para que não ficasse nenhuma fortaleza em poder dos portugueses, foram cercadas as fortalezas de Castronuño, Cantalapiedra, Cubillas e Siete	Livro XX, cap. I, cap. VI,

		<u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso		Iglesias.	
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Toro (cidade e fortaleza)					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	Cerco	---	---	D. Fernando cerca a cidade. Estando D. Afonso V ausente em França (esteve fora de Portugal de Agosto de 1476 a Maio de 1477), o príncipe D. João reuniu ainda alguns homens, capitaneados pelo almirante Lopo Vaz de Azevedo, Fernão Martins Mascarenhas, capitão dos ginetes, e ao chegar a Pinhel, voltaram para trás por terem conhecimento que qualquer dos cercos que D. Fernando havia montado (Cantalapiedra, Toro, Castronuño) tinha muito mais gente do que possuía D. João. Porém, os alcaides das respectivas fortalezas só negociaram a rendição quando para isso tiveram ordem de D. Afonso V, ainda em França, visto que não os podia socorrer como havia previsto. Assim todos conservaram as suas honras.	CCI
Damião de GÓIS	Cerco 1477	<u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso Henriques, tio do rei; D. Fernando; Rodrigo Afonso Pimentel, conde de Benavente; Pedro de Velasco, Fradique Manrique; Vasco de Vivero; João de Biedma; Pedro de Fonseca <u>Partido de D. Afonso V:</u> Francisco Coutinho, conde de Marialva; D. Maria Sarmento	<u>Partido de D. Fernando:</u> 610 lanças <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	O cerco ordenado por D. Isabel não produziu logo os efeitos desejados, por isso a rainha mandou guarnições para as fortalezas em redor, em S. Romão de Orniça, Pedrosa, Betabés e Alahejos. A cidade seria entrada posteriormente através de uma artimanha. Um pastor chamado Bartolomeu, natural da mesma cidade, e desejoso de se cobrir de honra, contou ao bispo de Ávila, Pedro da Fonseca, como passou uma noite fora dos muros em virtude de as portas já estarem fechadas. Como conhecia bem as colinas em redor da mesma, entrou por um sítio onde não havia vela nem rolda. Relatou ainda ao bispo que era possível voltar a fazê-lo, caso D. Fernando o quisesse. O plano foi avante e, certa noite, o conde de Marialva percebendo que a cidade tinha sido entrada e vendo a desconfiança que os portugueses tinham dos castelhanos, pois pensavam que haviam sido eles a permitir a entrada dos inimigos, refugiou-se em Castronuño, juntamente com os homens que o quiseram acompanhar, tendo sido todos recebidos por Pedro de Mendanha. Seguidamente, o castelo foi cercado pelas forças isabelinas, até D. Maria Sarmento não poder suster mais o cerco e ser obrigada a render-se.	XCI-XCIII
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco 1477	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alonso Henriques, tio do rei; Rodrigo Alonso Pimentel,	<u>Partido de D. Fernando:</u> 40 escudeiros	Cerco ordenado por Isabel. O primeiro ímpeto castelhano durou cinco horas, ao fim das quais e por via do desgaste sofrido, retiraram os castelhanos para Tordesilhas. Isabel mandou fortificar as aldeias vizinhas a	LXXVII, LXXXII

		conde de Benavente; bispo de Ávila; Fradique Manrique; Pedro de Velasco; António de Fonseca <u>Partido de Afonso V:</u> Conde de Marialva; Dona Maria Sarmiento	<u>Partido de Afonso V:</u> 300 homens de armas	Toro. A cidade seria tomada, à semelhança de tantas outras, por um golpe astuto proveniente de um pastor, o qual conhecia uma entrada remota na cidade, o que aliado ao facto de os portugueses não fazerem vela de noite, permitiu a entrada na cidade. Mostraram os portugueses uma ténue resistência, mas crendo que os vizinhos haviam aberto as portas ao inimigo, refugiaram-se na fortaleza, a qual foi duramente cercada com peças de artilharia. D. Maria Sarmiento acabou por entregar o castelo à rainha, assim como a fortaleza de la Mota, a qual foi arrasada. Foi também entregue o castelo de Monçón.	
Afonso de PALENCIA	Cerco 1476/Julho a 1476/Out/30	<u>Partido de D. Fernando:</u> Almirante de Castela; Alfonso de Fonseca, bispo de Ávila; Alfonso de Fonseca, sobrinho do bispo; Fradique Manrique; Alfonso Fonseca, irmão do bispo <u>Partido de D. Afonso V:</u> Maria Sarmiento	<u>Partido de D. Fernando:</u> 80 lanças <u>Partido de D. Afonso V:</u> 600 lanças	Reduzida a guarnição que estava presente em Toro, uma vez que D. Afonso V de lá tinha saído para procurar reforços em França, foi considerado ser o momento ideal para atacar a cidade, até porque as muralhas estariam em ruínas e o destacamento de homens seria insuficiente para defender toda a extensão do fosso e muralhas. Entretanto, a 19 de Setembro de 1476 foi possível entrar na cidade porque um pastor, de seu nome Bartolomeu, mostrou como se podia entrar, descoberta que tinha feito uma noite que tinha ficado fechado fora da cidade. Entraram alguns homens que abriram as portas ao grosso da companhia. Travou-se uma escaramuça nas ruas, tendo vencido os castelhanos. A confusão que reinava era evidente, pois os portugueses julgavam que haviam sido traídos pelos castelhanos. Porém, ao segundo embate, os castelhanos foram derrotados e obrigados a retirar para a casa de Avellaneda, próximo da igreja de Santa Maria. Um dado irrisório que o cronista nos dá a este ponto é que trinta homens de armas de Alfonso de Aragão, às ordens de Fradique Manrique, resistiram aos 600 homens portugueses a ponto de os rechazar. A guarnição portuguesa recuou para o castelo e o conde de Marialva escapou de Toro. Foi posto cerco à igreja, que consequentemente se rendeu por causa do fumo e foi posto cerco ao castelo com numerosas máquinas de guerra: canhões ligeiros, trabucos e três bombardas grandes. Descoberto o refúgio de Maria Sarmiento, esta teve de pactuar a entrega de fortalezas: La Mota, Monçón e Villalonso. Além disso teve de pagar uma multa pecuniária para compensações de danos causados. A fortaleza rendeu-se a 20 de Outubro.	II, Livro XXVII, cap. II; cap. IX
Diego de VALERA	Cerco 1476/Set/19	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alfonso de Fonseca, bispo de Ávila; António de Fonseca, irmão do bispo; Fradique Manrique	---	Afonso V partiu de Toro em Junho de 1476 e deixou a sua guarda ao conde de Marialva. A cidade foi entrada com a ajuda de um pastor chamado Bartolomeu, que mostrou um caminho por onde se podia entrar a António Fonseca, tendo-o descoberto uma vez que ficou fechado fora da cidade. Entraram então setenta homens pelo dito caminho e com um pé de cabra	XXX

		<u>Partido de D. Afonso V:</u> Maria Sarmiento		abriram as portas por onde Fradique Manrique e o bispo de Ávila puderam entrar com os seus homens. Assim que foram sentidos pelos soldados portugueses, travaram-se escaramuças. Numa delas, os portugueses rechaçaram os castelhanos e obrigaram Fradique Manrique a refugiar-se na casa que foi de monsenhor Diego de Vadillo. Porém, nas palavras de Valera, o esforço e a coragem dos trinta homens de Manrique pôde rechaçar o ataque de 600 portugueses, os quais fugiram para a igreja de Santa Maria e para outras ruas. Ter-se-iam verificado apenas sete mortos castelhanos. A igreja foi combatida e queimada e os bairros onde estavam os portugueses tomados. O conde de Marialva retirou da cidade e chegaram reforços de artilharia para combater a fortaleza. Esta acabou por se render e foram devolvidas aos reis as fortalezas de la Mota, Monzón e Villalonso. Além disso, Maria Sarmiento teve de pagar uma indemnização pelos danos causados aos cidadãos.	
Andres BERNÁLDEZ	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Espinosa <u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Marialva;	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso <u>Partido de D. Afonso V:</u> 80 escudeiros (apenas os que ficaram a guardar a fortaleza, após a cidade ter sido tomada)	Pouco depois de D. Afonso V ter partido para Portugal, no sentido de embarcar para França, D. Fernando mandou cercar Toro, colocando guarnições em San Román de Ornija, a duas léguas de Toro e em Villar de Beçames, que são lugares da comarca. Ninguém saía de Toro, até que uma noite as muralhas foram escaladas, do lado do rio, com a ajuda de um pastor chamado Bartolomeu. Estes homens que entraram, abriram as portas ao resto do exército. A partir do momento em que a cidade foi tomada, houve lutas nas ruas, tendo os castelhanos levado a melhor. Posteriormente, pôde a fortaleza ser cercada. O conde de Marialva, temendo o pior, fugiu para Villa Alonso. O cerco durou trinta dias, entregando-se por partido a D. Isabel, no dia de todos os santos.	XXVI, XXVIII
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco 1476/Julho: cerco da cidade 1476/Set/28: cerco do castelo 1476/Out/19 : rendição de Maria	<u>Partido de D. Fernando:</u> Conde de Benavente; Pedro de Velasco; Vasco de Vivero; D. Fradique; conde de Alba <u>Partido de D. Afonso V:</u> Conde de Marialva e Juan de Ulloa; Maria Sarmiento	<u>Partido de D. Fernando:</u> 1 200 cavaleiros 100 escudeiros <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	No início de Julho de 1476, chegou nova a D. Isabel que a cidade de Toro queria passar para o partido dos <i>Católicos</i> mandou 1 200 cavaleiros e muitos peões, mas não conseguiram logo tomar a cidade. Então com a ajuda de um pastor, escalaram as muralhas da cidade, abrindo as portas da cidade aos compatriotas (19 de Setembro de 1476). Sabendo deste sucesso, Isabel partiu de Segóvia com o cardeal de Espanha e os condes de Benavente e Cifuentes. Foram utilizados quatro engenhos e muitas lombardas grandes e médias. O cerco findou com a rendição de Maria Sarmiento. Como condição teve ainda de entregar as fortalezas de La Mota e Monçón. Assim que o conde de Marialva soube disto, o qual defendia a	Livro XIX, cap. LII, LVIII

	Sarmiento			fortaleza de Villalonso, fugiu para Portugal com os seus apoiantes portugueses e castelhanos, ocorrendo isto a 20 de Outubro de 1476.	
<i>Crónica Incompleta...</i>	Cerco 1476/Set/19 foi a data em que Bartolomeu mostrou a entrada aos homens de Alfonso Fonseca a 1476/Out	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Pimentel, conde de Benavente; Alfonso de Fonseca, bispo de Ávila <u>Partido de D. Afonso V:</u> Maria Sarmiento	---	São colocadas escadas contra as muralhas, ao que os de dentro respondem com tiros de pólvora. Este primeiro assalto contra Toro não teve sucesso. Foram então enviadas para o cerco mais artilharia e soldados. Porém, a cidade acabou por ser conquistada através de um stratagem. Uma manobra de um lavrador – Bartolomeu, que conhecia um caminho para entrar na cidade, o qual descobriu uma vez que ficou fechado fora dela, levou os homens de Alfonso Fonseca a entrar na cidade. Os primeiros que entraram prenderam os que velavam e abriram as portas aos companheiros que aguardavam. Muitos portugueses foram presos mas o conde de Marialva conseguiu escapar. A guarnição portuguesa que se salvou, refugiou-se no castelo, no qual permaneceu dois meses cercada, até que Maria Sarmiento decidiu capitular se D. Isabel levantasse o cerco sobre La Mota e Villalonso. A rainha, todavia, não descercou La Mota para não prejudicar o mariscal Gomez de Benavides.	LII
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	Cerco 1476/Jul/01 a 1476/Out/30	<u>Partido de D. Fernando:</u> Rodrigo Pimentel, conde de Benavente; Alonso Henriques, almirante; bispo de Ávila; Álvaro de Mendoza; Pedro de Guzman; Estévan de Villacreces <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	---	Houve um primeiro ataque a Toro mas foi rechaçado. Três meses mais tarde, D. Fernando entrou em Toro. Além da fortaleza de Toro, as fortalezas de la Mota e de Monçón, bem como a ponte de Toro foram entregues à rainha.	pp. 123-124

Diogo de Castro vs Afonso de Cardenas					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Escaramuça	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Diogo da Silva de Meneses; D. João de Sousa D. Garcia de Meneses, bispo de Évora; Diogo de Castro <u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Cardenas, comendador-mor de Leão	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 480 lanças <u>Partido de D. Fernando:</u> 2 000 lanças	Este desaire castelhano acontece no seguimento de uma entrada em Portugal por parte de Afonso de Cardenas. Sabendo disto e percebendo que estava em clara desvantagem numérica, D. João mandou dois seus capitães com trinta homens a cavalo trilharem muitas vezes um caminho para dar a impressão que um grande exército lá teria passado e assim criar a ideia que os homens sob o comando do príncipe seriam bastante numerosos. Mandou fazer o mesmo a D. Garcia de Meneses, com 300 cavaleiros, noutra parte do caminho. Assim, no dia seguinte, quando Afonso de Cardenas viu os caminhos bastante trilhados, teve receio das forças do príncipe e decidiu voltar para Castela, receoso e comprometendo a retirada com a desordem das tropas em fuga. Porém, saiu-lhe ao caminho Diogo de Castro, próximo de Mourão, o qual desbaratou os castelhanos apenas com 150 lanças, desbaratando-os e capturando mais de 100 cavaleiros.	XCVI
García de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	---	---	---	---	---
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Huete					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	Cerco 1476/Nov	<u>Partido de D. Fernando:</u> Alfonso Fajardo, filho de Alfonso Fajardo; Juan de Robles; Rodrigo de Aguila <u>Partido do arcebispo de Toledo:</u> Lope Vasques de Acuña, irmão de Alfonso Carrillo	---	Os capitães Juan de Robles e Rodrigo de Aguila, enviados por D. Isabel, apoderaram-se de Huete, devolvendo-lhe a sua tranquilidade.	III, Livro XXVIII, cap. II O cronista diz que também em Novembro de 1476, a <i>Hernandad</i> cobrou a fortaleza de Las Navas.
Diego de VALERA	---	---	---	---	Valera não menciona Huete, mas refere-se às fortalezas de Las Navas e de Arroyo de Molinos que foram tomadas para o partido fernandino.
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---

Jerónimo ZURITA	1476/Nov	<u>Partido de D. Fernando:</u> Juan de Robles; Rodrigo de Aguila <u>Partido do arcebispo de Toledo:</u> Lope Vasques de Acuña, irmão de Alfonso Carrillo	---	Juan de Robles e Rodrigo de Aguila com as suas companhias de cavalo apoderaram-se de Huete e expulsaram Lope Vasques de Acuña.	Livro XX, cap. I
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Évora					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	Cavalgada 1477	<u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Cardenas, comendador-mor de Leão <u>Partido de D. Afonso V:</u> Príncipe D. João	<u>Partido de D. Fernando:</u> 2 000 lanças <u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso	Afonso de Cardenas fez uma cavalgada em Portugal, na qual tomou bastantes presas.	XCVI
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	Cavalgada	<u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Cardenas, comendador-mor de Leão <u>Partido de D. Afonso V:</u> Príncipe D. João	<u>Partido de D. Fernando:</u> 1 100 lanças 8 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> 600 lanças	Afonso de Cardenas entrou em Portugal e foi esperar D. João às portas de Évora, cidade em que permanecia o príncipe, pronto para a batalha. Como ele não manifestasse vontade de lutar, o comendador-mor de Leão levou muito gado português para Castela.	II, Livro XXVI, cap. IX
Diego de VALERA	Cavalgada	<u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Cardenas, comendador-mor de Leão; Francisco de Solis <u>Partido de D. Afonso V:</u> Príncipe D. João	<u>Partido de D. Fernando:</u> 1 000 lanças 8 000 peões <u>Partido de D. Afonso V:</u> 600 lanças	Os cavaleiros de Sevilha juntaram gente para fazer a guerra a Portugal e penetraram nas fronteiras portuguesas, preparando-se para cercar Évora, onde D. João havia voltado. O príncipe permaneceu intramuros, sem permitir que a sua gente saísse, nem sequer a escaramuçar como era costume. Desta forma, os castelhanos ocuparam-se a roubar gado.	XXV
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	---	---	---	---	---
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---

<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---
--------------------------------------	-----	-----	-----	-----	-----

Monteleón					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Cerco com tomada da praça	<u>Partido de D. Fernando:</u> Garcia Osório, corregedor de Salamanca <u>Partido de Rodrigo Maldonado:</u> Rodrigo Maldonado	---	O cronista afirma que Rodrigo Maldonado governava tiranicamente o castelo de Monteleón, tendo inclusivamente cunhado moeda sem consentimento régio. D. Fernando ocorre à cidade, desde Medina del Campo, demorando oito horas a cavalo até chegar a Salamanca. Tentou por artimanha capturar Rodrigo Maldonado, mas sem sucesso, o qual se refugiou na fortaleza. Os vizinhos tomaram o seu partido e não quiseram entregar o castelo a D. Fernando, que o exigiu. Queriam grandes compensações, senão juntar-se-iam ao partido português. Porém, D. Fernando conseguiu capturar a mulher do alcaide e ameaçou degolá-la. Isso garantiu a entrega da praça, pois o alcaide conseguiu convencer a população a entregá-la, ficando como alcaide um capitão seu criado chamado Diego Ruiz de Montalvo, de Medina del Campo.	LXXXVI
Afonso de PALENCIA	Cerco com tomada da praça	<u>Partido de D. Fernando:</u> Garcia Osório, corregedor de Salamanca <u>Partido de Rodrigo Maldonado:</u> Rodrigo Maldonado	---	Rodrigo Maldonado assenhoreou-se do castelo de Monteleón, com ajuda do alcaide e cunhava moeda. D. Fernando tudo fez para prender Maldonado na cidade em que este estava (Salamanca). O próprio rei se mostrou com armas, afrontando Maldonado, o qual acabou por desistir das suas maquinações e mandou o alcaide entregar o castelo. A alcaidaria do mesmo foi dada a Diego Ruiz de Montalvo.	III, Livro XXVIII, cap. V
Diego de VALERA	Cerco com tomada da praça	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando <u>Partido de Rodrigo Maldonado:</u> Rodrigo Maldonado	---	Rodrigo Maldonado assenhoreou-se do castelo de Monteleón. D. Fernando tudo fez para prender Maldonado na cidade em que este estava (Salamanca). Assim que Maldonado percebeu que D. Fernando estava na cidade, o cavaleiro refugiou-se no mosteiro de S. Francisco, avisando inclusivamente os frades que se não o libertavam, que derrubaria o mosteiro, ficando este em poder do rei. O monarca assegurou ainda que pouparia a vida de todos os que estavam na fortaleza, desde que a	XLII Valera afirma que nesta altura houve muitos recontros militares, quer por terra, quer

				entregassem. O alcaide não quis entregar a fortaleza e D. Fernando avisou o alcaide que se voltasse a pedir o castelo e este não lhe fosse dado, que cortaria a mão direita de Maldonado, em seguida a esquerda, depois o olho direito e depois o cortaria em quatro. Rodrigo Maldonado pediu misericórdia ao alcaide e a fortaleza foi entregue a D. Fernando.	por mar nos quais sempre venceram os castelhanos.
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco com tomada da praça	<u>Partido de D. Fernando:</u> D. Fernando; Garcia Osório, corregedor	---	Zurita diz que D. Fernando tomou a fortaleza, a qual classifica como inexpugnável, onde estava Rodrigo Maldonado, o que não deixa de ser estranho, já que no capítulo I do Livro XX, o cronista data a sua morte, situando-a em Novembro de 1476. No entanto, neste episódio, o rei de Castela atraiu para o seu partido o corregedor Garcia Osório, através do qual foi possível prender Rodrigo Maldonado e tomar a cidade.	Livro XX, cap. XII
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Utrera / Alcalá de Guadaira					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
	Rui de PINA	---	---	---	---
	Damião de GÓIS	---	---	---	---
	Garcia de RESENDE	---	---	---	---
	Fernando del PULGAR	1477 <u>Partido de D. Fernando:</u> duque de Medina Sidónia; Gutierre de Cardenas, contador-mor real <u>Partido do marquês de Cádiz:</u> Fernando Arias de Saavedra, mariscal <u>Partido de Fernando Arias de Saavedra:</u> Fernando Arias de Saavedra, mariscal, Pedro de Gusmão, alcaide de Utrera	---	Pulgar dá conta de mais focos de guerra civil na Andaluzia. Os contendentes são os mesmos: Rodrigo Ponce de León, marquês de Cádiz opõe-se a Henrique de Guzmán, duque de Medina Sidónia; mas também Diego Fernández de Córdoba, conde de Cabra se opõe a Alfonso de Aguilar, senhor de Montilla. Grassava assim a guerra nas cidades de Xerez de la Frontera, Écija e Carmona. D. Isabel deslocou-se à Andaluzia para pacificar a mesma. O duque de Medina Sidónia queixou-se a D. Isabel, dizendo que o marquês de Cádiz tinha as cidades de Jerez de la Frontera e Alcalá de Guadaira tiranizadas, assim como outras fortalezas que o cronista não refere. Para além disto favorecia outros tenentes, como Fernando Arias de Saavedra, que tinha as fortalezas de Tarifa e de Utrera. D. Isabel não recebeu nenhuma audiência do marquês de Cádiz, pelo que considerou que ele continuava rebelado contra ela. Porém, certo dia, o marquês veio e suplicou à rainha o perdão, afirmando-lhe que seguia o seu partido. Comprometeu-se a entregar as fortalezas de Jerez e de Alcalá de Guadaira. D. Isabel enviou Juan de Robles receber as fortalezas, que foram entregues. D. Isabel mandou ainda que Fernando Arias de Saavedra entregasse a fortaleza de Utrera, o qual ele recusou, dizendo que já seu pai – Gonçalo de Saavedra a tinha detido, confirmada por Henrique IV e que ele não via razão para a entregar, pelo que recusou devolvê-la à rainha. Esteve cercada pelas forças leais a D. Isabel, durante quarenta dias, tempo em que foi atacada com artilharia pesada. Recusada uma vez mais a devolução da fortaleza, Gutierre de Cardenas dividiu o cerco em quatro partes, nas quais se utilizaram máquinas de guerra, mantas, artilharia e bestas. No ataque à fortaleza morreu o seu alcaide, Pedro de Gusmão. Com este episódio e faltando-lhes os meios para a defesa, foram atacados e a fortaleza foi conquistada. Estes rebeldes foram enforcados em Sevilha.	LXXXIX, XC
	Afonso de	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u>	<u>Partido de D. Fernando:</u> Fernando Arias de Saavedra esperava o regresso de Fernando e Isabel e o	III, Livro

PALENCIA		Juan de Viedma; Vasco de Vivero; Pedro de Ribadeneira; Rodrigo del Aguila <u>Partido de Fernando Arias de Saavedra (conluído com o marquês de Cádiz, Rodrigo Ponce de León):</u> Fernando Arias de Saavedra, mariscal	2 400 lanças <u>Partido de Fernando Aria de Saavedra:</u> omisso	juramento de preito e menagem, mas contou mentiras aos cidadãos, dizendo-lhes que o rei pretendia tirar-lhe a alcaidaria para dá-la a Pedro Henriques, adiantado da Andaluzia. Porém, D. Fernando sabia que era arriscado montar um grande cerco sobre Utrera. 1477 tinha sido um ano de carestias e prontamente os granadinos tirariam partido da situação para atacar Fernando, não obstante os pactos firmados com o rei Albuacén. Mesmo ciente dos perigos, D. Fernando veio cercar Utrera e mandou que se entregasse a vila. Enquanto Isabel seguia para Sevilha, Fernando permaneceu três dias e seguiu para Sevilha, onde preparou a artilharia que utilizaria no assédio. D. Fernando decidiu confiscar o património de Saavedra, o qual reagiu com ameaças de o povo sevilhano se virar contra o rei e de participar em empresas pouco favoráveis à Coroa, denunciando, por exemplo, o favorecimento excessivo do almirante e tio do rei. Tentaram-se negociações, intermediadas pelo prior de S. Pablo de Sevilha, o frei Alonso de Carmona, mas foram infrutíferas.	XXVIII, cap. VI Palencia finda a década III sem concluir este episódio militar. A IV década já só diz respeito à guerra com Granada. Há, porém, menção à rendição de Guadaira, a 24 de Dezembro de 1477, no cap. IX.
Diego de VALERA	Cerco	<u>Partido de D. Fernando:</u> Juan de Viedma; Vasco de Vivero; Pedro de Ribadeneira; Rodrigo del Aguila <u>Partido de Fernando Arias de Saavedra (conluído com o marquês de Cádiz, Rodrigo Ponce de León):</u> Fernando Arias de Saavedra, mariscal	<u>Partido de D. Fernando:</u> 600 lanças <u>Partido de Fernando Arias de Saavedra:</u> omisso	Fernando Arias de Saavedra detinha a fortaleza de Utrera e teve conhecimento que D. Fernando e D. Isabel a queriam tomar. Avisou os vizinhos que os reis queriam tomar a vila para dá-la a Pedro Henriques, adiantado e seu tio. Afirmou ainda que o monarca não teria condições para sustentar um longo cerco, especialmente devido às guerras com França e com Portugal. D. Fernando e Isabel vieram pessoalmente e fizeram pregão para se entregar a fortaleza, o qual não teve resposta. Os capitães Juan de Viedma, Vasco de Viver, Pedro de Ribadeneira e Rodrigo del Aguila ficaram a tomar conta do cerco e D. Fernando foi a Sevilha para conseguir as máquinas de guerra necessárias ao cerco, o qual durou bastante tempo, mas que acabou por ser tomada pela força, fazendo-se justiça: foram enforcados quarenta homens e Fernando Arias Saavedra foi perdoado.	XLIII
Andres BERNÁLDEZ	Cerco 1477/Novembro	<u>Partido de D. Fernando:</u> Biedma, Sancho de Águila; Vasco de Vivero; Gutierre de Cardenas <u>Partido de Fernando Arias de Saavedra:</u> Alonso Tellez, alcaide da fortaleza; Fernando Arias de Saavedra, mariscal; Juan de	<u>Partido de D. Fernando:</u> 600 lanças 2 000 peões <u>Partido de Fernando Arias de Saavedra:</u> 40 ou 50 escudeiros e outros homens de armas, contratados	Os reis aposentaram-se em Utrera, na casa de Pedro Mateus. Daí mandou recado ao alcaide da fortaleza para a entregar, o qual se negou. A fortaleza estava bem aprovisionada de armas e vitualhas. Esta fortaleza tinha ainda cavas, baluartes e paliçada. O partido de D. Fernando cercou a fortaleza durante quatro meses, recorrendo ao uso de lombardas grandes e outros tiros médios, até que derrubaram os adarves e causaram bastante danos na torre de menagem, destruindo inclusivamente as escadas de acesso ao piso de cima. Os sitiadores fizeram ainda minas. Mais tarde veio Juan de Robles com gente de Jerez e Lebrija. Houve então uma escaramuça, morrendo muitos de ambos os partidos. Os de dentro deitaram ainda azeite a ferver	XXX-XXXI É notável a riqueza de pormenores que tem este cerco comparado com outros recontros anteriores.

		Guzman; Juan de Robles, alcaide de Jerez		sobre as cavas, para matar os homens de D. Fernando. Vendo então que o ataque não teve sucesso, os sitiadores retiraram e Juan de Robles voltou a Jerez. Prosseguiu o cerco e um dia, Juan de Robles foi atingido por uma seta na cara, pela qual morreu. Veio ajudar no cerco o marquês de Cádiz. À hora de comer, tentaram os sitiadores surpreender a guarnição sitiada. Porém, o escudeiro que estava de atalaia, chamado Morales, apercebeu-se dos movimentos de fora, mas foi atingido por uma serpentina na cabeça, não podendo dar o alarme. Foi um ataque bem sucedido e o alcaide foi preso e tomaram-lhe as armas e tudo o que estava na fortaleza. Por ordem do rei, foi feita justiça com enforcamentos e alguns que foram degolados. Alguns homens foram poupados pela acção do marquês de Cádiz, incluindo Fernando Arias de Saavedra, o qual mais tarde se aliou com o rei de Granada, embora uma vez mais tenha sido perdoado pelos <i>Católicos</i> .	
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco 1477/Outubro a 1478/Abril/6	<u>Partido de D. Fernando:</u> Juan de Biedma; Vasco de Vivero; Pedro de Rivadeneyra; Rodrigo de Aguila; Hernando Arias de Saavedra <u>Partido do duque de Medina Sidónia:</u> omisso	<u>Partido de D. Fernando:</u> 600 lanças <u>Partido do duque de Medina Sidónia:</u> omisso	Mais um episódio de guerra civil que opõe o marquês de Cádiz – Rodrigo Ponce de León, ao duque de Medina Sidónia. Se as fortalezas de Alcalá de Guadaira, Constantina e Utrera não fossem entregues ao rei (eram controladas pelo marquês de Cádiz), então que as fortalezas do duque de Medina Sidónia fossem confiscadas e entregues ao marquês de Cádiz: Lebrija, Alcantarilla e Utrera. D. Fernando mandou cercar Utrera através dos seus capitães e vai a Sevilha para requisitar a artilharia necessária ao cerco. Em Dezembro. É também neste mês que se assina uma trégua de três anos com Granada, pelo que os senhores que lucravam com as guerras e “ <i>atendían a nuevas cosas perdieron la esperanza que tenían de ser socorridos</i> ”. Guadaira capitulou a 24 de Dezembro de 1477, ao mesmo tempo que Hernando Arias de Saavedra se apoderou furtivamente da torre de Matrera, enquanto a torre de Membrilla foi conquistada. A 6 de Abril de 1478 a fortaleza não pôde mais sustentar o cerco e entregou-se.	Livro XX, cap. XII, XXI
Crónica Incompleta...	---	---	---	---	---
Cronicón de Valladolid...	Cerco 1477/Out/07 a 1478/Mar/29	<u>Partido de D. Fernando:</u> Marquês de Cádiz; D. Manuel León, comendador-mor de Leão; Vasco Vivero; Sancho del Aguila; Ruiz Lopez de Toledo, comendador-mor por	---	Fortaleza tomada.	pp. 133-136 Uma outra acção militar mas que o <i>Cronicón</i> menciona,

		Gonçalo Chacon <u>Partido do duque de Medina</u> <u>Sidónia:</u> omisso			ocorreu em Outubro de 1477, quando foi conquistado o alcácer de Jerez de la Frontera.
--	--	--	--	--	---

Moura					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	1478	<u>Partido de D. Fernando:</u> Lopo Vaz de Castelo Branco, alcaide de Moura <u>Partido de D. Afonso V:</u> João Palha; Mem Palha; Diogo Gil e Rui Gil	---	Lopo Vaz de Castelo Branco – Torrão de alcunha, tomou voz por D. Fernando e declarou a vila e fortaleza por Castela e proclamou-se conde e Moura. Porém, arrependeu-se e tornou-se à obediência de Afonso V e desistiu do título, embora D. João tenha perdido toda a confiança nele e o tenha mandado matar, facto que aconteceu numa saída que o alcaide teve com os irmãos Palha e Gil. Quando o príncipe foi informado disto, veio à vila juntamente com a corte e entregou-a à infanta D. Beatriz.	CCIII
Damião de GÓIS	1478, tendo já D. Afonso V regressado de França	<u>Partido de D. Fernando:</u> Lopo Vaz de Castelo Branco, alcaide de Moura <u>Partido de D. Afonso V:</u> João Palha; Mem Palha; Pedro Palha; Brás Palha; Diogo Gil e Rui Gil	---	Lopo Vaz de Castelo Branco, cuja alcunha era o Torrão, alçou voz por D. Fernando e intitulou-se conde de Moura. Indignado com isto, o príncipe mandou matar o dito alcaide por intermédio de João Palha, Mem Palha, Pedro Palha e Brás Palha, irmãos e de Diogo Gil e Rui Gil, também irmãos. Todos primos e naturais de Évora. A vila foi entregue à infanta D. Beatriz.	XCVIII
Garcia de RESENDE	1478, tendo já D. Afonso V regressado de França	<u>Partido de D. Fernando:</u> Lopo Vaz de Castelo Branco, alcaide de Moura <u>Partido de D. Afonso V:</u> João Palha; Mem Palha; Pedro Palha; Brás Palha; Diogo Gil e Rui Gil	---	Lopo Vaz de Castelo Branco tomou voz por D. Fernando e intitulou-se conde de Moura. Embora se tenha arrependido e voltado à obediência de D. Afonso V, o príncipe D. João mandou matá-lo pelos irmãos Palha e Gil. A fortaleza foi entregue à infanta D. Beatriz.	XX
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio	---	---	---	---	---

Marineo SÍCULO					
Jerónimo ZURITA	1478/Agosto	<u>Partido de D. Fernando:</u> Lopo Vasques de Castelo Branco, alcaide de Moura <u>Partido de Afonso V:</u> omisso	---	O alcaide de Moura tomou voz por D. Fernando e proclamou-se conde de Moura.	Livro XX, cap. XXIV
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Mérida / Medellín / Montánchez					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
	Rui de PINA	---	---	---	---
	Damião de GÓIS	---	---	---	---
	Garcia de RESENDE	---	---	---	---
	Fernando del PULGAR	---	---	---	---
	Afonso de PALENCIA	---	---	---	---
	Diego de VALERA	---	---	---	---
	Andres BERNÁLDEZ	<p>Cerco 1478/Setembro</p> <p><u>Partido de D. Fernando:</u> Alonso de Cardenas, mestre de Santiago; Rodrigo de Cardenas, comendador; Martin de Cabra; Luis Portocarrero; conde de Medellín; Pedro de Portocarrero, senohjr de Moguer e genro do mestre de Santiago; Juan Nuñez de Prado; Juan de Vera, alcaide de Mérida</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> Beatriz Pacheco, condessa de Medellín; Alonso de Monroy, craveiro e mestre de Alcântara; D. Garcia de Menezes</p>	<p><u>Partido de D. Fernando:</u> 150 lanças</p> <p><u>Partido de D. Afonso V:</u> omisso</p>	<p>Partindo de Sevilha, D. Isabel e D. Fernando pacificaram a Andaluzia. Porém, estavam rebeladas as vilas de Mérida, Medellín, dominadas por Beatriz Pacheco. Alonso de Monroy controlava as fortalezas de Montánchez, Azagala e Piedrabuena. A casa de Stuñiga ajudou a tomar Alcântara, cabeça do mestrado do mesmo nome. Alonso de Monroy tomou o partido de D. Afonso V porque não lhe deram o mestrado de Alcântara como queria. O conde de Medellín ainda falou com alguns vizinhos da vila para tentar conquistar Medellín, mas Alonso de Monroy veio em socorro de Beatriz Pacheco e evitar que a vila fosse tomada. A caminho vinha Alonso de Cardenas, mestre de Santiago, o qual partindo de Llerena, teve um encontro bélico entre Mérida e Valverde com Alonso de Monroy. Lutaram e Monroy foi desbaratado, escapando-se o craveiro para Mérida. Estes cercos ainda duravam no Verão de 1479, cinco meses depois da batalha de Albuera. Novamente o mestre de Santiago tinha homens muito próximo da cidade, em Menga-Abril e Don Benito. Mérida esperava socorro que nunca lhe chegou, por isso teve de se dar por partido e assim se começaram a tratar as pazes com Portugal. Montánchez, tida por Alonso Monroy, esteve durante muito tempo cercada, mas sem sucesso para os sitiadores. Apenas passou para o partido dos reis porque D. Francisco, filho do mestre de Santiago negociou a entrega.</p>	<p>XXXVI, XLI</p> <p>Afirma o cronista que a guerra entre Portugal e Castela durou quatro anos e nove meses</p>
	Lúcio Marineo	---	---	---	---

SÍCULO					
Jerónimo ZURITA	---	---	---	---	---
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

	Escalona				
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Escaramuças 1479	<u>Partido de D. Fernando:</u> Duque de Villahermosa, capitão-mor das <i>hermandades</i> : Jorge Manrique; Pero Ruiz de Alarcón <u>Partido do marquês de Villena:</u> Juan Pacheco, irmão do marquês de Villena; Juan de Luján, alcaide	<u>Partido de D. Fernando:</u> omisso <u>Partido do marquês de Villena:</u> 400 cavaleiros 500 peões	D. Isabel e D. Fernando enviaram o irmão bastardo do rei para, a partir de Amoróx e Maqueda – lugares próximos de Escalona, fazerem guerra à vila. Numa das escaramuças, devido à sua ousadia, morreu Jorge Manrique pelos golpes dos inimigos. Diego Pacheco enviou Rodrigo de Casteñeda a peticionar ao rei o perdão em seu nome.	CI
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Cerco 1479	<u>Partido de D. Fernando:</u> Duque de Villahermosa <u>Partido do marquês de Villena:</u> Juan Pacheco, irmão do	---	Comandando os homens da <i>hermandad</i> , o duque de Villahermosa ataca Escalona.	Livro XX, cap. XXX

		marquês de Villena; Juan de Luján, alcaide			
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Alberca					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Batalhas 1479	<u>Partido de D. Fernando:</u> Pedro Ruiz de Alarcón <u>Partido do marquês de Villena:</u> Pedro de Baeza	<u>Partido de D. Fernando:</u> 180 lanças 250 infantes <u>Partido do marquês de Villena:</u> 500 lanças	Por diversas vezes Pedro Ruiz de Alarcón derrotou Pedro de Baeza, matando 180 cavaleiros.	Livro XX, cap. XXX
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Jorge Manrique vs Diego Pacheco					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Batalhas 1479	<u>Partido de D. Fernando:</u> Jorge Manrique <u>Partido do marquês de Villena:</u> Pedro de Baeza	---	Jorge Manrique e os seus homens tiveram vários recontros militares com os homens do marquês de Villena. Por diversas vezes foram vencidos por Pedro Baeza. No último recontro Jorge Manrique ficou ferido, razão pela qual veio a falecer mais tarde. Diego Pacheco justifica esta agressão contra D. Fernando e D. Isabel pelo facto de lhe estarem a ser confiscados as suas terras injustamente.	Livro XX, cap. XXX
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Albuera					
Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo	
Rui de PINA	Batalha 1479	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Garcia de Meneses, bispo de Évora; João de Meneses; Diogo Lopes de Sousa; Afonso Teles <u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Cardenas, mestre de Santiago	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 700 cavaleiros alguns peões <u>Partido de D. Fernando:</u> 1 300 cavaleiros 3 000 peões	A condessa de Medellín, D. Beatriz Pacheco requeriou a ajuda de D. Afonso V, uma vez que esperava ser atacada por Afonso de Cardenas. O rei português enviou como capitão-mor o bispo de Évora, D. Garcia de Meneses e outros capitães: D. João de Meneses, irmão do bispo; Diogo Lopes de Sousa; Afonso Teles. Estando já o bispo em terras castelhanas e sendo Afonso de Cardenas avisado da entrada portuguesa e como essa força expedicionária era pouco numerosa, este apressou-se a ir esperá-lo próximo de Mérida. Relata o cronista que Garcia de Meneses podia não ter dado batalha, mas optou por fazê-lo, não obstante a disparidade de números. Dessa decisão resultou a derrota dos portugueses e o cativo do bispo. Porém, este subornou o escudeiro que o aprisionou e o escudeiro levou-o a Mérida, onde a condessa de Medellín o recebeu e ele se refugiou, embora tenha permanecido cercado todo Verão, até que houve paz entre os reinos.	CCV
Damião de GÓIS	Batalha 1479	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Garcia de Meneses, bispo de Évora; João de Meneses; Diogo Lopes de Sousa; Afonso Teles <u>Partido de D. Fernando:</u> Afonso de Cardenas, comendador-mor de Leão	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 700 cavaleiros dos quais 200 eram castelhanos; peonagem <u>Partido de D. Fernando:</u> 1 300 cavaleiros 3 000 peões	O exército português penetrou até junto de Mérida. Afonso de Cardenas, que naquele tempo estava na vila de Lobão foi esperá-lo junto à cidade. O bispo reuniu conselho para determinar se havia de dar batalha. Considerando que não aceitar a batalha seria desonroso, o bispo determinou que se pelejaria. Após os sucessivos choques, houve muitos mortos e feridos de ambas as partes, mas os portugueses foram desbaratados e D. Garcia de Meneses feito prisioneiro por um escudeiro castelhano, a quem conseguiu subornar para se soltar.	XCIX
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	Batalha Primeiro dia da Quaresma, 1479	<u>Partido de D. Afonso V:</u> Garcia de Meneses, bispo de Évora; Francisco Falcão; Cristóbal de Bermúdez; Afonso de Almeida <u>Partido de D. Fernando:</u>	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 700 cavaleiros, dos quais 200 eram castelhanos <u>Partido de D. Fernando:</u> omisso	D. Garcia de Meneses veio em socorro da condessa de Medellín, em Mérida. O mestre de Santiago em sendo avisado da vinda do capitão português, preparou os seus homens por onde os portugueses haviam de passar: Albuera. Os castelhanos a quem se deviam juntar os portugueses, chefiados pelo craveiro de Alcântara, receando uma cilada dos homens do mestre de Santiago, não foram ao encontro dos portugueses. Os capitães Martim de Córdova, Sancho del Águila e Alfonso Enríquez,	CVI, CVII

		Alfonso de Cardenas, mestre de Santiago; Martim de Córdoba; Sancho del Águila; Alfonso Enríquez, capitães		dividiram os homens em três esquadras, aos quais corresponderam outros três capitães portugueses. Pulgar diz que os soldados portugueses eram homens habituados à guerra e bem armados, alguns dos quais haviam pertencido às guarnições de Castronuño e Cantalapedra. A batalha podia ter pendido para qualquer partido, durante as 3 horas em que se combateu. No primeiro embate, os peões do mestre de Santiago foram rechaçados pelos cavaleiros portugueses, mas, por fim, estes começaram a fugir, sendo perseguidos pelos castelhanos, os quais se apoderaram de todas as bandeiras portuguesas, sendo inclusivamente presos D. Garcia de Meneses e Cristóbal de Bermúdez. Do lado português houve muitos mortos e feridos, enquanto do lado castelhano apenas houve alguns mortos e muitos feridos. A vitória coube ao mestre de Santiago, o qual ficou em campo.	
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ	Batalha 1479/Fev/24	<u>Partido de D. Afonso V:</u> D. Garcia de Meneses, bispo de Évora <u>Partido de D. Fernando:</u> Alonso de Cardenas	<u>Partido de D. Afonso V:</u> 800 cavaleiros peões <u>Partido de D. Fernando:</u> 800 cavaleiros 500 peões	Albuera situa-se a uma légua de Mérida, onde devia chegar uma guarnição portuguesa para socorrer Beatriz Pacheco e Alonso Monroy. Os números dos eram muito semelhantes. D. Martin de Cabra comandava a vanguarda dos castelhanos, enquanto D, Fernando, irmão do bispo de Évora, conduzia a vanguarda portuguesa. No primeiro embate os castelhanos foram desbaratados, mas reagruparam junto a um cerro e houve um novo choque manteve-se a incerteza para quem penderia a vitória até que Martin de Cabra voltou à refrega com a gente que havia reagrupado no junto ao cerro e carregou sobre os inimigos. Alonso de Cardenas reconhecendo a bandeira do seu companheiro, incendiou os corações dos seus homens e juntos puderam derrotar os portugueses. Na peleja morreram trinta escudeiros portugueses e foram presos mais de 300. No partido castelhano foram mortos dez homens e houve muito poucos feridos. Afirma ainda o cronista que aqui não entraram na refrega nenhuns peões, mas apenas cavaleiros. O bispo de Évora salvou-se da prisão porque houve um escudeiro de Alonso de Cardenas natural de Uheda, que por piedade o deixou escapar, fugindo ambos até Mérida. Naturalmente que esta piedade teve um custo, já que o bispo lhe fez grandes mercês.	XXXVII
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo	Batalha	<u>Partido de D. Afonso V:</u>	---	A batalha deu-se a duas léguas de Mérida, já que o bispo de Évora tentava	Livro XX, cap.

ZURITA	1479/Fev/23	Bispo de Évora <u>Partido de D. Fernando:</u> Alonso de Cardenas		juntar a sua hoste à do claveiro. Porém, foi desbaratado pelos castelhanos, cercando-se posteriormente Mérida, Medellin, Montánchez, Castilnovo, Deleitosa, Magazela, Zalamea, Benquerencia e Almorchón, todas pertencentes à Ordem de Alcântara.	XXX
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Diego López de Faro vs Pedro Fajardo					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	---	---
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	---	---	---	---	---
Andres BERNÁLDEZ					
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	Escaramuça	<u>Partido de D. Diego López de Faro:</u> Diego López de Faro <u>Partido de Pedro Fajardo:</u> Pedro Fajardo	---	Já durante o período de se assentarem as pazes entre Portugal e Castela, há ainda conflitos de bandos na Andaluzia. Isabel e Fernando tentaram aproximar estas duas facções, já que Diego López de Faro desafiou o adiantado de Múrcia – Pedro Fajardo, por este ter prendido Juan Alonso de Faro, seu pai.	Livro XX, cap. XXXV
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

Galiza					
	Operação militar; data (quando mencionada)	Comandantes	N.º de Efectivos	Resultado	Capítulo; Obs.
Rui de PINA	---	---	---	---	---
Damião de GÓIS	---	---	---	---	---
Garcia de RESENDE	---	---	---	---	---
Fernando del PULGAR	---	---	---	Este capítulo faz uma breve menção à conquista de Tuy e Baiona do Minha, na Galiza, por Pero Álvarez de Sotomayor, em nome de Afonso V.	XXXVIII
Afonso de PALENCIA	---	---	---	---	---
Diego de VALERA	Cerco 1480/Outubro (cap. XXXV); Escaramuça	<u>Partido de D. Fernando:</u> Fernando de Acuña, conde de Buendia <u>Partido de D. Afonso V:</u> Pero Pardo, mariscal	<u>Partido de D. Fernando:</u> 80 escudeiros <u>Partido de D. Afonso V:</u> 120 escudeiros	Aproveitando a observação de Pulgar, refira-se que este cronista também faz menção à fortaleza de Tuy e à vila de Vivero, detidas por seguidores de Afonso V: Pero Alvarez de Sotomayor e Pero Pardo respectivamente. Posteriormente, Fernando de Acuña foi enviado à Galiza para fazer justiça em nome dos reis, cuja comarca albergava bastantes ladrões e tiranos, tendo castigado mais de 300 malfeitores e mandado derrubar quarenta e cinco fortalezas grandes. Cercou, durante oito meses, Pero Pardo, em Peña Fouseira. Pero Pardo teve de dar a fortaleza por partido e, em seguida, a fortaleza foi derrubada. Este mariscal acantonou-se depois na fortaleza de Castro do Oro, tendo ocupados os castelos de Mondoñedo e Tuy. Para Fernando de Acuña o capturar, saiu de noite de Sarriá, a vinte e quatro léguas de Castro do Oro, com 100 lanças e vinte peões, sem pajens devido à dificuldade no terreno e mesmo usando velas e ordenando os soldados em pequenos grupos, perdeu vinte escudeiros. Chegou a Castro do Oro ao amanhecer. Pero Pardo saiu a pelejar com Fernando de Acuña, tendo o primeiro a superioridade numérica. Ainda assim, teve de retirar para a fortaleza, a qual foi em seguida cercada. Acuña acabou por conquistar a fortaleza e prendeu o mariscal, aplicando a justiça máxima a outros nobres que estavam na fortaleza. Como consequência, as cidades, igrejas e fortalezas foram restituídas aos bispos, donos legítimos. Uma vez que já se estava em período de paz, Fernando de Acuña acordou com o corredor português de Entre-Douro e Minho – Doutor de Figueiredo, cada um devia entregar ao outro os malfeitores estrangeiros capturados no território de cada um. A Galiza havia sido assim pacificada pela ação do	XXIX, XXXV

				conde de Buendia.	
Andres BERNÁLDEZ	---	---	---	---	---
Lúcio Marineo SÍCULO	---	---	---	---	---
Jerónimo ZURITA	---	---	---	---	---
<i>Crónica Incompleta...</i>	---	---	---	---	---
<i>Cronicón de Valladolid...</i>	---	---	---	---	---

ÍNDICE

1. Alcaraz	p. 3
2. Ciudad Rodrigo	p. 6
3. Ouguela (vila na comarca de Elvas, Alentejo).....	p. 8
4. Belméz (castelo).....	p. 10
5. Noudar (castelo)	p. 12
6. Alegrete (vila na comarca de Portalegre, Alentejo): ocupação castelhana e recuperação portuguesa	p. 15
7. Burgos (castelo e igreja de Santa Maria la Blanca).....	p. 18
8. Valência (castelo).....	p. 22
9. Toro (castelo)	p. 23
10. Toro (cidade).....	p. 25
11. Zamora (cidade)	p. 29
12. Herreros (próximo de Tordesilhas)	p. 31
13. Ciudad Real.....	p. 33
14. Uclés	p. 35
15. Mourão / Moura.....	p. 38
16. Villanueva de Barcarrota	p. 40
17. Baltanás.....	p. 41
18. Martín Muñoz de las Posadas	p. 45
19. Alcoutim	p. 46
20. Frejenal	p. 47
21. Trujillo	p. 49
22. Cantalapiedra.....	p. 52
23. Ocaña (vila).....	p. 55
24. Fronteira alentejana	p. 57
25. Zamora (torre, cidade e fortaleza)	p. 58
26. San Felices de los Gallegos / Ledesma.....	p. 64
27. Entre Toro e Zamora.....	p. 67
28. Zamora (ponte).....	p. 69
29. Toro	p. 73
30. Atienza / Caracena.....	p. 84
31. Madrid.....	p. 86

32. Chinchilla / Almansa / Villena (lugares do marquesado de Villena)	p. 89
33. Segóvia.....	p. 92
34. Cantalapiedra.....	p. 94
35. Castronuño	p. 97
36. Siete Iglesias.....	p. 100
37. Toro (cidade e fortaleza).....	p. 102
38. Diogo de Castro vs Afonso de Cardenas	p. 106
39. Huete.....	p. 107
40. Évora.....	p. 109
41. Monteleón	p. 111
42. Utrera / Alcalá de Guadaira	p. 113
43. Moura.....	p. 117
44. Mérida / Medellín / Montánchez	p. 119
45. Escalona	p. 121
46. Alberca.....	p. 123
47. Jorge Manrique vs Diego Pacheco	p. 124
48. Albuera.....	p. 125
49. Diego López vs Pedro Fajardo	p. 128
50. Galiza	p. 129